



UNIVERSIDADE DE ÉVORA | ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**AVALIAÇÃO DAS PRÁTICAS
EDUCATIVAS FAMILIARES
NA PERSPECTIVA
DOS PAIS E FILHOS:
A VERSÃO PORTUGUESA DA PEF**

Ana Leonor Louro Borges Fernandes
Orientação: Prof. Doutor Vítor Franco

Mestrado em Psicologia
Área de especialização: Psicologia da Educação



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Psicologia
Especialização em Psicologia da Educação

Dissertação

**Avaliação das Práticas Educativas Familiares na perspectiva dos pais e
filhos: a versão portuguesa da PEF**

Ana Leonor Louro Borges Fernandes

Orientador:
Professor Doutor Vítor Franco

Évora 2012

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha família sem a qual a realização desta dissertação de mestrado seria impossível, em especial, à minha mãe pelo seu exemplo de força e por sempre acreditar em mim.

Em segundo lugar, quero agradecer ao Professor Doutor Vítor Franco, por me ter despertado o interesse pela área dos estilos educativos parentais e pelas suas críticas e sugestões.

Em terceiro lugar, quero agradecer às crianças, mães, pais, educadoras, professoras e equipas de Intervenção Precoce, que despenderam do seu tempo e atenção para me ajudarem a realizar esta investigação.

Em quarto lugar, quero agradecer aos autores da versão original das *Escalas de Identificação de Práticas Educativas Familiares (PEF)*, Julia Alonso García e José María Román Sánchez, pelo seu consentimento para as explorarmos na sua versão portuguesa.

Avaliação das Práticas Educativas Familiares na perspectiva dos pais e filhos: a versão portuguesa da PEF

RESUMO

A presente investigação teve como finalidade o estudo das qualidades psicométricas da versão portuguesa das *Escalas de Identificação de Práticas Educativas Familiares* (PEF). Este instrumento, originalmente desenvolvido em espanhol, tem por objectivo a avaliação das práticas educativas parentais na percepção dos adultos/pais (Escala PEF-A) e na percepção das crianças/filhos (Escala PEF-H), através das quais se obtém estilos educativos parentais. O estudo das qualidades psicométricas das Escalas englobou um total de 150 participantes e indicou a sua adaptabilidade. Foram encontradas, diferenças entre os estilos educativos percebidos por pais e mães e entre os estilos educativos percebidos por filhos/filhas, tal como correlações significativas entre percepções de pais e mães e filhos/filhas, e associações entre percepções de estilos parentais e variáveis sócio-demográficas de pais e mães e filhos/filhas. Através da comparação com uma amostra constituída por 40 participantes acompanhados pela Intervenção Precoce, foram encontradas diferenças nos estilos educativos percebidos como utilizados pelas mães.

Palavras – Chave: PEF, práticas educativas parentais, estilos educativos parentais, estudos psicométricos, percepção da criança, percepção dos pais, variáveis sócio-demográficas, intervenção precoce

Evaluation of Family Educational Practices in the perspective of fathers and sons: the Portuguese version of the PEF

ABSTRACT

This research focused on the study of the psychometric qualities of the Portuguese version of the *Scales for the Identification of Family Educational Practices* (PEF). This instrument, originally developed in Spanish, is aimed at assessing parenting practices in the perception of adults/parents (PEF Scale-A) and the perception of children/child (Scale PEF-H), through which educational parenting styles are obtained. The study of the psychometric qualities of the scales included a total of 150 participants and indicated its adaptability. Differences were found between the educational styles perceived by mothers and fathers and between educational styles perceived by sons/daughters. Significant correlations were also found, between perceptions of mothers and fathers and sons/daughters, as well as associations between perceptions of parenting styles and socio-demographic variables of mothers and fathers and sons/daughters. By comparing a sample of 40 participants accompanied by early intervention, we found differences in educational styles perceived as being used by mothers.

Key-words: PEF, parenting practices, parental rearing style, psychometric studies, the child's perception, perception of parents, socio-demographic variables, early intervention

ÍNDICE

Introdução	1
------------------	---

I - Enquadramento Teórico

1. Família, Socialização e Estratégias de Socialização

1.1. Desenvolvimento Histórico	5
1.2. Família e Socialização	8
1.3. Estratégias de Socialização	11
1.3.1. Práticas e Estilos Educativos Parentais: Definições conceptuais	11
1.3.2. Desenvolvimento Científico	12
1.3.3. Classificação Tipológica de Baumrind	16
1.3.4. Modelo Integrativo de Darling e Steinberg	21
1.3.5. Modelo Tradicional e Modelo Construtivista de Socialização	23
1.3.6. Escalas de Identificação PEF	25
1.3.7. Variáveis sócio-demográficas e Estilos Educativos Parentais	28
1.4. Intervenção Precoce e Estilos Educativos Parentais	34

II – Estudo Empírico

2. Enquadramento do estudo, Objectivos e Questões de Investigação

2.1. Enquadramento do estudo e objectivos	39
2.2. Objectivos específicos	40
2.3. Questões de investigação	41

3. Método

3.1. Participantes	43
3.1.1. Crianças e adultos do pré-escolar e 1º ano	44
3.1.2. Crianças e mães acompanhadas pela Intervenção Precoce	46
3.2. Instrumento	48
3.2.1. Questionários de caracterização pessoal	48
3.2.2. Escalas de Identificação de Práticas Educativas Familiares (PEF)	48
3.3. Procedimentos	51
3.3.1. Tradução/Adaptação do instrumento	51
3.3.2. Recolha de dados	52
3.3.3. Análise de dados	53

3.4. Cuidados éticos e deontológicos	54
4. Apresentação e Análise de dados	
4.1. Análise descritiva e Comparação de médias	57
4.1.1. Escala para crianças/filhos PEF-H.....	57
4.1.2. Escala para adultos/pais PEF-A	66
4.1.3. Análise comparativa entre a percepção dos adultos/pais (PEF-A) e das crianças/filhos (PEF-H)	81
4.2. Avaliação da qualidade psicométrica das Escalas PEF-H E PEF-A	85
4.2.1. Fiabilidade	85
4.2.2. Validade.....	88
4.3. Correlações	91
4.3.1. Correlações entre Escalas PEF-H.....	91
4.3.2. Correlações entre Escalas PEF-H.....	91
4.3.3. Correlações entre Escalas PEF-A e PEF-H (Mãe - Filho)	92
4.3.4. Correlações entre Escalas PEF-A e PEF-H (Pai – Filho)	93
4.4. Variáveis sócio-demográficas e Estilos Educativos Parentais	95
4.4.1. Género das crianças/filhos e dos adultos/pais e percepção dos estilos educativos parentais	95
4.4.2. Habilitações académicas dos adultos/pais e percepção dos estilos educativos parentais	97
4.4.3. Estado civil dos adultos/pais e percepção dos estilos educativos parentais.....	99
4.4.4. Ano de escolaridade dos filhos (pré-escolar ou 1º ano) e percepção das crianças/filhos e dos adultos/pais sobre os estilos educativos parentais.....	100
4.4.5. Número de filhos/irmãos e percepção das crianças/filhos e adultos/pais sobre os estilos educativos parentais.....	101
4.5. Análise Descritiva e Comparação de médias – Intervenção Precoce	105
4.5.1. Escala para Crianças/Filhos PEF	105
4.5.2. Análise comparativa entre percepções de crianças acompanhadas pela IP e crianças não acompanhadas pela IP	108
4.5.3. Escala para Adultos/Pais PEF-A	110
4.5.4. Análise comparativa entre percepções de mães acompanhadas pela IP e mães não acompanhadas pela IP	116
4.5.5. Análise comparativa entre a percepção das crianças/filhos acompanhadas pela IP e adultos/mães acompanhados pela IP.....	118
5. Discussão de resultados	122
III – Conclusões	129

5. Referências Bibliográficas	133
-------------------------------------	-----

Índice de Figuras

Figura 1. Definição de Baumrind dos Estilos Educativos Parentais segundo o controlo parental (Alonso, 2005)	14
Figura 2. Tipologia Quadripartida dos Estilos Educativos Parentais de Maccoby e Martin (Alonso, 2005)	14
Figura 3. Descrições prototípicas dos três principais padrões de comportamento parental segundo Baumrind (Pereira, 2010)	18
Figura 4. Modelo Integrativo de Darling & Steinberg (1993)	22
Figura 5. Exemplo de uma situação hipotética da Situação 1. <i>Quando iniciam algo novo</i> , referente ao Conflito Externo (PEF-A)	49
Figura 6. Exemplo de uma situação hipotética da Situação1. <i>Quando inicia algo novo</i> , referente ao Conflito Externo (PEF-H)	49
Figura 7. Exemplo de uma prancha para o género masculino, Situação 1. <i>Quando inicia algo novo</i> , referente ao Conflito Externo (PEF-H)	50

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização das crianças/filhos do Pré-escolar e 1º ano	44
Tabela 2. Caracterização dos adultos/pais do 1º ano	45
Tabela 3. Caracterização das crianças/filhos acompanhados pela Intervenção Precoce	46
Tabela 4. Caracterização dos adultos/mães acompanhados pela Intervenção Precoce	47
Tabela 5. Frequências e modas das respostas das crianças em relação ao pai por estilos, situações e conflitos (Escala PEF-H)	57
Tabela 6. Frequências e modas das respostas das crianças em relação à mãe por estilos, situações e conflitos (Escala PEF-H)	59
Tabela 7. Análise comparativa entre as frequências e a moda das respostas das crianças em relação aos pais e às mães na Situação 1 (Escala PEF-H)	61
Tabela 8. Análise comparativa entre as frequências e a moda das respostas das crianças em relação aos pais e às mães na Situação 2 (Escala PEF-H)	61
Tabela 9. Análise comparativa entre as frequências e a moda das respostas das crianças em relação aos pais e às mães na Situação 3 (Escala PEF-H)	62
Tabela 10. Análise comparativa entre as frequências e a moda das respostas das crianças em relação aos pais e às mães na Situação 4 (Escala PEF-H)	63
Tabela 11. Análise comparativa entre as frequências e a moda das respostas das crianças em relação aos pais e às mães na Situação 5 (Escala PEF-H)	63
Tabela 12. Descritivas e comparação de médias globais dos estilos educativos percebidos por crianças/filhos em relação aos pais e mães da nossa amostra (portugueses) com as médias globais dos estilos educacionais percebidos por crianças/filhos percebidos em relação aos pais e mães da versão original da PEF-H (espanhóis) (PEF-H)	64
Tabela 13. Comparação de médias entre estilos educativos percebidos por pais e mães da versão portuguesa (portugueses) e estilos educativos percebidos por pais e mães da versão original (espanhóis) (PEF-A)	65
Tabela 14. Comparação de médias entre estilos educativos percebidos por pais e mães (PEF-A)	65
Tabela 15. Frequências, médias e desvio padrão das respostas do pai na Situação 1 (Escala PEF-A)	66
Tabela 16. Frequências, médias e desvio padrão das respostas do pai na Situação 2 (Escala PEF-A)	67
Tabela 17. Frequências, médias e desvio padrão das respostas do pai na Situação 3 (Escala PEF-A)	68
Tabela 18. Frequências, médias e desvio padrão das respostas do pai na Situação 4 (Escala PEF-A)	69

Tabela 19. Frequências, médias e desvio padrão das respostas do pai na Situação 5 (Escala PEF-A)	70
Tabela 20. Frequências, médias e desvio padrão das respostas das mães na Situação 1 (Escala PEF-A)	71
Tabela 21. Frequências, médias e desvio padrão das respostas das mães na Situação 2 (Escala PEF-A)	72
Tabela 22. Frequências, médias e desvio padrão das respostas das mães na Situação 3 (Escala PEF-A)	73
Tabela 23. Frequências, médias e desvio padrão das respostas das mães na Situação 4 (Escala PEF-A)	74
Tabela 24. Frequências, médias e desvio padrão das respostas das mães na Situação 5 (Escala PEF-A)	75
Tabela 25. Análise comparativa entre a média das respostas dos pais por situação e conflito e a média das respostas das mães Situação 1 (Escala PEF-A)	76
Tabela 26. Análise comparativa entre a média das respostas dos pais por situação e conflito e a média das respostas das mães Situação 2 (Escala PEF-A)	77
Tabela 27. Análise comparativa entre a média das respostas dos pais por situação e conflito e a média das respostas das mães Situação 3 (Escala PEF-A)	77
Tabela 28. Análise comparativa entre a média das respostas dos pais por situação e conflito e a média das respostas das mães Situação 4 (Escala PEF-A)	78
Tabela 29. Análise comparativa entre a média das respostas dos pais por situação e conflito e a média das respostas das mães Situação 5 (Escala PEF-A)	79
Tabela 30. Comparação de médias entre estilos educativos percebidos por pais e mães da versão portuguesa (portugueses) e estilos educativos percebidos por pais e mães da versão original (espanhóis) (PEF-A)	80
Tabela 31. Comparação de médias entre estilos educativos percebidos por pais e mães (PEF-A)	80
Tabela 32. Consistência interna global analisada através do alfa de cronbach global (PEF-H)	85
Tabela 33. Consistência interna dos estilos através do alfa de cronbach global (PEF-H)	85
Tabela 34. Consistência interna da forma analisada através do alfa de cronbach em cada forma (PEF-A)	86
Tabela 35. Consistência interna de cada situação analisada através do alfa de cronbach (PEF-A)	86
Tabela 36. Consistência interna de cada forma segundo os estilos analisada através do alfa de cronbach (PEF-A)	87
Tabela 37. Consistência interna da soma conjunta dos estilos de pais e mães analisada através do alfa de cronbach segundo estilos (PEF-A)	87
Tabela 38. Variância total explicada na forma dos pais após a retirada de itens (PEF-H Pais)	89
Tabela 39. Variância total explicada na forma mães após a retirada de itens (PEF-H Mães)	89
Tabela 40. Variância total explicada (PEF-A)	90
Tabela 41. Matriz de componentes rodada (PEF-A)	90
Tabela 42. Correlações entre os estilos percebidos pelos pais e mães (PEF-A)	91
Tabela 43. Correlações entre os estilos percebidos por crianças/filhos sobre os pais e mães (PEF-A)	92
Tabela 44. Correlações entre a percepção do filho sobre o estilo educativo da mãe e a percepção da mãe sobre o estilo educativo que utiliza (PEFA e PEF-H)	93
Tabela 45. Correlações entre percepção do filho sobre o estilos educativo do pai e a percepção do pai sobre o estilos educativo que utiliza (PEF-A e PEF-H)	93
Tabela 46. Percepção das crianças/filhos sobre os estilos educativos parentais do pai (Teste t de Student)	95
Tabela 47. Comparação de médias entre os dois géneros das crianças/filhos em relação à percepção dos estilos educativos do pai ...	95
Tabela 48. Percepção das crianças/filhos sobre os estilos educativos parentais da mãe (Teste Mann-Whitney)	96
Tabela 49. Comparação de médias entre os dois géneros das crianças/filhos em relação à percepção dos estilos educativos da mãe	96
Tabela 50. Percepção de pais e mães sobre os estilos educativos parentais que percebem segundo o género das crianças/filhos (Teste t de Student)	96
Tabela 51. Comparação de médias dos estilos educativos de pais e mães em relação ao género das crianças/filhos	97
Tabela 52. Habilitações académicas dos pais e percepção dos estilos educativos parentais (Anova)	97
Tabela 53. Habilitações académicas dos pais e percepção dos estilos educativos parentais (Teste de Tukey)	98
Tabela 54. Habilitações académicas das mães e percepção dos estilos educativos parentais (Anova)	98
Tabela 55. Habilitações académicas das mães e percepção dos estilos educativos parentais (Teste de Tukey)	98
Tabela 56. Habilitações académicas das mães e percepção do estilo educativo permissivo (Teste de Tukey)	99
Tabela 57. Estado civil dos pais e percepção dos estilos educativos parentais (Testes t de Student)	99
Tabela 58. Estado civil dos pais e percepção dos estilos educativos parentais (Testes de Mann-Whitney)	99
Tabela 59. Estado civil das mães e percepção dos estilos educativos parentais (Testes t de Student)	100
Tabela 60. Estado civil das mães e percepção dos estilos educativos parentais (Teste Mann-Whitney)	100
Tabela 61. Ano de escolaridade das crianças/filhos e estilo educativo percebido pelas crianças/filhos (Testes t de Student)	100

Tabela 62. Ano de escolaridade das crianças/filhos e estilo educativo percebido pelas crianças/filhos (Teste Mann-Whitney)	101
Tabela 63. Ano de escolaridade das crianças/filhos e estilo educativo percebido pelos adultos/pais (Testes t de Student)	101
Tabela 64. Ano de escolaridade dos filhos e estilo educativo percebido pelos adultos/pais (Teste de Mann-Whitney)	102
Tabela 65. Número de irmãos e percepção dos estilos educativos parentais de pais e mães (Testes t de Student)	102
Tabela 66. Número de irmãos e percepção dos estilos educativos parentais de pais e mães (Teste de Mann-Whitney)	102
Tabela 67. Número filhos e percepção dos estilos educativos parentais de pais e mães (Teste t student)	102
Tabela 68. Número filhos e percepção dos estilos educativos parentais de pais e mães (Teste de Mann-Whitney)	103
Tabela 69. Frequências e modas das respostas das crianças em relação à mãe por estilos, situações e conflitos (PEF-H)	105
Tabela 70. Descritivas e comparação de médias globais dos estilos educativos percebidos por crianças/filhos acompanhados pela Intervenção Precoce e médias globais dos estilos educativos percebidos por crianças/filhos não acompanhados pela Intervenção Precoce	107
Tabela 71. Descritivas sobre os estilos educativos das mães percebidos por crianças/filhos acompanhados pela IP (PEF-H)	107
Tabela 72. Frequências, médias e desvio padrão das respostas da mães na Situação 1 (Escala PEF-A)	111
Tabela 73. Frequências, médias e desvio padrão das respostas da mães na Situação 2 (Escala PEF-A)	112
Tabela 74. Frequências, médias e desvio padrão das respostas da mães na Situação 3 (Escala PEF-A)	113
Tabela 75. Frequências, médias e desvio padrão das respostas da mães na Situação 4 (Escala PEF-A)	114
Tabela 76. Frequências, médias e desvio padrão das respostas da mães na Situação 5 (Escala PEF-A)	115
Tabela 77. Descritivas sobre os estilos educativos das mães na percepção dos adultos/mães acompanhados pela IP (PEF-A)	118

Índice de Anexos

Anexo I – Informação e Questionário de Caracterização Pessoal - PEF-A	141
Anexo II – Escala PEF-A (versão portuguesa)	145
Anexo III – Informação e Questionário de Caracterização Pessoal - PEF-H	153
Anexo IV - Escala PEH-H (versão portuguesa)	157
Anexo V - Material Gráfico da Escala PEF-H (versão portuguesa)	163

Introdução

De entre todos os mamíferos, o ser humano é aquele com maior período de dependência dos seus cuidadores. Este período prolongado de dependência pode potenciar ou prejudicar o desenvolvimento global do ser humano (Piovanotti, 2007). No mundo ocidental, é a família de origem a principal responsável por assegurar os cuidados básicos de sobrevivência e por transmitir as primeiras competências, hábitos, valores, padrões de comportamento e interpretações sobre o mundo, que são incorporados pela criança durante o desenvolvimento da sua personalidade (Relvas & Alarcão, 2002).

A família tem, assim, como uma das suas tarefas, por excelência, a socialização dos seus membros mais novos. Esta é, no entanto, uma das tarefas mais complexas da família pós-moderna, em consequência das profundas transformações sócio-económicas que se têm reflectido sobre a estrutura familiar e sobre a forma de cumprir as funções que tradicional e universalmente lhe foram adjudicadas (Bem & Wagner, 2006; Irma, 2006; Silveira, Pacheco, Cruz & Schneider, 2005; Torío, Peña & Inda, 2008; Wagner, Predebon & Falcke, 2005). De acordo com Aboim (2006), enquanto noutros países do mundo ocidental estas transformações ocorreram de forma gradual, ao longo de cinquenta ou sessenta anos, no nosso país ocorreram de forma abrupta, a um ritmo de aceleração considerável que atravessou os últimos trinta anos. Assistindo-se, actualmente, a uma forte dispersão de valores sobre a família e sobre o como educar as crianças e adolescentes do século XXI.

Neste sentido, tendo como ponto de partida que a relação pais-filhos¹ pode promover ou prejudicar o desenvolvimento infantil global (Alvarenga & Piccinini, 2001; Chitas, 1998), e as contínuas transformações sócio-económicas que têm ocorrido e que se reflectem sobre as estruturas familiares, existe, nos dias de hoje, um profundo interesse em compreender o processo de interacção, através do qual as figuras parentais transmitem os seus valores, competências, objectivos e atitudes aos seus filhos (Spera, 2005).

Uma forma objectiva de estudar e intervir sobre a relação entre pais-filhos é através dos estilos educativos parentais que, de entre outras influências parentais, são

¹ Nesta investigação entender-se-á “*relação pais-filhos*” tanto para a relação pai-filho como para a relação mãe-filho, quando for necessária a diferenciação, será especificado o género; Entender-se-á, também, “filho” ou “filhos” tanto para filhos como para filhas, quando for necessário a diferenciação, será especificado o género;

um dos construtos mais poderosos no âmbito da literatura sobre a socialização (Winsler, Madigan & Aquilino, 2005; Xia & Qian, 2005).

Os estilos educativos parentais envolvem dimensões da cultura familiar como a dinâmica da comunicação familiar, do apoio emocional e do controlo presentes nas interações pais-filhos e surgem do conjunto de determinadas práticas educativas parentais². As práticas educativas, referem-se a situações concretas do quotidiano (como por exemplo, hábitos de higiene, alimentação, normas de interação social, entre outros), específicas da interação pais-filhos e que têm como objectivo induzir a criança a comportar-se de acordo com determinados padrões de comportamento (Pereira, 2010; Torío, Peña & Rodríguez, 2008).

O interesse pelos estilos e práticas educativas parentais teve início no século XX, a partir da década de 30, quando os investigadores procuraram responder a questões como: *"Qual a melhor forma de educar os filhos?"* e *"Quais são as consequências que podem ser provocadas no desenvolvimento das crianças educadas por diferentes modelos de pais?"* (Darling & Steinberg, 1993). Especialmente, desde que Baumrind introduziu a tipologia dos estilos parentais, as relações entre estilos parentais e desenvolvimento humano foram amplamente estudadas (Chan & Chan, 2009).

Existem já várias investigações³ que respondem a estas questões e indicam a relação entre estes estilos educativos e o seu impacto sobre o desenvolvimento infantil, de entre elas, podemos destacar as que se referem: ao desempenho académico, segundo Burchinal, Peisner-Feinberg, Pianta e Howes (2002) os pais com um estilo educativo tendencialmente democrático⁴ têm filhos com mais alto desempenho académico, comparativamente aos que utilizam práticas educativas consistentes com um estilo permissivo ou autoritário; à competência social, Kaufmann, Gesten, Santa Lucia, Salcedo, Rendina-Gobioff e Gadd (2000), referem que existe uma relação positiva entre as práticas educativas e a competência social dos filhos, tendo-se verificado que práticas educativas consistentes com o estilo democrático se encontram associados a melhores níveis de competência social, em oposição aos filhos de pais que utilizam práticas educativas consistentes com um estilo autoritário; à auto-estima, Alonso e Román (2005), referem que o estilo equilibrado se encontra

² «Práticas educativas familiares» é o conceito utilizado pelos autores da versão original das *Escalas de Identificação PEF*, Alonso e Román (2003); Na presente investigação este conceito, apesar de mais amplo, tem a mesma conotação que o termo «Práticas educativas parentais», que foi o mais utilizado tendo em conta que nos restringimos à análise das práticas educativas de pais e mães, no entanto, as *Escalas de Identificação PEF* podem e devem ser preenchidas pelas figuras de referência para a criança, sejam pai ou mãe, ou por exemplo, avô e avó, daí a sua designação mais ampla de – *“Escalas de Identificação PEF”*;

³ Tendo em conta o amplo número de investigações nesta área, foram apenas considerados estudos referentes à infância.

⁴ *Estilo Educativo Democrático* é a designação original de Diana Baumrind, nesta investigação é também utilizada a designação *Estilo Educativo Equilibrado*, por se este o termo adaptado e utilizado pelos autores das *Escalas de Identificação PEF* (Alonso & Román, 2003);

relacionado com maiores níveis de auto-estima, em oposição ao estilo autoritário que se encontra relacionado com baixos níveis de auto-estima; e à depressão, num estudo efectuado por Darling (1999 cit. por Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004) os sintomas depressivos na infância foram associados ao estilo parental autoritário. As investigações anteriores indicam o impacto dos estilos educativos parentais no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos filhos. Contudo, devido às contínuas mudanças que têm ocorrido nos contextos sociais e familiares, o interesse por este tema não se esgota e são cada vez mais um tema de interesse para a comunidade científica.

A nível nacional, verificámos que os instrumentos que existem para a avaliação das práticas e estilos educativos parentais são limitados à percepção, exclusiva, dos filhos ou dos pais, não os analisando em correspondência e não contemplam a fase mais importante do desenvolvimento e em que se criam as bases da socialização – a infância. Em consequência, da quase inexistência de instrumentos portugueses ou adaptados para o português, que são a pedra basilar para que possam ser desenvolvidas investigações profundas sobre este tema, foram também por nós identificados poucos estudos nacionais, verificando-se, contudo, um crescente interesse sobre este tema no nosso país.

A presente dissertação pretende contribuir para a expansão do tema em questão, tendo em vista os seguintes objectivos: a) adaptação para o português e avaliação, de forma exploratória, das qualidades psicométricas de um instrumento de origem espanhola, as *Escalas de Identificación de “Prácticas Educativas Familiares” en niños pequeños* (Escalas de Identificação PEF), de Alonso e Román (2003), direccionadas para a infância e que se fundamentam numa perspectiva bidireccional, em que se tem em conta a percepção dos adultos/pais sobre as práticas educativas que utilizam e a percepção das crianças/filhos sobre as práticas educativas utilizadas pelos adultos/pais; b) verificar quais os estilos educativos parentais percebidas por pais e mães, tal como pelos seus respectivos filhos e analisar correlações entre ambas as percepções; c) verificar as eventuais relações entre estilos educativos parentais percebidas por crianças/filhos e adultos/pais e variáveis sócio-demográficas (género dos pais, género dos filhos, número de filhos/irmãos, habilitações académicas dos pais, estado civil dos pais, ano de escolaridade dos filhos e contexto cultural); d) verificar a percepção dos estilos educativos parentais de mães e filhos acompanhados pela Intervenção Precoce, comparativamente às de mães e filhos não acompanhados.

A presente dissertação é composta por duas grandes partes:

O enquadramento teórico, que é composto primeiramente por uma contextualização da evolução histórica das práticas educativas familiares, em que se conclui que estas, ao longo da história, estão intimamente relacionadas com o contexto social de cada época; em segundo lugar por uma revisão da literatura sobre a importância da família no processo de desenvolvimento e socialização da criança, fazendo-se ênfase sobre os contributos da *Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano*; em terceiro lugar, são abordadas com maior profundidade as estratégias de socialização, sendo definidos os conceitos de práticas e estilos educativos parentais e exploradas as várias contribuições teóricas e científicas nesta área, atribuindo-se especial ênfase à *Classificação Tipológica de Baumrind*, ao *Modelo de Darling e Steinberg* e às diferenças entre o *Modelo Tradicional* e o *Modelo Construtivista de Socialização*, que têm fundamentado a construção de instrumentos sobre as práticas e estilos educativos parentais; posteriormente, são explorados os pressupostos teóricos subjacentes às *Escala de Identificação PEF*; de seguida, são exploradas as influências de algumas variáveis sócio-demográficas sobre os estilos educativos parentais percebidos por adultos/pais e crianças/filhos; por último, é explorada a pertinência do estudo dos estilos educativos parentais no âmbito da Intervenção Precoce.

O estudo empírico, que é composto, em primeiro lugar por um enquadramento do estudo, dos objectivos e questões de investigação, onde se pretende dar direcção à parte empírica desta investigação; em segundo lugar, pelo método, onde se encontram descritos a amostra, os procedimentos, o instrumento, e os cuidados éticos e deontológicos de acordo com o *Código Deontológico dos Psicólogos Portugueses*; em terceiro lugar pelos resultados; e em quarto, pela discussão dos resultados obtidos à luz de outros estudos.

Por fim, são apresentadas as conclusões gerais desta investigação, onde são abordados os pontos fortes, as limitações, implicações práticas e sugestões para estudos futuros.

I – Enquadramento Teórico

1. Família, Socialização e Estratégias de Socialização

1.1. Desenvolvimento Histórico

O presente apenas pode ser compreendido e o futuro apenas pode ser planeado, após a compreensão sobre o passado. Neste sentido, iremos abordar as transformações que a família e as relações entre pais-filhos têm sofrido ao longo de diferentes períodos históricos do mundo ocidental.

Entre o séc. IV e XIII, por exemplo, como fica evidente nas manifestações artísticas da época, a criança era retratada como um adulto em miniatura. As crianças ficavam em casa dos pais, aproximadamente até aos 7 anos de idade e eram posteriormente enviadas para a casa de outras pessoas para serem educadas. A educação era transmitida de uma geração à seguinte, sem que os pais fossem os principais agentes dessa transmissão. A família possuía uma função moral e social, mais do que sentimental e, a relação entre pais-filhos, era baseada no dever absoluto da obediência, que era fundamental para a vigência da ordem social (Ariès, 1981 cit. por Wagner, Predebon & Falcke, 2006; Tomás, 2001).

Por volta dos séculos XIV e XVI, começou a ser valorizado um novo aspecto na educação dos filhos: a disciplina. Os pais tinham o dever de moldar os seus filhos e utilizavam, por vezes, manuais de instrução infantil e todo o tipo de castigos corporais e psicológicos (Badinter, 1985 cit. por Wagner, Predebon & Falcke, 2006; Izzedin & Pachajoa, 2009). Contudo, numa sociedade autoritária começaram a acontecer factos positivos, que serviram de base à instituição da infância moderna, de entre os quais: a permanência das crianças nos seus lares de origem; e, num contexto fortemente influenciado pelos eclesiásticos, as crianças começaram a frequentar a escola, ainda que existisse um controlo rígido. No entanto, estes factos não foram imediatamente generalizados a todas as classes sociais e géneros, tendo primeiramente ocorrido nas classes mais abastadas e excluído as raparigas (Chitas, 1998; Tomás, 2001; Wagner, Predebon & Fackle, 2006).

No séc. XVIII, surgiu através da Revolução Francesa (1789) uma nova ideologia, em que a criança era concebida como um ser humano que necessita de cuidados e atenção especial e estabeleceu-se que os pais não eram proprietários, nem credores dos seus filhos, mas sim seus devedores. Afirmou-se, neste século, a igualdade de nascimento quer no plano dos direitos, quer no plano dos deveres individuais e instituiu-se a necessidade da escolaridade obrigatória para todos. No entanto, existia um fosso entre a realidade legislativa e a realidade prática, e as crianças, especialmente, com o advento da Revolução Industrial, eram concebidas como mão-de-obra barata, um bem que podia ser explorado. Nesta época, existia, também, uma moralidade religiosa centralizada na ideia de que para salvar a alma da criança e torná-la temente a Deus, era necessário valorizar ao extremo a obediência e existia, assim, o recurso aos castigos físicos (Biasoli-Alves, 2001; Izzedin & Pachajoa, 2009).

Até meados do séc. XIX, as crenças e atitudes sobre a educação dos filhos continuaram vinculadas à religião e prevalecia um modelo autoritário de educação, em que a autoridade paterna era, quase, indiscutível. Os adultos tinham o controlo e a obediência das crianças através da punição severa. Definia-se como criança ideal aquela que seguia rigorosamente as regras que os adultos impunham e que não questionava as ordens (Biasoli-Alves, 2001). De meados do séc. XIX até meados do séc. XX, surgiu uma mudança na mentalidade e nas práticas educativas, a criança começou a ser concebida como um ser humano com valor próprio e múltiplas capacidades, que necessita de cuidados e atenção especial e começou, assim, a existir um contacto mais intenso e afectivo entre pais e filhos. A figura materna passou a ter como principal função o cuidado, educação e vigilância da criança e da família, surgindo um maior controlo das mulheres associado a um declínio do poder patriarcal, ou seja, surgiu um deslocamento da autoridade parental para a afeição maternal (Chitas, 1998).

Através do advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ocorreram profundas transformações globais, de entre as quais: a industrialização; a urbanização; a evolução tecnológica; a globalização; a divulgação dos métodos anti-conceptivos; a democratização entre os sexos que gerou a entrada da mulher no mercado de trabalho; a mudança no comportamento dos casais (a diminuição da natalidade, o aumento do número de divórcios e o desenvolvimento da coabitação juvenil); e, a expansão dos direitos humanos, particularmente das mulheres e crianças.

Estas modificações foram acompanhadas por transformações nas mentalidades e comportamentos e, repercutiram-se sobre a estrutura familiar (Gomes & Paiva, 2003).

A família nuclear com muitos filhos deu lugar a uma mais reduzida, e os papéis de género “mulher - dona de casa” e “homem - responsável pelo sustento da casa” entraram em crise. O papel da mulher que era, quase exclusivamente, determinado pelas suas funções de mãe e esposa, modificou-se em consequência da necessidade da mulher possuir, também, uma identidade profissional. Por outro lado, o papel do homem que estava mais relacionado com a imposição de disciplina, transmissão de valores morais e a provisão de recursos, passou a ser de maior participação e cooperação nas actividades domésticas e na educação dos filhos (Gomes & Paiva, 2003; López, 1998; Montandon, 2005; Tomás, 2001).

No período do pós-guerra, entre as décadas de 50 e 60, o *Movimento Higienista* influenciou as crenças e atitudes sobre a infância e surgiu a descoberta e valorização crescente das necessidades da criança, e de que estas vão além das necessidades de sobrevivência. Neste período, o comportamento das crianças ainda era controlado, porém de forma menos punitiva pois o objectivo era o de proporcionar uma infância feliz (Biasoli-Alves, 2001).

A partir da década de 70, deu-se uma flexibilização dos costumes morais e começou-se a questionar a autoridade parental. Através do *Movimento Hippie* como resposta às guerras, a informalidade impôs-se nos costumes, roupas e linguagem. Diversas correntes psicológicas começaram a enfatizar a importância da liberdade de expressão sobre a educação, e os pais ancoraram-se em valores de afecto e igualdade entre pais-filhos, e questionavam o excesso de controlo, evitavam a rigidez e frustração, e valorizavam o amor incondicional e a flexibilidade, procurando responder a todas as necessidades dos seus filhos. Com o tempo esta ideia expandiu-se para a concepção de que não se deviam colocar limites às crianças e de que se devia permitir a estas encontrarem-se a si próprias (Irma, 2006).

Actualmente, no séc. XXI, a família da pós-modernidade é influenciada, entre outros factores, pela evolução das novas tecnologias de comunicação e informação, o aumento da competitividade e da mobilidade, o agravamento de fenómenos como a precariedade laboral e o desemprego, o aumento da violência e da exclusão social, a diminuição do apoio inter-geracional e a mudança da estrutura familiar. O aumento do número divórcios e de famílias monoparentais repercute-se na coexistência de múltiplas e novas configurações familiares, em que as famílias actuais se constituem de uma forma mais ampla, incluindo os novos parceiros (marido da mãe/esposa do

pai) e os filhos e irmãos agregados (Gomes & Paiva, 2003). Em consequência, os papéis de género dentro da família (tanto do casal como dos filhos) estão em redefinição, baseiam-se em princípios mais igualitários, assim como as relações entre pais-filhos, passaram de verticais a horizontais e democráticas. Passou-se de um modelo tradicional, controlador e autoritário, para um modelo moderno, fundamentando numa maior valorização da criança e da comunicação, no qual não existem castigos físicos nem psicológicos para educar (Izzedin & Pachajona, 2009). De acordo com Gundelach (2001 cit. por Biasoli-Alves, 2001), nas sociedades europeias, ocorreu uma profunda transformação dos valores sociais, e o padrão de educação autoritário foi substituído pelo padrão permissivo. Perante este contexto em mudança, as tarefas da paternidade e maternidade, que apresentam uma série de características próprias, tornam-se especialmente difíceis tendo em conta a sociedade actual.

Em suma, verificamos que uma viagem no tempo transporta-nos inevitavelmente para realidades bem distantes das nossas actuais concepções sobre o papel dos pais na educação dos filhos. Contudo, apesar de diferentes concepções sobre família, criança e educação serem construídas em cada momento social e, apesar de todas as mudanças que têm afectado a família, esta continua a ser um elemento fundamental na socialização dos seus membros (López, 1998).

1.2. Família e Socialização

A gestação de um bebé é um período cheio de expectativas em que a família se prepara para a chegada de um novo membro. A criança que nasce não se incorpora a um contexto vazio, muito pelo contrário, nasce e cresce num contexto familiar repleto de expectativas, crenças, valores e objectivos. Este cenário familiar forma um conjunto de influências que contribuirão para a formação dos indivíduos, constituindo-se numa peça essencial para compreender o desenvolvimento social, cognitivo e psicológico do ser humano (Bem & Wagner, 2006; Relvas & Alarcão, 2002).

A família é, assim, o primeiro e mais influente contexto sobre o desenvolvimento humano, através dela a criança elabora uma imagem a respeito de si

própria, dos outros e do mundo, e adquire as primeiras competências e hábitos que lhe permitem conquistar a sua autonomia (Álvarez, 2010; Xia & Qian, 2001).

A *Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano*, proposta por Urie Bronfenbrenner (1996 cit. por Cecconello, 2003), explica esta influência da família sobre o desenvolvimento humano.

De acordo com esta teoria, a família é o primeiro contexto com o qual a criança interage activamente através de relações face-a-face. Inicialmente, estas interações ocorrem de forma diádica, como, por exemplo, através da relação mãe-criança e, aos poucos, as relações vão se expandindo dentro do grupo familiar, formando, dentro deste sistema, vários subsistemas, como a relação pai-criança e a relação entre irmãos. A família com a qual a criança interage directamente é denominada de microssistema. Idealmente, o microssistema familiar é a maior fonte de segurança, protecção, afecto, bem-estar e apoio para a criança. Nele a criança exercita papéis e experimenta situações, sentimentos e actividades. Dentro dele, a criança desenvolve o senso de permanência (percepção de que elementos centrais da experiência de vida são estáveis e se mantêm organizados, através de rotinas e rituais familiares) e o de estabilidade (fornecido através do sentimento de segurança dos pais aos filhos, de que não haverá rupturas, mesmo perante situações de *stress*). A noção de permanência e estabilidade fazem a família funcionar como um sistema integrado, cujo objectivo principal é o de promover o bem-estar dos seus membros.

Bronfenbrenner (1996 cit. por Cecconello, 2003) destaca, ainda, três características que se estabelecem nas relações dentro da família: a reciprocidade, o equilíbrio de poder e o afecto. Em qualquer relação, o que uma pessoa faz influência a outra, e vice-versa, caracterizando a reciprocidade. Contudo, mesmo que as relações sejam assim caracterizadas, um dos participantes pode ser mais influente do que o outro. A extensão em que, numa relação, A é mais influente que B e esta condição é saudável e confortavelmente aceite é definida como equilíbrio de poder. Para uma criança, a participação numa díade oferece a oportunidade de aprender a lidar com relações de poder. Uma situação óptima para o desenvolvimento é aquela em que o equilíbrio de poder gradualmente se altera em favor da pessoa em desenvolvimento, promovendo o desenvolvimento da autonomia. Além da reciprocidade e equilíbrio de poder, existe outra característica que desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento: o afecto. Quanto mais positivas e calorosas forem as relações de

uma díade, maior a probabilidade de ocorrerem processos evolutivos de forma adaptada.

Pelo que foi anteriormente exposto, depreendemos que as relações estabelecidas com a família, concretamente com as figuras parentais, são as relações mais intensas e de acção mais profunda sobre a personalidade humana, constituindo-se como a base de referência para a formação de novos vínculos ao longo do ciclo da vida. Quando ocorrem problemas durante a formação destes laços com a família, é possível que se repercutam sobre o desenvolvimento da criança e sobre outras relações que ela estabeleça ao longo da vida (Cecconello, 2003).

A família tem, no entanto, um poder absoluto e, ao mesmo tempo, indefinido sobre o desenvolvimento global infantil, isto porque, podem existir certas características já definidas ao nascer, assim como podem existir outros contextos que influem de forma paralela à educação oferecida pela família (por exemplo, escola e grupo de amigos) e, também, porque a família influencia, mas também ela é influenciada por situações mais distais do seu contexto social, económico, político e cultural (Heno, Ramírez & Ramírez, 2007).

Contudo, é a família o primeiro núcleo social da criança, é a mediadora entre o individual e o social, e por isso, é o meio ideal para a elaboração e aprendizagem de dimensões significativas da interacção, tais como, os contactos corporais, a linguagem, a comunicação e as relações interpessoais, tendo como uma das suas funções principais, a socialização dos seus membros (Álvarez, 2010; Martínez, 2005).

A socialização é um processo mediante o qual se transmite a cultura de uma geração à seguinte, e em que entram em jogo um conjunto de relações entre a criança, a família e a sociedade; é um processo de aprendizagem não formalizado e, em grande parte, inconsciente, através do qual a criança internaliza padrões de comportamento, atitudes, motivações e competências, característicos e adaptados para a família e cultura na qual vive; é, também, um processo bidireccional, ou seja, as figuras parentais transmitem mensagens aos seus filhos, mas os seus filhos são co-responsáveis pela aceitação, receptividade e interiorização dessas mesmas mensagens (Martínez, 2005; Spera, 2005).

Para cumprirem o papel de agentes de socialização dos seus membros, as figuras parentais recorrem a estratégias de socialização, as designadas práticas educativas parentais, que de acordo com Chan, Bowes e Wyver (2009) são a pedra angular da socialização das crianças.

A qualidade das práticas das práticas educativas utilizadas constitui um ponto fulcral no desenvolvimento da criança, pois estas influenciam de forma diversificada o desenvolvimento de determinadas características da criança, podendo actuar como factor de protecção, através do envolvimento, afecto e regras claras, mas também como factor de risco, através da punição física, negligencia, regras inconsistentes ou ausência de regras (Gomes & Paiva, 2003; Torío, Peña & Rodríguez, 2008).

1.3. Estratégias de Socialização

1.3.1. Práticas e Estilos Educativos Parentais: Definições conceptuais

Apesar de as práticas educativas parentais e os estilos educativos parentais se referirem ambos ao processo de socialização, são entendidos pela maior parte dos estudos como dimensões diferentes, tanto conceptualmente como na forma de avaliação (Pacheco, Silveira & Schneider, 2008).

Darling e Steinberg (1993) introduzem uma importante distinção na literatura entre estes dois conceitos.

De acordo com estes autores, os estilos parentais consistem numa *“constellation of attitudes toward the child that are communicated to the child and that, taken together, create an emotional climate in which the parent’s behavior are expressed”* (Darling & Steinberg, 1993, p.488), e incluem comportamentos com objectivos de socialização direccionados para diferentes domínios (académico, social e afectivo) que os pais manifestam através das práticas educativas parentais (comunicação digital) e comportamentos com objectivos não direccionados, como gestos, mudanças de entonação da voz ou expressões emocionais espontâneas (comunicação analógica).

As práticas educativas parentais são, assim, *“specific, goal-directed behaviors through which parents perform their parental duties”* (Darling & Steinberg, 1993, p.488), e através das quais, as figuras parentais, pretendem moldar e condicionar os comportamentos dos seus filhos na direcção que eles valorizam e desejam de acordo com a sua personalidade. O objectivo das práticas educativas é o de estimular a independência, a autonomia e a responsabilidade, para que mais tarde os filhos possam desempenhar adequadamente o seu papel social (Alvarenga, 2001; Alvarenga & Piccinini, 2001; Darling & Steinberg, 1993).

1.3.2. *Desenvolvimento científico*

A noção de que as práticas educativas parentais têm um profundo impacto sobre o desenvolvimento humano remonta há vários séculos (Pereira, 2010), no entanto, o estudo científico do papel das figuras parentais no desenvolvimento dos filhos é mais recente.

A importância científica outorgada à educação parental no desenvolvimento da personalidade das crianças iniciou-se por volta dos anos 20, através dos conhecimentos de Watson sobre o *Modelo Condicionista*, em que adoptou uma posição extrema, suscitando uma grande polémica com as suas afirmações sobre o condicionamento clássico na educação. Posteriormente, os conhecimentos de Freud, que surgiram durante os anos 30, sobre o desenvolvimento da psicosexualidade nas crianças e as suas possíveis fixações incrementaram a compreensão do papel dos pais no desenvolvimento dos filhos (Alonso, 2005). Entre 1920 e 1940, a Psicologia do Desenvolvimento era, assim, dominada por uma visão determinista e unidireccional dos efeitos do comportamento parental, suportada pelas teorias de tradição psicanalítica e pelas teorias de inspiração comportamental (Pereira, 2010). Nesta altura, começaram a surgir as primeiras informações sobre os efeitos das práticas educativas parentais no desenvolvimento, através dos estudos sobre a delinquência infantil, que apresentavam conclusões fracas (Marin, 2009).

Entre 1940 e 1950 os estudos fundamentavam-se em manipulações experimentais combinadas a observações naturalistas e a evolução dos computadores permitiu o uso de amostras maiores e procedimentos estatísticos mais refinados, na tentativa de estudar múltiplas influências sobre o desenvolvimento infantil (Marin, 2009). Começou-se, também, a considerar a relação entre pais e filhos nos estudos que inicialmente se centravam exclusivamente na relação entre mães e filhos (Pereira, 2010).

Foi, contudo, através dos estudos de Kurt Lewin em 1939 sobre os estilos de liderança (autoritário, democrático e *laissez-faire*) e o conceito de atmosfera de grupo, que surgiram as primeiras linhas de investigação e tipologias sobre os estilos educativos parentais. De entre eles, destaca-se Baldwin, que se focou em identificar estilos parentais semelhantes aos estilos de liderança (autoritário, democrático e *laissez-faire*) que se manifestam no seio dos grupos. Baldwin estudou as consequências em termos de risco e protecção de dois estilos parentais: o *estilo democrático-recíproco*, caracterizado pela tentativa amistosa de envolver a criança no

processo decisório familiar; e o *estilo autoritário*, impositivo e hostil aos interesses e vontades da criança (Darling & Steinberg, 1993; Spera, 2005).

No entanto, foi Diana Baumrind, que ampliou, definitivamente, a teoria de Lewin ao âmbito da família e criou a mais conhecida e influente abordagem tipológica sobre os estilos parentais.

Numa altura em que a esfera dos estilos parentais era dominada por uma polarização entre o padrão autoritário (conservador) e o padrão liberal (permissivo), Baumrind classificou os participantes através da utilização de análises de clusters, e encontrou, consistentemente, três clusters: democrático, autoritário e permissivo. Descreveu, ainda, dois tipos de pais permissivos – aqueles que não querem repreender os seus filhos, e aqueles que se evadem da responsabilidade sobre os seus filhos (Pellerin, 2005). Identificou, também, duas dimensões parentais: responsividade (do original *responsiveness*), que se refere às atitudes de apoio e compreensão por parte dos pais que favorecem a individualidade e a auto-afirmação dos filhos; e a exigência (do original *demandiness*), que se refere à implementação de limites e regras que favoreçam a disciplina e o respeito, ou seja, refere-se à forma como os pais demonstram controlo para com os seus filhos (Aunola, Stattin & Nurmi, 2000; Spera, 2005).

Baumrind criou, assim, uma categorização tipológica (ver fig. 1) fundamentada num modelo dinâmico e não unidireccional do processo de socialização, ou seja, através dos contributos de Baumrind ocorreu uma mudança de paradigma, em que a visão unidireccional do comportamento parental evoluiu para uma abordagem focada nos processos, que contempla uma causalidade recíproca, em que a criança, ainda que de forma indirecta, contribui para o seu próprio desenvolvimento através da forma como influencia o comportamento das figuras parentais (Marin, 2009; Pereira, 2010).

Figura 1. Definição de Baumrind dos Estilos Educativos Parentais segundo o controlo parental (Alonso, 2005)

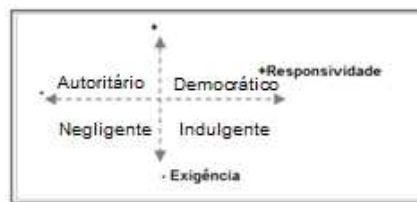


Os estudos de Baumrind inspiraram posteriormente a realização de um conjunto diverso de trabalhos de investigação.

Maccoby e Martin em 1983, por exemplo, evoluíram a tipologia de Baumrind ao estabelecerem as duas dimensões de Baumrind – responsividade e exigência – num

modelo de dois por dois, e ao dividir o estilo permissivo em dois tipos (indulgente e negligente), com diferentes padrões de parentalidade, ou seja, construíram uma nova tipologia da qual do cruzamento da responsividade e exigência resultam quatro estilos parentais - autoritário, democrático, indulgente e negligente - (ver fig. 2). (Pellerin, 2005).

Figura 2. Tipologia Quadripartida dos Estilos Educativos Parentais de Maccoby e Martin (Alonso, 2005)



De acordo com estas dimensões; o estilo autoritário é caracterizado pela baixa compreensão/apoio emocional e elevado controlo/exigência; o estilo indulgente apresenta resultados elevados na compreensão/apoio emocional e baixos no controlo/exigência; o estilo democrático é caracterizado por resultados elevados na compreensão/apoio emocional e no controlo/exigência; e o estilo negligente apresenta resultados baixos na compreensão/apoio emocional e no controlo/exigência (Kaufmann et al., 2000). Salientando os estilos indulgente e negligente, que resultaram da evolução do modelo de Baumrind: no primeiro enquadram-se pais que são afectuosos e calorosos, mas que não estabelecem regras nem limites e são excessivamente tolerantes perante os desejos dos filhos; no segundo, enquadram-se os pais que não exigem responsabilidade aos seus filhos e não encorajam a sua independência, são pais indiferentes e centrados neles próprios, que não respondem às necessidades físicas, emocionais e afectivas dos seus filhos (Gomes, 2010).

Posteriormente, Baumrind também adoptou esta classificação quadripartida nas suas investigações.

O estilo educativo indulgente e o estilo educativo negligente, não serão alvo do presente estudo, dado que o instrumento utilizado para avaliar os estilos educativos parentais (*Escala de Identificação PEF*) não os contempla na sua formulação, e o termo estilo educativo democrático é, também, substituído pelo termo estilo educativo equilibrado, por ser considerado como mais adequado pelos autores das *Escala de Identificação PEF*.

Muitas investigações têm sido desenvolvidas sobre os estilos educativos parentais e vários instrumentos têm sido elaborados para medir os estilos.

Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch (1991), são um dos exemplos. Estes autores, que tiveram como base a classificação quadripartida dos estilos parentais de Maccoby e Martin, construíram um instrumento próprio para avaliar os estilos parentais, através do desenvolvimento de duas escalas, uma de compreensão/apoio e outra de controlo/exigência, em que a partir da combinação destas duas dimensões se classifica o estilo parental dos pais. Estes autores também discutiram sobre os efeitos dos diferentes estilos educativos parentais no desenvolvimento dos filhos adolescentes e, concluíram que os adolescentes que percebem os seus pais como democráticos mostram mais aspectos positivos de desenvolvimento (alto índice de competência psicológica e baixo índice de disfunção comportamental e psicológica), contrariamente aos que percebem os seus pais como negligentes, que mostram aspectos negativos. Os adolescentes que perceberam os seus pais como autoritários obtiveram medidas razoáveis na obediência aos adultos, mas apresentaram um baixo auto-conceito, em oposição os adolescentes que definiram os seus pais como permissivos apresentaram um forte auto-conceito, mas uma maior taxa de abuso de drogas e mau desempenho académico.

Um ano depois foi replicada a investigação (Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts & Dornbusch, 1994) com uma parte dos mesmos adolescentes que participaram na investigação de Lamborn et al. (1991) e verificou-se que as diferenças de ajustamento dos adolescentes conforme o estilo parental dos seus pais se mantiveram ou tiveram, mesmo, um aumento.

Actualmente, o estudo das práticas e estilos educativos parentais está relacionado com a adopção de abordagens mais ecológicas que consideram a influência de múltiplos determinantes intra-familiares e extra-familiares no desenvolvimento da criança (Pereira, 2010). Segundo Darling e Steinberg (1993) para compreender como os componentes do estilo parental se articulam de modo a influenciar o desenvolvimento da criança, é preciso entender como isso se processa no contexto familiar, indo além da análise de influências imediatas e voltando-se também para a cultura, a classe social e a composição da família. Neste sentido, a literatura mais recente tem enfatizado a importância de considerar a influência dos progenitores de forma probabilística, entendendo o comportamento parental como parte de uma matriz de factores de risco e de protecção que conduzem a resultados particulares nas crianças (Maccoby, 2002 cit. por Pereira, 2010).

1.3.3. *Classificação Tipológica de Baumrind*

Baumrind desenvolveu um modelo teórico que utiliza uma abordagem tipológica ou configuracional para definir os estilos parentais, ou seja parte de dimensões mais ou menos amplas de práticas educativas parentais para então definir tipos ou estilos parentais, argumentando que um aspecto do comportamento parental é dependente da configuração de todos os outros aspectos (Pereira, 2010).

Baumrind reformulou e ampliou a antiga visão de controlo, antes definido como severidade e uso de punição física, atribuindo-lhe uma nova conotação. Na sua concepção, o conceito de controlo é utilizado para se referir às tentativas dos pais para integrarem a criança à família e à sociedade, e está relacionado com exigências e expectativas de maturidade impostas pelos pais através de confrontações directas, supervisão e disciplina consistente (Darling & Steinberg, 1993; Pereira, 2010). Esta nova visão possibilitou uma diferenciação qualitativa da autoridade parental, caracterizada pela combinação entre diferentes níveis de controlo e aspectos como envolvimento afectivo e comunicação, o que lhe permitiu distinguir três tipos qualitativamente distintos de controlo parental: permissivo, autoritário e democrático.

Para além da abordagem tipológica, os estudos de Baumrind distinguem-se igualmente pelo recurso a diferentes instrumentos de recolha de dados (questionários de auto-relato, testes standardizados, entrevistas estruturadas aos pais e observações em laboratório e naturalistas) e a diferentes informadores para a avaliação dos estilos educativos parentais e da competência da criança (Pereira, 2010).

Parte do projecto de investigação de Baumrind envolveu um desenho longitudinal de forma a avaliar a relação entre os diferentes padrões de comportamento parental e a competência da criança em três períodos do desenvolvimento: período pré-escolar, período escolar e adolescência. Em cada período do desenvolvimento, eram adicionadas medidas na bateria de instrumentos, de forma a incluir meios de avaliação adequados a cada faixa etária.

Relativamente à idade pré-escolar, foram realizados dois estudos com amostras homogéneas, todas as crianças eram brancas e provenientes de famílias de classe média e de zonas urbanas.

Num primeiro estudo piloto (Baumrind, 1967 cit. por Pereira, 2010), foram avaliadas crianças de 3 e 4 anos e as suas famílias. A competência da criança foi definida em função da avaliação em cinco dimensões da competência instrumental:

autocontrolo, tendência para a aproximação ou para o evitamento, vigor, auto-confiança e afiliação a pares. Foram considerados três grupos de criança: *maturas* (crianças que revelaram as pontuações mais elevadas nas dimensões auto-confiança, auto-controlo, vigor e tendência para aproximação), *disfóricas-desafiliadas* (crianças que revelaram as pontuações mais baixas nas dimensões afiliação aos pares e vigor e que não tinham pontuações elevadas na dimensão tendência para a aproximação) e *imaturas-dependentes* (crianças que revelaram as pontuações mais baixas nas dimensões auto-confiança, auto-controlo e tendência para a aproximação). A interacção entre as crianças incluídas nestes três grupos e os pais foi observada numa tarefa de laboratório e em casa, sendo adicionalmente realizada uma entrevista individual a cada um dos pais. Os pais foram avaliados segundo quatro dimensões de comportamento parental: controlo comportamental, exigências de maturidade, clareza da comunicação e afecto.

Os resultados revelaram que as crenças e comportamentos dos pais das crianças destes três grupos relativamente à autoridade parental eram distintos: no grupo de crianças *maturas*, os pais eram controladores e exigentes, mas, ao mesmo tempo, afectuosos, racionais, receptivos à comunicação e estimulavam a comunicação. Este padrão foi designado pela autora de estilo democrático; o grupo de crianças *disfóricas ou desafiliadas* tinha pais mais controladores, que utilizavam menos métodos de controlo racional e eram mais desligados e menos afectuosos para com as crianças. Este segundo padrão foi designado, pela autora, de autoritário; Por fim, os pais do terceiro grupo de crianças, *imaturamente-dependente*, tinham os menores níveis de controlo, faziam poucas exigências de maturidade aos filhos, e eram relativamente afectuosos, isto é mais do que os pais do grupo autoritário e menos do que os pais do grupo democrático, tendo recebido a designação de padrão permissivo.

Um segundo estudo (Baumrind, 1971 cit. por Pereira, 2010) foi realizado com crianças em idade pré-escolar e as suas famílias. Este estudo constitui também o primeiro momento de avaliação de uma investigação longitudinal, que inclui avaliações dos mesmos sujeitos para o período escolar e para a adolescência. Neste estudo, no período pré-escolar foram identificados três principais padrões de autoridade (ver fig. 3 para descrições prototípicas de cada um dos padrões), sendo o estilo democrático o que revelou resultados mais positivos relativamente ao desenvolvimento da competência nas crianças, quando comparados com o estilo permissivo e autoritário.

Figura 3. Descrições prototípicas dos três principais padrões de comportamento parental segundo Baumrind (Pereira, 2010).

<i>Autoritário</i>
Estes pais procuram moldar, controlar e avaliar o comportamento da criança de acordo com um padrão rígido de comportamento, que é considerado, frequentemente, como padrão absoluto. Os pais valorizam a obediência como virtude e recorrem a medidas punitivas quando o comportamento da criança entra em conflito com padrões de comportamento que considerem aceitáveis. Procuram transmitir determinados valores instrumentais como: o respeito pela autoridade, o respeito pelo trabalho e o respeito pela preservação da ordem e estrutura tradicional. Para além disso, estes pais não encorajam a troca de opiniões com os seus filhos, acreditando que as crianças devem aceitar a palavra dos pais como aquilo que está certo.
<i>Democrático</i>
Estes pais tentam orientar as actividades das crianças de uma forma mais racional. Encorajam a troca de ideias e partilham a razão de ser das directivas e, quando a criança se recusa em obedecer, solicitam que a criança lhes explique a razão do seu não conformismo. Estes pais valorizam atributos expressivos e instrumentais e valorizam, simultaneamente, a vontade própria e conformidade à disciplina. Exercem um controlo firme e consistente quando surgem divergências entre pais e filhos, mas sem serem restritivos. Confrontam as crianças para obter a sua conformidade, expressam os seus valores claramente e esperam que os filhos respeitem as normas. Estes pais fazem prevalecer a sua perspectiva enquanto adultos, mas reconhecem os interesses individuais e as características específicas das crianças. Reforçam e valorizam as qualidades actuais dos seus filhos, mas também estabelecem padrões para comportamento futuro. Recorrem à razão mas também ao seu poder e à manipulação dos reforços e punições para conseguir os seus objectivos. São responsivos afectivamente na medida em que são afectuosos, apoiantes e empenhados e responsivos cognitivamente, no sentido em que proporcionam um ambiente estimulante e desafiador.
<i>Permissivo⁵</i>
Os pais permissivos são menos controladores do que são afectivos ou promotores de autonomia. Estes pais tentam comportar-se de um modo positivo, aceite e não punitivo relativamente aos desejos e comportamentos dos seus filhos. Os pais vêem-se a si mesmos como um recurso para a criança utilizar como entende e não como um agente activo e responsável por moldar e alterar o comportamento presente e futuro da criança. Fazem poucas exigências de maturidade. O objectivo imediato para estes pais é dar à criança a maior liberdade possível, salvaguardando a sobrevivência física da criança. Os pais permitem que sejam as crianças a regular as suas próprias actividades, evitam exercer o controlo e não insistem para que as crianças obedeçam a padrões externamente definidos. Procuram utilizar a razão, mas evitam a utilização de poder expresso para conseguirem os seus fins.

Os resultados relativamente ao período pré-escolar revelaram diferenças mais elevadas ao nível da competência das crianças entre o padrão democrático e os outros padrões e não tanto entre o padrão permissivo e o autoritário. Embora estes dois últimos padrões apresentem diferenças relativamente ao suporte dado à criança e às exigências que lhe são colocadas em termos da obediência, os resultados destas diferenças foram difíceis de captar no período pré-escolar (Baumrind, 1975 cit. por Pereira, 2010). O padrão democrático revelou estar associado a níveis mais elevados

⁵ Maccoby e Martin (1983 cit. por Pereira, 2009) referem que qualquer progenitor que desempenha o papel parental exerce algum grau de controlo e, por isso, a designação de permissivo é relativa.

de responsabilidade social e independência, quando os resultados para ambos os sexos foram considerados em simultâneo. Quando se consideraram separadamente os resultados para o sexo feminino e para o sexo masculino, observaram-se resultados positivos do padrão democrático para as raparigas, nomeadamente no que diz respeito à independência, dominância, orientação para a concretização de objectivos e para o sucesso. Já em relação aos rapazes, este padrão embora associado a resultados positivos em termos de responsabilidade social não revelava pontuações tão elevadas como seria de esperar na dimensão independência.

O segundo momento de avaliação da sua investigação longitudinal (Baumrind, 1989, 1991 cit. por Pereira, 2010) incidiu sobre crianças em idade escolar (e os seus pais) a maior parte das quais faziam parte da amostra na primeira avaliação. Recorreu à aplicação de questionários de auto-relato, entrevista à criança, testes estandardizados e observações naturalistas estruturadas. Deste estudo emergiram nove tipos parentais, sendo que, destes, cinco mostraram efeitos mais claros e distintos no desenvolvimento das crianças e, por esse motivo, foram considerados protótipos. Dos cinco protótipos, três eram semelhantes aos encontrados no período pré-escolar – democrático, autoritário e permissivo. Os outros dois padrões identificados foram: o rejeitante-negligente, em que os pais não eram nem responsivos nem exigentes; e o tradicional que diferia de outros protótipos na medida em que o comportamento da mãe (mais responsivo) e do pai (mais exigente) diferiam entre si, sendo congruentes com papéis de género tradicionais.

Baumrind (1989 cit. por Pereira, 2010) concluiu que, na idade escolar, a dimensão exigência revela associações elevadas com a competência para ambos os sexos e é condição suficiente para a aquisição de um elevado nível de assertividade nas raparigas. Por seu lado, para que os rapazes sejam socialmente responsáveis e competentes são necessários, também, níveis elevados de responsividade por parte dos pais.

O estudo longitudinal de Baumrind inclui ainda um terceiro momento de avaliação (Baumrind, 1991 cit. por Pereira, 2010), no período da adolescência. A amostra era constituída por adolescentes e suas respectivas famílias e professores.

No que diz respeito à fase da adolescência, foram recolhidos dados relativamente a competência geral, autonomia, comportamento pró-social, problemas

de comportamento internalizado, problemas de comportamento externalizado e abuso de substâncias.

Relativamente aos pais foram identificadas três principais escalas de comportamento que serviram de base à classificação das famílias num dos seis tipos parentais e uma quarta escala, intrusividade, que foi utilizada para subdividir o tipo directivo. As três principais escalas foram: controlo directivo/convencional, que se manifestava pelo recurso a estratégias de controlo autoritárias de forma a fazer cumprir valores tradicionais; controlo assertivo, que consistia no controlo firme, na monitorização adequada da vida do adolescente (por exemplo, saúde, amigos, vida escolar) e no recurso ao confronto directo quando necessário; e controlo apoiante, que se traduzia por utilizar a razão para modificar o comportamento e encorajar a internalização dos valores parentais, por ter em conta os interesses do adolescente, pela partilha das decisões, pela estimulação intelectual e pelo encorajamento da individualização, mantendo simultaneamente, uma relação próxima e íntima com o adolescente. Por fim, foi utilizada uma quarta escala, intrusividade, que dizia respeito a comportamentos de sobreprotecção e interferentes na automatização do adolescente.

Baumrind (1991 cit. por Pereira, 2010) concluiu que o desenvolvimento dos adolescentes é mais facilitado pelas práticas características das famílias apoiantes com autoridade e democráticas. Os pais directivos que são autoritários contribuem para mais problemas de internalização e são menos bem sucedidos em prevenir o abuso de substâncias por parte dos filhos. Por seu lado, os pais directivos que não são autoritários são mais eficazes na prevenção do abuso de substâncias, mas não promovem uma competência positiva.

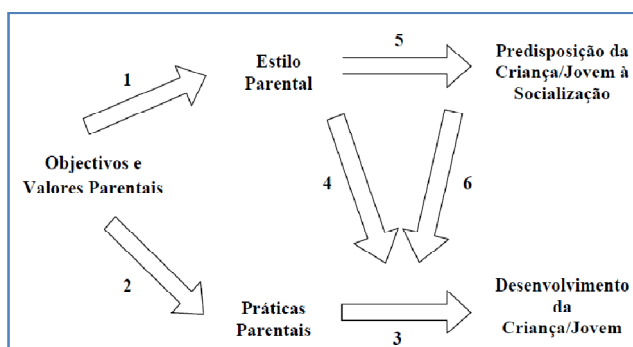
Em síntese, o trabalho de Baumrind é um marco sobre o estudo dos estilos educativos parentais e, esclarece, em particular, como diferentes formas de controlo comportamental se associam ao funcionamento adaptativo em diferentes etapas do desenvolvimento. Os resultados do trabalho de Baumrind sugerem claramente que, pelo menos em famílias brancas de classe média, qualquer um dos extremos (estilo autoritário ou estilo permissivo) podem provocar desequilíbrios, sendo o estilo democrático, o que gera resultados mais positivos sobre o desenvolvimento global para ambos os sexos e para diferentes etapas do desenvolvimento (Linares, Pelegrina, & Lendínez, 2002).

1.3.4 Modelo Integrativo de Darling e Steinberg

De acordo com Darling e Steinberg (1993), existem três aspectos específicos nas relações entre pais-filhos, que influenciam o desenvolvimento da criança através de processos diferentes: os objectivos e valores familiares que orientam os pais no processo de socialização da criança; as práticas educativas parentais efectivamente utilizadas pelos pais para educar a criança; e o estilo parental, que consiste no clima emocional no qual a socialização acontece.

Darling e Steinberg (1993) (ver fig.2) pressupõem que os objectivos de socialização dos pais exercem influência sobre os estilos parentais (1) e sobre as práticas parentais (2). As práticas parentais têm uma influência directa em aspectos específicos do desenvolvimento da criança (3), por outro lado, os estilos parentais influenciam o desenvolvimento da criança primeiramente através da sua influência moderadora na relação entre as práticas parentais e os resultados do desenvolvimento (4) e através da sua influência na abertura da criança à socialização por parte dos pais (5). A abertura da criança à socialização é moderadora da influência das práticas parentais no seu desenvolvimento (6).

Figura 4. Modelo Integrativo de Darling & Steinberg (1993).



Mais precisamente, Darling e Steinberg (1993), afirmam que tanto as práticas educativas como os estilos educativos parentais são influenciadas pelas crenças dos pais (objectivos e valores que os mesmos têm em relação ao filho). Assim, para os autores, não é possível afirmar que determinadas práticas e estilos são melhores que outros sem considerar o contexto cultural no qual a família está inserida, bem como as características ecológicas desse contexto (condições físicas e sociais).

As práticas parentais têm um efeito directo no desenvolvimento de comportamentos específicos das crianças (desde o comportamento à mesa ao desempenho académico) e nas características (como a aquisição de determinados

valores ou auto-estima), acabando por ser os mecanismos através dos quais os pais ajudam, directamente, as crianças a obter os seus objectivos de socialização.

Por outro lado, os processos primários através dos quais os estilos parentais influenciam o desenvolvimento da criança são indirectos. O estilo parental altera a capacidade dos pais de socializar os seus filhos, mudando a eficácia das suas práticas parentais. Nesta perspectiva o estilo parental pode ser melhor entendido como uma variável contextual, moderadora da relação entre práticas parentais específicas e aspectos específicos do desenvolvimento. Os autores consideram que o estilo parental modera a influência das práticas parentais no desenvolvimento da criança de, pelo menos, duas formas – transformando a natureza das interacções pais-filhos e influenciando a personalidade da criança, em particular a abertura da criança à influência parental. A abertura à socialização por parte da criança, por seu lado, modera a associação entre as práticas parentais e os resultados do seu desenvolvimento. Ou seja, o comportamento que os pais emitem constitui a prática educativa enquanto a “ideia”, a “crença” que norteia esta emissão constitui o estilo. As práticas geram relações com características de padrões globais e, por envolverem uma combinação de várias práticas educativas, geram também determinados climas emocionais. As práticas educativas exercidas com mais frequência pelos progenitores são aquelas que se encontram mais relacionadas com o estilo parental adoptado, e dentro do mesmo estilo parental, podem-se desenvolver diferentes práticas educativas parentais, porque estas definem um conceito mais específico do que o estilo.

1.3.5. *Modelo Tradicional e Modelo Construtivista de Socialização*

As investigações sobre o processo de socialização na família anteriores ao séc. XX fundamentavam-se numa visão estática da mesma. Isto porque, existia como teoria subjacente o *Modelo Tradicional*, segundo o qual existia um carácter de exclusividade (os pais eram os únicos agentes implicados no processo de socialização dos filhos) e de unidireccionalidade (influíam sobre os seus filhos, mas não o contrário) na relação entre pais-filhos.

De acordo com este modelo, assumia-se que os estilos educativos parentais utilizados tinham consequências directas (positivas ou negativas) no comportamento da criança e que os seus efeitos eram os mesmos, independentemente da idade ou características psicológicas da criança/adolescente. Suponha-se ainda, que as práticas educativas eram escolhidas de forma racional e consciente pelos pais, e que os filhos as percebiam com total clareza. Neste sentido, bastava avaliar as ditas

práticas educativas parentais numa só perspectiva, a dos filhos ou a dos pais (Bersabé, Jesús & Motrico, 2001).

No entanto, as fortes transformações sócio-económicas que ocorreram na sociedade ocidental a partir dos anos 30 desencadearam a necessidade urgente de intervir sobre a família e esta tornou-se centro de interesse. Nesta altura, começou-se, assim, a analisar a sua dinâmica interna (vínculos, sentimentos, valores comportamentos, relações, etc.), tendo ocorrido uma mudança de paradigma, para o *Modelo Construtivista*, que considera a contribuição das crianças no processo educativo (Alonso, 2005). Este modelo baseia-se nos seguintes pressupostos: as relações entre pais-filhos são bidireccionais, isto é, as crianças são co-responsáveis pelo seu processo de socialização; a adequabilidade dos estilos educativos é relativa, dependendo da idade e características da criança/adolescente; na utilização das práticas educativas parentais também influem motivações inconscientes e múltiplas influências; os filhos nem sempre dão a mesma interpretação às práticas educativas que as figuras parentais querem que elas tenham, isto é, a percepção das práticas educativas utilizadas é subjectiva (Alonso, 2005; Ceballos & Rodrigo, 1998 cit. por Bersabé, Jesús & Motrico, 2001).

Neste sentido, tendo em conta a mudança de paradigma, torna-se pertinente avaliar e estudar os estilos educativos parentais numa perspectiva bidireccional, que englobe a perspectiva das figuras parentais e dos filhos. O surgimento deste novo paradigma exige, assim, a elaboração de instrumentos de medida que incorporem estes novos aspectos.

Recentemente, a nível internacional, têm surgido instrumentos de avaliação que têm como fundamento os pressupostos do *Modelo Construtivista*, mas a maior parte deles, apresentam problemas tanto de conteúdo como metodológicos. Em relação ao conteúdo, as críticas são as seguintes: a maioria avalia intenções ou opiniões dos pais em vez de práticas concretas; os itens são formulados de forma genérica ou na terceira pessoa (por exemplo, «um castigo a tempo vale mais que três explicações»), o que favorece a deseabilidade social e os faz pouco explícitos e ambíguos, fazendo com que os pais respondam aos itens opinando sobre a educação dos filhos em geral, mas sem expressarem qual é o comportamento real dos seus filhos. Em relação aos metodológicos, as críticas são as seguintes: muitos questionários não especificam as idades dos filhos (pré-escolares, idade escolar, adolescentes) a que são dirigidos; outros não dão informações sobre as suas qualidades psicométricas, nem da escala de resposta utilizada; e finalmente, estes

instrumentos avaliam os estilos educativos numa perspectiva unidireccional (Bersabé, Jesús & Motrico, 2001).

A nível nacional, numa revisão efectuada, foram encontrados pouquíssimos instrumentos direccionados para a avaliação dos estilos e práticas educativas parentais. Investigadores portugueses adaptaram ou traduziram instrumentos validados com outras populações: *EMBU* versão portuguesa realizada por Canavarro, 1999 e *QDEP* versão portuguesa realizada por Barbosa-Ducharne, Cruz, Marinho e Grande, 2006. Dentre estes instrumentos encontram-se provas destinadas a pais (*I.P.E.* de Camacho e Matos, 2000) e filhos (*QDEP*), mas nenhuma considera a relação bidireccional entre pais-filhos e, nenhuma se direcciona para a infância.

Os instrumentos por nós identificados que avaliam os estilos educativos parentais não incorporam, assim, os novos aspectos do *Modelo Construtivista*, são restritos à visão das figuras parentais ou dos filhos, perdendo-se a pertinência da análise bidireccional e nenhum se direcciona para a análise dos estilos educativos parentais na primeira infância, o que é um lapso profundo, tendo em conta que é nesta idade que se criam as bases da socialização. Neste sentido, a presente investigação tem como objectivo traduzir/adaptar para o português e avaliar as qualidades psicométricas, de forma exploratória, das *Escalas de Identificação de Práticas Educativas Familiares (PEF)*, instrumento originalmente espanhol que se fundamenta num *Modelo Construtivista* de Socialização.

1.3.6. *Escalas de Identificação PEF*

A base teórica das *Escalas de Identificação PEF*, parte da ideia de que existem teorias implícitas elaboradas e mantidas pelos pais que dão lugar a um tipo de metas educativas que guiam o comportamento parental, especialmente no que se refere a estratégias e técnicas de disciplina. De acordo com os autores da PEF (Alonso & Román, 2003) estas teorias agrupam-se e formam estilos educativos globais preferenciais e mais ou menos estáveis em cada contexto familiar, apesar da variabilidade e flexibilidade situacional dos pais no momento de se “decidirem” por determinadas práticas educativas. No entanto, defendem que não existem estilos puros e cada família utiliza técnicas consideradas como prototípicas de diferentes estilos simultaneamente, em função de cada situação e referem que não só não existe um estilo preferente, como também existe uma alta variabilidade inter e intra-familiar (Alonso & Román, 2003).

Este instrumento fundamenta-se, também, numa concepção da socialização no contexto familiar como “*uma construção conjunta e de influências múltiplas*”, ou seja fundamenta-se num *Modelo Construtivista* de Socialização (Alonso & Román, 2003) e, neste sentido, parte do pressuposto que o estudo da relação pais-filhos deve ter em conta todos os factores que confluem no momento interactivo, isto é, o emissor, o receptor e as diferentes situações contextuais. Com base nestes pressupostos, este instrumento, tem em conta a percepção do emissor (através da Escala PEF-A para adultos/pais), a percepção do destinatário/receptor (através da Escala PEF-H para crianças/filhos) e diferentes situações contextuais (Situação 1: *Quando inicia algo novo*; Situação 2: *Quebra nas rotinas*; Situação 3: *Quando vão dormir*; Situação 4: *Quando contam ou mostram algo*; Situação 5: *Quando brincam*). As Escalas PEF fundamentam-se, assim, numa perspectiva bidireccional, pois têm em conta a percepção dos adultos/pais, mas também a percepção da criança/filho no estudo das inter-relações familiares.

Para a elaboração das escalas foi realizado e distribuído um protocolo por 500 famílias de diferentes níveis sócio-culturais, que recolheu a opinião dos adultos/pais sobre as situações interactivas familiares que consideravam mais relevantes na relação com os seus filhos de 3, 4 e 5 anos de idade. Através de um sistema de juizes, analisaram-se uma a uma as respostas e categorizaram-se segundo a sua afinidade e frequência, tendo sido encontradas 36 situações. No entanto, algumas destas categorias com altas percentagens não foram incluídas nas escalas por não serem discriminativas, já que por razões óbvias, seriam obtidas respostas uniformes e as diferenças entre os respectivos estilos educativos não seriam significativas. Ficaram, assim, definidas cinco grupos de situações hipotéticas familiares quotidianas: 1. *Quando iniciam algo novo*, ou seja, quando se confrontam com uma aprendizagem, seja de que tipo for; 2. *Quando há mudança de rotinas*, quando por alguma razão o quotidiano tem que se alterar; 3. *Quando vão dormir*, que se reporta ao momento de ir dormir, que implica a separação dos adultos e deixar as actividades que estiveram a fazer ou que gostariam de fazer; 4. *Quando contam ou mostram algo*, que expressa a necessidade de partilhar, procurar protecção, ajuda ou reafirmação junto do adulto; 5. *Quando brincam*, dentro ou fora de casa e inclui situações nas quais se exerce a capacidade de negociação.

Posteriormente, com base nos trabalhos de Ceballos e Rodrigo (1992 cit. por Alonso & Román, 2003) e Rodrigo e Triana (1996 cit. por Alonso & Román, 2003) foram elaborados múltiplos exemplos de “situações hipotéticas” que podiam

representar as cinco situações seleccionadas e também os três tipos de conflito: 1. *Conflito Externo* - problemas de externalização (características extrínsecas do sujeito), tais como transgressão de normas morais, como agarrar e romper. Está relacionado com as circunstâncias que estão fora do sujeito, isto é, nos adultos, pares ou em outras variáveis contextuais; 2. *Conflito Interno* - problemas de internalização (características intrínsecas do sujeito), tendo em conta situações como o isolamento, a insegurança, o desprezo, a timidez. Depende das características intrínsecas do sujeito, como por exemplo, a timidez, insegurança, afiliação; 3. *Transgressão/Incumprimento de regras* - problemas de violação de convenções sociais, onde a ruptura seria exclusivamente de normas sociais e não morais; E em função dos diferentes estilos educativos definidos na teoria de Baumrind:

1. *Estilo educativo autoritário* - caracterizado por uma expressão de afecto controlada, escassa sensibilidade e empatia, centrado na perspectiva quase exclusiva do adulto. Utiliza a afirmação do poder com técnicas de disciplina coercitivas e com um tipo de controlo marcado pela imposição para inibir, mitigar ou anular comportamentos indesejáveis. Foca-se no cumprimento de normas. Mantém valores baixos na expressão do afecto e comunicação e altos na exigência e controlo;

2. *Estilo educativo equilibrado*⁶ - apresenta valores elevados de afecto e comunicação, com uma expressão aberta de afecto e interesse pelo seu filho. Em relação às exigências e controlo, existem regras claras e adaptadas às possibilidades da criança, são estáveis, razoáveis, consistentes e dependentes de cada situação. Baseia-se numa disciplina indutiva, sensível e flexível às necessidades dos filhos. Na PEF, é entendido basicamente como um estilo que equilibra, existindo uma adaptação das estratégias educativas a cada situação interactiva;

3. *Estilo educativo permissivo* - apresenta valores elevados na expressão do afecto e comunicação. Na PEF, prima mais pelo afecto, deixando a segunda característica como prototípica do estilo equilibrado. Com baixos níveis de exigência e controlo. Diferentemente a outros autores que associam a este estilo altos níveis de comunicação e pais que se tendem a adaptar aos filhos e se esforçam em identificar as suas necessidades e em satisfazê-las, na PEF, foi-lhe dado um conteúdo, ligeiramente diferente, referindo-se, preferencialmente, a pais sobreprotectores e indulgentes, com altos níveis de expressão de afecto, mas pouco consistentes nas suas normas de disciplina;

⁶ Designação adaptada e utilizada pelos autores das *Escala de Identificação PEF*, em substituição à designação original de Diana Baumrind, de *Estilo Educativo Democrático*;

Com base nestes pressupostos foi, primeiramente, construída a Escala para adultos/pais PEF-A. Nesta escala considerou-se a duplicação dos exemplos por cada estilo educativo, com o objectivo de mitigar o efeito da “desejabilidade social”. Por exemplo, a Situação 1: *Quando inicia algo novo*, está subdividida em três conflitos (A – Conflito Externo; B – Conflito Interno; e C – Transgressão/Incumprimento de regras), por cada um destes conflitos existem seis itens com exemplos de situações concretas (por exemplo item 1 “*Penso que se o/a ajudasse ficava a depender excessivamente de mim. Deve fazê-lo sozinho.*”). De entre estes 6 exemplos de situações concretas, dois correspondem ao estilo autoritário, dois ao estilo equilibrado e dois ao estilo permissivo.

Após a realização de estudos piloto e do juízo de especialistas, os autores procederam à aplicação do instrumento experimental com uma amostra de 283 participantes de 3, 4 e 5 anos, com os respectivos pais e mães. Após a construção do instrumento dos adultos/pais foi construído, à sua semelhança, o instrumento para as crianças/filhos, a PEF-H, reduzindo os exemplos a um por estilo educativo, tendo-se seleccionado o mais representativo, e adaptado a sua redacção e conteúdo à capacidade de compreensão das crianças. Por exemplo, a Situação 1: *Quando inicia algo novo*, está subdividida pelos mesmos três conflitos que a escala dos adultos/pais (A – Conflito Externo; B – Conflito Interno; e C – Transgressão/Incumprimento de regras), por cada um destes conflitos existem três possibilidades de resposta (por exemplo item 1 “*Ralhava-te e dizia-te que abotoasses a camisa da mesma forma que nos outros dias*”). A cada uma destas possibilidades de resposta corresponde um tipo de estilo educativo (estilo autoritário, equilibrado ou permissivo). Na Escala PEF-H existe, ainda, material gráfico que facilita o processo de aplicação (anexo V).

1.3.7. Variáveis sócio-demográficas e Estilos Educativos Parentais

De acordo com, alguns autores (Belsky, 1984; Darling e Steinberg, 1993), os estilos educativos são construídas no contexto intra-familiar e estão correlacionados e são determinadas pelas características dos pais, pelas características dos filhos e pelas características do contexto envolvente à relação pais-filhos. Neste sentido, iremos explorar a, eventual, influência de algumas variáveis sócio-demográficas sobre os estilos educativos parentais percebidos pelas figuras parentais e percebidos pelos seus respectivos filhos.

a) *Diferenças inter-culturais:*

Os estilos educativos parentais devem ser analisados a partir de uma abordagem que considere o contexto mais amplo no qual a família está inserida, isto porque, as formas como os membros da família se relacionam entre si, são primariamente um reflexo da sua cultura (Chao, 2001 cit. por Chan & Chan, 2009). A cultura influencia, profundamente, os objectivos e valores educacionais, os comportamentos concebidos como adequados à idade, e as estratégias ou técnicas de socialização utilizadas (Goodnow, 1985 cit. por Claes, Lacourse, Bouchard & Perucchini, 2003).

Por exemplo, num estudo efectuado por Chao (1994) verificou-se que se o estilo educativo democrático de Baumrind é, de alguma forma, adaptado à cultura norte-americana, ele não o é necessariamente a outros grupos culturais. De entre os quais, os pais da China e os pais chineses imigrados, em que se verificou que o estilo educativo democrático, não tem os efeitos positivos expectáveis em crianças oriundas da cultura asiática, e que as crianças asiáticas com mais êxito ao nível do desempenho académico eram aquelas cujos pais utilizavam um estilo autoritário. Estas conclusões são explicadas pelo facto de a cultura oriental tradicional ser caracterizada por um grau de controlo e obediência mais elevado que o dos americanos brancos, com o objectivo de manter a harmonia e a unidade familiar. Existem, também, papéis de género muito definidos, onde os pais estabelecem vínculos mais estreitos com os filhos e as mães com as filhas, apesar de se observarem diferenças importantes na interacção educativa: pais estritos e emocionalmente distantes e mães menos rectas e afectuosas. Neste sentido, o modelo apresentado por Baumrind como «*estilo educativo autoritário*» pode ser problemático para as crianças imigrantes de origem asiática pelas importantes diferenças culturais. Perante tal situação, opta-se pela inclusão de uma nova tipologia de estilo, o «*chiao shun o training style*» (Chao, 1994) que enfatiza a auto-disciplina, a obediência e o trabalho duro da criança desde as idades mais precoces, o que explica as suas altas pontuações no estilo autoritário.

Considerando o contexto latino-americano, Rodriguez, Davis, Rodriguez e Bates (2006) salientaram, na sua revisão, que os pais latinos tendem a enfatizar o auto-controlo infantil e a obediência, mais do que os pais americanos ou asiáticos, bem como tendem a dar maior importância ao desenvolvimento do conformismo. De acordo com os autores, os latinos usam o termo “crianças educadas” para aquelas que julgam possuir boas maneiras, honestidade, respeitabilidade e responsabilidade.

b)Género das crianças/filhos e dos adultos/pais e estilos educativos parentais:

De acordo com Leaper (2002), alguns investigadores defendem que as características individuais das crianças/filhos têm grande influência no processo de educação, e podem provocar diferentes respostas nos seus pais e mães. Neste sentido, o género das crianças/filhos (masculino ou feminino) pode, eventualmente, estar associado à existência de diferentes percepções por parte dos filhos e filhas sobre os estilos educativos utilizados pelos seus pais e mães.

De acordo com as teorias da aprendizagem social e da socialização de género, as filhas precisam de mais cuidados por serem mais frágeis e os filhos são mais fortes e têm mais autonomia. Estas teorias sugerem, por exemplo, que os pais têm uma influência e um envolvimento maior com os seus filhos do que com as suas filhas (Harris & Morgan, 1991 cit. por Gryczkowski & Jordan, 2010).

Neste sentido, alguns estudos internacionais (Mckinney e Renk, 2008; Weber, Viezzer e Brandenburg, 2004) indicam que os filhos têm a percepção de serem alvo de uma parentalidade mais permissiva em comparação com as filhas. O que é corroborado pelo estudo português de Magalhães e Fonte (2007) que afirma que as filhas percebem os pais (pai e mãe) como mais controladores e exigentes em comparação com os filhos.

De forma mais concreta, alguns estudos (Conrade e Ho, 2001; Holmbeck et al., 1995 cit. por Winsler, Madigan & Aquilino, 2005) indicam que os filhos percebem que as suas mães, comparativamente aos seus pais, utilizam práticas educativas consistentes com o estilo educativo permissivo; e os seus pais utilizam, comparativamente às suas mães, práticas educativas mais consistentes com o estilo educativo autoritário; as filhas, por sua vez, percebem que as suas mães, comparativamente aos seus pais, utilizam práticas educativas mais consistentes com o estilo educativo democrático; e que os seus pais, comparativamente às suas mães, utilizam práticas educativas mais consistentes com o estilo autoritário.

Outros estudos (Seifer, Sameroff, Anagnostopolou & Elias, 1992; Keller e Zach, 2002; Fossum, Morch, Handegard e Drugli, 200 cit. por Sampaio, 2007) indicam que o género das crianças/filhos não é uma variável forte na determinação do investimento parental e, conseqüentemente, não influencia a diferente percepção das práticas educativas parentais por parte dos filhos e filhas.

Relativamente ao género dos adultos/pais, a experiência da gravidez é, necessariamente, diferente para pais e mães e alguns estudos sugerem que esta

diferença contínua ao longo do desenvolvimento da criança (Lewis & Lamb, 2003), repercutindo-se na forma de interação dos pais e mães com os seus filhos e filhas.

De acordo com as teorias da aprendizagem social e da socialização de género, tradicionalmente, o papel da mãe sempre foi o de cuidadora e de provedora de segurança, em contraste com o papel do pai que sempre foi o de ser provedor da obediência e disciplina. Estes papéis, tradicionalmente definidos, podem influenciar a assumpção de diferentes responsabilidades na educação dos filhos e filhas e, conseqüentemente, podem provocar a utilização de diferentes práticas educativas por parte dos pais e das mães na interação com os seus filhos e filhas. No entanto, recentemente, têm ocorrido profundas transformações macro-estruturais que se têm repercutido nos papéis parentais, por exemplo, mudanças na estrutura social têm feito com que os homens tenham de despende mais tempo com os seus descendentes, para ajudarem as mães dos seus filhos/filhas (McKinney & Renk, 2008).

Alguns estudos referem que há uma tendência das mães para apresentarem práticas educativas parentais mais condizentes com os estilos educativos democrático ou permissivo, enquanto, nos pais, as práticas tendem mais para um estilo autoritário (Conrade & Ho, 2001; Holmbeck et al., 1995; cit. por Winsler, Madigan & Aquilino, 2005; Grigorenko & Sternberg, 2000; Mckinney & Renk 2008). Concretamente, num estudo recente efectuado por Gryczkowski e Jordan (2010) com crianças entre os 6 e 12 anos e os seus respectivos pais e mães, verificou-se que as mães relataram estar mais envolvidas (por exemplo, através de conversa e brincadeiras) e de forma mais positiva (através de elogios, recompensas) com os seus filhos e filhas, do que os pais.

Num outro estudo efectuado por Winsler, Madigan e Aquilino (2005) verificou-se que as mães se percebem como utilizadoras de práticas educativas tendencialmente mais condizentes com o estilo democrático do que os pais se percebem a si próprios. Verificou-se, também, neste estudo que as mães se percebem tão permissivas e autoritárias como os seus maridos, contudo os pais percebem as suas esposas como mais democráticas e permissivas do que eles próprios, mas menos autoritárias do que eles próprios.

No entanto, alguns autores (Hein & Lewko, 1994; Shek, 2000 cit. por Esteves, 2010) indicam que não existem diferenças significativas entre os estilos educativos percebidos como utilizados por pais e mães. Por exemplo, o estudo de Bentley e Fox (1991 cit. por Piccinini, Frizzo, Alvarenga, Lopes & Tudge, 2007) que comparou os estilos parentais de pais e mães de crianças entre os 1 e 4 anos, indicou que não existem diferenças significativas entre os estilos educativos percebidos como

utilizadas por pais e mães. Nesta mesma perspectiva, o estudo de Cia, Pereira, Del Prette e Del Prette, também, não constatou a existência de diferenças ao comparar o envolvimento de pais e mães de crianças do ensino primário.

c) Habilitações académicas:

O nível de escolaridade mais elevado dos progenitores é assumido como um indicador forte de um estilo parental democrático (Barrett, Singer & Weinstein, 2000 cit. por Gomes, 2010). Roskam e Meunier (2009 cit. por Esteves, 2010) afirmam que a influência do nível de escolaridade varia entre pais e mães, sugerindo diferentes papéis e investimentos, de acordo com o seu nível de escolaridade. As mães com elevadas habilitações académicas adoptam estilos parentais relacionados com resultados mais positivos nas crianças, do que as mães com baixas habilitações académicas. Em relação aos pais, os que têm habilitações académicas mais elevadas demonstraram uma menor monitorização dos filhos, do que pais com baixas habilitações académicas. Esta diferença pode-se explicar, segundo os autores, porque os pais com elevadas habilitações académicas estão mais envolvidos na sua vida profissional, investindo menos nas funções da parentalidade, principalmente de monitorização, do que os pais com baixas habilitações académicas.

Num estudo efectuado por Modecki e Wilson (2009) com pais reclusos verificou-se uma associação negativa entre o nível de habilitações e as práticas educativas parentais. Altos níveis de habilitações académicas estão associados com altos níveis de responsividade e baixos níveis de práticas coercitivas. De acordo com estes autores, estas diferenças podem ser explicadas pelo facto de os indivíduos com habilitações ao nível do ensino superior poderem ter sido expostos a práticas educativas mais responsivas ao longo da sua educação.

Por outro lado, autores portugueses como Magalhães e Fonte (2007) não encontraram diferenças significativas entre o nível de habilitações académicas dos pais e os estilos educativos percebidos por pais e mães, indicando que o facto de os pais e mães terem um maior nível de habilitações académicas não garante que eles estabeleçam uma relação menos coercitiva no exercício da parentalidade.

e) Estado civil:

Num estudo efectuado por Grigorenko e Sternberg (2000) verificou-se que os pais que vivem em união de facto não são tão supervisores dos filhos como os pais

casados e, por isso, são menos autoritários, apresentando um estilo mais permissivo e negligente.

f) Ano de escolaridade dos filhos (Pré-escolar e 1º ano):

As práticas educativas parentais utilizadas por pais e mães, tal como os seus efeitos sobre as crianças, mudam substancialmente dependendo da faixa etária e período de desenvolvimento da criança (Darling e Steinberg, 1993).

Ao longo do desenvolvimento, as crianças apresentam diferentes necessidades e competências e os pais e mães possuem diferentes expectativas em relação aos seus comportamentos, exercendo influência através do seu comportamento parental e educativo. De acordo com Mussen et al., 1990 (cit. por Piccinini et al., 2007), por exemplo, o uso da punição física, por exemplo, diminui à medida que a criança cresce, ao mesmo tempo que demonstrações físicas de afecto também diminuem, sendo substituídas por outras formas de expressão de aprovação e afecto. Além disso, à medida que a criança vai adquirindo domínio sobre a linguagem, os pais podem fazer maior uso de orientações verbais e explicações racionais

Especificamente, entre a fase de transição do pré-escolar para a escola primária, existem um conjunto de objectivos e competências dos pais/mães e dos filhos/filhas que se alteram. De acordo com Alarcão (2006) a entrada dos filhos para a escola representa uma mudança nas relações do sistema familiar com o sistema escolar. Esta nova fase e o momento crítico que com ela advém podem significar crescimento ou impasse no desenvolvimento familiar e individual, dos membros constituintes da família. A entrada dos filhos na escola constitui o primeiro grande teste à família no que respeita ao cumprimento da sua função externa de socialização e adaptação à cultura e, conseqüentemente, da sua função interna de promoção da autonomia e individualidade, exigidas à criança na convivência neste novo sistema que é a escola. Isto é, esta etapa representa o primeiro momento de avaliação da capacidade de desempenho da função parental. São tarefas exigidas à família nesta etapa, a diferenciação intra-sistema e, simultaneamente, uma acentuada abertura ao exterior. Os pais e mães continuam a funcionar como contentores dos seus filhos/filhas e a protegê-los, tendo, no entanto de lhes proporcionar uma autonomização crescente com negociação, também ela crescente, de regras e normas.

Em termos de maturação, a criança entre os 6 e 12 anos passa por um significativo crescimento cognitivo que altera a sua capacidade reflexiva do

pensamento. Há uma ampliação dos seus interesses e da exploração intelectual do mundo, o que requer uma relação qualitativamente mais exigente dos adultos que a cercam, em termos de estimulação e interesse no seu mundo em expansão (Collins & Russell, 1991; Kerns et al., 2001 cit. por Benetti & Balbinotti, 2003). A percepção dos estilos educativos utilizados por pais e mães podem, assim, reflectir esses novos domínios sociais.

Não foram encontrados estudos em relação aos estilos educativos parentais em pré-escolares comparativamente aos estilos educativos parentais em crianças que já frequentam a escola. No entanto, algumas investigações têm demonstrado que os estilos educativos se modificam em função da idade da criança (Dix et al., 1989; Falcone, 2001; Frick et al. 1999; Hudson & Rapee, 2001; Maccoby, 1980; Minuchin, 1980b; Oliveira et al., 2000 cit. por Marin, 2009), enquanto outros estudos, constataram que o período do desenvolvimento no qual a criança se encontra seria mais importante na determinação das práticas educativas parentais do que a idade em si, havendo uma relativa estabilidade ao longo da infância (McNally et al., 1991; Paikoff & Brooks-Gunn, 1991; Pettit et al., 2007, Roberts et al., 1984 cit. por Marin, 2009). Neste sentido, tendo em conta que a amostra da presente investigação inclui crianças com idades diferentes e, supõe-se, em fases de desenvolvimento distintas, torna-se pertinente avaliar as eventuais diferenças na percepção dos estilos educativos por parte dos pais/mães e filhos/filhas, consoante a integração no pré-escolar ou escola primária.

g) Número de filhos/irmãos:

A existência ou não de irmãos pode não só influenciar os estilos educativos que os pais e mães percebem que têm, mas também os estilos educativos que os filhos e filhas percebem que os seus pais e mães utilizam.

Polit e Falbo (1987 cit. por Gomes, 2010) verificaram que os filhos únicos tendem a ter relações mais positivas com os seus pais, sendo que a magnitude desta diferença se acentua apenas em relação a crianças com um número grande de irmãos (cinco crianças ou mais), sugerindo-nos que o tamanho da família, mais concretamente o número de filhos/irmãos, parece ser um factor importante para a relação entre pais-filhos. O que é corroborado pelo estudo efectuado por Freitas (2008) com famílias com filhos únicos e famílias com dois filhos, em que não se verificaram diferenças entre os estilos educativos utilizados por pais e mães entre estes dois grupos.

De acordo com Roskam e Meunier (2009 cit. por Esteves, 2010), pais com um grande número de filhos adoptam estilos parentais menos positivos (exigem mais autonomia, usam mais a punição e são menos responsivos do que pais com menos filhos), o que de acordo com Alarcão (2006) pode ser explicado pelo facto de os pais sentirem que os filhos encontram na fratria recursos para as suas dificuldades e ansiedades, exigindo uma maior autonomia dos seus filhos.

1.4. Intervenção Precoce e Estilos Educativos Parentais

A Intervenção Precoce (IP) destina-se a crianças pré-escolares (dos 0 aos 6 anos) e baseia-se numa abordagem multidisciplinar de apoio integrado por acções de natureza preventiva e habilitativa, que inclui serviços, apoios e recursos para que as famílias possam promover a aprendizagem e o desenvolvimento da criança em que se sinalize o risco de uma disfunção no seu desenvolvimento (Apolónio, Castilho, Álava, Caixa & Franco, 2000; Franco, 2007). Rege-se por uma filosofia de intervenção que desloca a unidade de intervenção da criança para a família e é a família como um todo que é considerada, simultaneamente, como receptora e agente activo da intervenção. Estamos portanto dentro de uma perspectiva abrangente de intervenção em que se procura atingir uma melhor qualidade de vida para o todo que constitui a unidade familiar (Almeida, 2004).

A elegibilidade para a IP baseia-se numa *“verificação de condições biológicas, psicoafectivas ou ambientais que implicam uma alta probabilidade de atraso relevante no desenvolvimento da criança”* (Decreto-Lei 281/2009, art.º 3º). O que aponta para três dimensões das condições de risco: 1. Biológicas (que se entendem por referência à própria criança e às suas condições biológicas); 2. Psicoafectivas (que se entendem pelas dimensões relacionais); e 3. Ambientais (por referência ao contexto). Com base nestas condições, a *Organização Diagnóstica em Intervenção Precoce* (ODIP), identifica três eixos de factores de risco de alteração do desenvolvimento, quer em relação à própria criança, quer em relação à sua família e ao respectivo ambiente: 1. Factores biológicos de risco (decorrentes de condições genéticas, competências sociais, intelectuais e características psicológicas); 2. Factores familiares de risco (relações que não promovem ou prejudicam o desenvolvimento da criança); e 3. Factores ambientais de risco (relacionados com baixo nível sócio-económico, eventos de vida *stressantes*, características familiares, ausência de apoio social, etc.).

O estudo dos estilos educativos parentais através da PEF no âmbito da Intervenção Precoce tem, primeiramente, a sua pertinência relacionada com o facto de uma das áreas trabalhadas pela Intervenção Precoce ser a das competências parentais, em que os técnicos em cooperação com as figuras parentais, as orientam e auxiliam para a utilização de práticas educativas mais assertivas e promotoras de um maior desenvolvimento dos seus filhos/filhas. Neste sentido, a PEF poderá ser uma mais-valia, pois permite uma avaliação abrangente e bidireccional das práticas educativas, em que se contempla a perspectiva dos adultos/pais e a perspectiva das crianças/filhos. Constituindo-se como um instrumento que vai de encontro aos pressupostos teóricos pelos quais se rege a Intervenção Precoce.

Em segundo lugar, a pertinência do estudo dos estilos educativos parentais no âmbito da Intervenção Precoce está, também, relacionada com o facto de os estudos sobre as práticas educativas não abordarem a evolução do contexto familiar ao longo do tempo e não considerarem que todas as famílias têm um ciclo vital e existem períodos estáveis e outros de reorganização ou de crise, o que faz com que as interacções dentro da família se modifiquem ao longo do tempo (Montandon, 2005).

A existência de risco de desenvolvimento representa um período importante para o ciclo de vida da família como um todo e para cada membro individualmente e pode-se considerar como um período de crise ou de reorganização familiar. De acordo com Simons e Johnson (1996 cit. por Cecconello, 2003) o impacto dos factores de risco sobre a personalidade e o estado emocional dos pais é considerado um factor de risco para a parentalidade eficaz. Constituindo-se a Intervenção Precoce como um contexto privilegiado para o estudo das práticas educativas parentais em contexto de crise/risco.

Por outro lado, existem, também, factores de protecção que podem ser decorrentes de características individuais (como por ex., a auto-estima, inteligência, capacidade para resolver problemas e competência social), da coesão familiar e apoio afectivo (transmitido pelas pessoas da família, através de um vínculo positivo com os cuidadores) e o apoio social externo (provido por outras pessoas significativas, como escola, grupos de ajuda ou recursos institucionais, que encorajem e reforcem os membros familiares a lidar com as adversidades). O conjunto destes factores, em situações de *stress*, serve como um recurso que auxilia a pessoa a interagir com os eventos de vida e a conseguir bons resultados, evitando consequências negativas (Garmezy & Masten, 1994 cit. por Cecconello, 2003).

O estudo dos estilos educativos no âmbito da Intervenção Precoce tem, assim, a sua pertinência relacionada com o facto de as famílias apoiadas estarem a vivenciar um período de crise ou de reorganização familiar em consequência de possuírem algum tipo de factor ou factores de risco, que podem comprometer o saudável desenvolvimento da criança. No entanto, o facto de estas famílias serem acompanhadas pelos técnicos de Intervenção Precoce e os seus respectivos serviços, pode ser considerado um factor de protecção, ao nível do apoio técnico e porque não, ao nível do apoio social, o que torna o estudo das práticas educativas neste contexto, ainda mais pertinente.

Não foram por nós identificados estudos sobre os estilos educativos parentais no âmbito da Intervenção Precoce, no entanto, existem já alguns estudos sobre as práticas educativas parentais em contexto de risco com apoio social.

Hashima e Amato (1994) focaram-se nos comportamentos maternos considerados negativos ou inadequados (punição e baixa afectividade), e na avaliação de se o apoio social aliviava o efeito da pobreza na incidência desses comportamentos. Verificou-se que um alto nível de apoio social percebido associou-se a menores índices de comportamentos punitivos (bater e gritar) somente entre as mães que viviam em situações de pobreza. Já entre todas as mães, aquelas que afirmaram receber mais apoio, também afirmaram que realizavam mais comportamentos afectivos, como abraçar e elogiar a criança. Os autores concluíram que o apoio social exerce uma função de protecção principalmente em situações adversas.

Um outro estudo efectuado por Pilz e Schermann (2007), teve como objectivo verificar a prevalência da suspeita de atraso no desenvolvimento neuro-psicomotor em crianças até aos 6 anos, e possíveis associações a factores ambientais e biológicos, bem como à competência materna. Os resultados indicaram que diferentes factores contribuíam para o atraso no desenvolvimento das crianças, tais como o baixo nível sócio-económico da família, a gestação materna com um intervalo entre partos inferior a 18 meses, e, finalmente, a falta de apoio recebido pelos pais. Os autores enfatizaram a importância da presença do apoio, uma vez que este, estando relacionado com uma maior investimento e competência materna, pode influenciar o desenvolvimento da criança, indirectamente.

Outro estudo realizado por Piccinini, Castro, Alvarenga, Vargas e Oliveira (2003) com crianças, entre os 3 e 5 anos, concluiu que as mães com filhos com doenças crónicas utilizam práticas tendencialmente menos coercitivas do que as

famílias com filhos sem doença crónica, e que a existência de doença crónica pode aumentar o *stress* e dificuldades de interacção, afectando significativamente o funcionamento familiar, o que pode favorecer a incerteza na escolha de práticas educativas parentais.

Em resumo, o estudo dos estilos educativos no âmbito da Intervenção Precoce tem a sua importância relacionada com o facto de as famílias integradas estarem a vivenciar um momento de crise ou de reorganização e, simultaneamente à existência de factores de risco, existem também factores de protecção decorrentes, em princípio, do apoio técnico fornecido pela Intervenção Precoce. Na presente investigação, além do estudo das práticas educativas no âmbito da Intervenção Precoce, serão avaliadas as eventuais diferenças comparativamente a famílias (mães e filhos) não acompanhadas, o que nos poderá trazer indicadores sobre a influência da existência de factores de risco e factores de protecção sobre os estilos educativos percebidos e, fornecer conclusões para possíveis intervenções nesta área.

II – Estudo Empírico

2. Enquadramento do estudo, Objectivos e Questões de Investigação

2.1. Enquadramento do estudo e objectivos

A presente investigação é um estudo exploratório que segue um paradigma empirista/positivista, com uma abordagem quantitativa e correlacional do processamento dos dados, que tem como objectivos gerais:

a) Apresentar os primeiros estudos psicométricos da versão portuguesa das *Escalas de Identificação PEF* (da versão espanhola original de Alonso e Román, 2003), na versão para adultos/pais PEF-A e na versão para crianças/filhos PEF-H, que têm como finalidade a avaliação da percepção dos adultos/pais e da percepção das crianças/filhos sobre práticas educativas utilizadas em várias situações do quotidiano, que agrupadas nos indicam o estilo educativo predominantemente percebido como utilizado por adultos/pais e por crianças/filhos. Estas escalas são direccionadas para crianças entre os 3 e os 10 anos de idade, no entanto, conscientes da envergadura de uma investigação que tivesse como objectivo verificar a adaptabilidade de um instrumento para todas estas idades, tendo em conta que a percepção dos pais e mães também tem de ser recolhida, considerou-se pertinente verificar a adaptabilidade das escalas em duas investigações diferentes: Uma que verificasse a adaptabilidade da escala entre os 4 e os 7 anos (tendo-se excluído crianças de 3 anos por se considerar que estas não teriam, ainda, competências cognitivas para compreender de forma consistente os itens) e uma que verificasse-se a adaptabilidade da escala entre os 7 e os 10 anos. A presente investigação é a que se foca na verificação da adaptabilidade das escalas entre os 4 e os 7 anos de idade;

b) O estudo da eventual influência de variáveis sócio-demográficas dos adultos/pais (género, estado civil, habilitações académicas, número de filhos e contexto cultural) e de variáveis sócio-demográficas das crianças/filhos (género, ano de escolaridade, número de irmãos e contexto cultural) na percepção que adultos/pais (recolhida pela Escala PEF-A) e crianças/filhos (recolhida pela Escala PEF-H) têm sobre os estilos educativos utilizados;

c) O estudo dos estilos educativos percebidos por mães e filhos acompanhados pela Intervenção Precoce, comparativamente aos percebidos por mães e filhos não acompanhados, o que nos poderá trazer indicadores sobre a influência da existência de factores de risco e factores de protecção sobre os estilos educativos parentais percebidos por mães e filhos.

2.2. Objectivos Específicos

- 1) Avaliar os estilos educativos que pais e mães percebem que utilizam com os seus filhos e filhas;
- 2) Avaliar as diferenças entre os estilos educativos percebidos por pais e os estilos educativos percebidos por mães;
- 3) Avaliar os estilos educativos dos pais e mães percebidos pelos seus filhos e filhas;
- 4) Avaliar as diferenças entre os estilos educativos dos pais e mães percebidos pelos seus filhos e filhas;
- 5) Avaliar a qualidade psicométrica da versão portuguesa das Escalas PEF-A e PEF-H, comparativamente à sua versão original, através dos mesmos procedimentos estatísticos utilizados pelos autores da versão original;
- 6) Avaliar a relação entre os estilos educativos que os pais e mães percebem que utilizam e os estilos educativos que os seus filhos e filhas percebem que eles/elas utilizam;
- 7) Avaliar as diferenças entre os estilos educativos que pais e mães portugueses percebem que utilizam com os seus filhos/filhas e os estilos educativos que pais e mães espanhóis percebem que utilizam com os seus filhos/filhas;
- 8) Avaliar as diferenças entre os estilos educativos que filhos e filhas portugueses percebem que os seus pais e mães utilizam e os estilos educativos que filhos e filhas espanhóis percebem que os seus pais e mães utilizam;
- 9) Avaliar a influência do género dos filhos e filhas nos estilos educativos que percebem que os seus pais e mães utilizam;
- 10) Avaliar a influência do género dos filhos e filhas nos estilos educativos que os seus pais e mães percebem que utilizam;
- 11) Avaliar a influência das habilitações académicas dos pais e das mães nos estilos educativos que percebem que utilizam com os seus filhos e filhas;

- 12) Avaliar a influência do estado civil dos pais e mães nos estilos educativos que percebem que utilizam com os seus filhos e filhas;
- 13) Avaliar a influência do ano de escolaridade dos filhos e filhas nos estilos educativos que pais e mães percebem que utilizam com os seus filhos e filhas;
- 14) Avaliar a influência do ano de escolaridade dos filhos e filhas nos estilos educativos que percebem que os seus pais e mães utilizam;
- 15) Avaliar a influência do número de filhos nos estilos educativos que os pais e mães percebem que utilizam com os seus filhos e filhas;
- 16) Avaliar a influência do número de irmãos nos estilos educativos que os filhos e filhas percebem que os seus pais e mães utilizam;
- 17) Avaliar os estilos educativos que mães acompanhadas pela Intervenção Precoce percebem que utilizam com os seus filhos e filhas acompanhados pela Intervenção Precoce;
- 18) Avaliar os estilos educativos que filhos e filhas acompanhados pela Intervenção Precoce percebem que as suas mães utilizam com eles/elas;
- 19) Avaliar as diferenças entre os estilos educativos que mães acompanhadas pela Intervenção Precoce percebem que utilizam e os estilos educativos que mães não acompanhadas pela Intervenção Precoce percebem;
- 20) Avaliar as diferenças entre os estilos educativos que filhos/filhas acompanhados pela Intervenção Precoce percebem que as suas mães utilizam e os estilos educativos que filhos/filhas não acompanhados pela Intervenção Precoce percebem que as suas mães utilizam;

2.3. Questões de investigação

Tendo em conta o enquadramento e os objectivos definidos, o presente estudo pretende responder às seguintes Questões de Investigação:

Q.I. 1: As Escalas PEF-A e PEF-H apresentam níveis consideráveis de fiabilidade e viabilidade na sua versão portuguesa comparativamente à sua versão original?

Q.I. 2: Quais são os estilos educativos que pais e mães percebem que utilizam e os estilos educativos que filhos/filhas percebem que os seus pais e mães utilizam?

Q.I. 3: Qual a relação entre os estilos educativos de pais e mães, na percepção dos adultos/pais e na percepção das crianças/filhos?

Q.I. 4: Qual a relação entre os estilos educativos percebidos por pais e mães e os estilos educativos percebidos por filhos/filhas?

Q.I. 5: Qual será a influência das variáveis sócio-demográficas dos pais e mães (género, habilitações académicas, estado civil, número de filhos/filhas e contexto cultural) e dos filhos e filhas (género, número de irmãos/irmãs, ano de escolaridade e contexto cultural) nos estilos educativos que percebem?

Q.I. 6: Será que mães e seus respectivos filhos/filhas acompanhadas pela Intervenção Precoce percebem os mesmos estilos educativos que as mães e seus respectivos filhos/filhas não acompanhadas pela Intervenção Precoce?

3. Método

3.1. Participantes

No presente estudo participaram no total 190 pessoas: 120 adultos e 70 crianças. Uma primeira parte de 150 pessoas, 100 adultos pais/mães e 50 filhos/filhas foram recolhidos em 3 turmas de pré-escolar de 3 jardins-de-infância (Coopeberço, Escolinha d'Arte e Quinta dos Sonhos) e 2 turmas de 1 escola de Évora (Escola EBI/JI da Malagueira). As restantes 40 pessoas, 20 mães e 20 crianças filhos/filhas acompanhados pela Intervenção Precoce, foram recolhidos em 4 Equipas de Intervenção Precoce na Infância (Évora, Campo Maior, Portel e Reguengos de Monsaraz).

No presente estudo existe uma primeira amostra constituída por 150 pessoas, de entre as quais 100 são adultos pais/mães, 50% de pessoas do sexo masculino (n=50) e 50% do sexo feminino (n=50) e 50 são crianças, os seus respectivos filhos/filhas, 50% do sexo masculino (n=50) e 50% do sexo feminino (n=50%). Os pais têm idades entre os 23 e 49 anos, com uma média de 35,50 (DP= 5,984), as mães têm idades entre os 22 e 43 anos, com uma média de 32,98 (DP= 5,434). As crianças têm idades entre os 4 e os 7 anos, com uma média de 5,52 (DP = 0,762).

Existe uma segunda amostra constituída por 40 pessoas, de entre as quais 20 são mães e 20 são os seus respectivos filhos/filhas que são acompanhados por equipas de *Intervenção Precoce*. As mães têm idades entre os 26 e 47, com uma média de 34,30 (DP = 5,630). As crianças têm idades entre os 5 e os 6, com uma média de 5,55 (DP = 0,510). Tendo em conta as especificidades e os objectivos de cada uma das amostras para a presente investigação, iremos caracterizá-las individualmente.

Estes dados bem como os restantes que se encontram no **Tabela 1**, no **Tabela 2**, no **Tabela 3** e no **Tabela 4**, foram obtidos através de um Questionário de Caracterização Pessoal para as crianças/filhos (Anexo I) e um Questionário de Caracterização Pessoal para os pais/adultos (Anexo III).

3.1.1. Crianças e Adultos do pré-escolar e 1º ano

Tabela 1. Caracterização da amostra das crianças/filhos do pré-escolar 1º ano

<i>Variável Demográfica</i>	<i>N</i>	<i>Percentagem Válida (%)</i>
Sexo		
Masculino	25	50
Feminino	25	50
Idade		
4	2	4
5	26	52
6	16	32
7	6	12
Ano de escolaridade		
Pré-escolar	30	60
1º ano	20	40
Irmãos		
Sim	19	38
Não	31	62

De acordo com o **Tabela 1**, 60% (n = 30) frequentam o pré-escolar e 40% (n = 20) frequentam o 1º ano. 38% (n = 19) referem ter irmãos e 62% (n = 31) referem que não.

Tabela 2. Caracterização da amostra dos adultos/pais do pré-escolar e 1º ano

<i>Variável Demográfica</i>		<i>N</i>		<i>Percentagem Válida (%)</i>	
Sexo					
Masculino		50		50	
Feminino		50		50	
Idade		Pais	Mães	Pais	Mães
23-28	22-26	5	7	10	14
29-32	27-29	13	9	26	18
33-36	30-32	11	7	22	14
37-40	33-35	12	11	24	22
41-44	36-38	4	6	8	12
45-49	39-43	5	10	10	20
Estado Civil		Pais	Mães	Pais	Mães
Casado		31	31	62	62
União de Facto		19	19	38	38
Habilitações académicas		Pais	Mães	Pais	Mães
2º Ciclo		7	3	14	6
3º Ciclo		18	15	36	30
Ensino Secundário		14	17	28	34
Ensino Superior		11	15	22	30
Filhos		Pais	Mães	Pais	Mães
1	1	17	18	34	36
2	2	24	22	48	44
3	3	8	9	16	18
4	4	1	1	2	2

De acordo com o **Tabela 2**, 62% dos pais e mães são casados ($n = 31$) e 38% vivem em união de facto ($n = 38$). Relativamente às habilitações académicas dos pais, 36% dos pais têm o 3º ciclo ($n = 18$), 28% têm o ensino secundário ($n = 14$), 22% têm o ensino superior ($n = 11$) e 14% têm o 2º ciclo ($n = 7$). Relativamente às habilitações académicas das mães, 34% das mães têm o ensino secundário ($n = 17$), 30% têm o 3º ciclo ($n = 15$), 30% têm o ensino superior ($n = 30$) e 6% têm o 2º ciclo ($n = 3$). Em relação ao número de filhos, 48% referem que têm 2 filhos ($n = 24$), 34% referem que têm 1 filho ($n = 17$), 16% têm 3 filhos ($n = 8$) e 2% têm 4 filhos ($n = 4$). Em relação às

mães, 44% referem que têm 2 filhos (n = 22), 36% referem que têm 1 filho (n = 18), 18% referem que têm 3 filhos (n = 9) e 2% (n = 1) referem que têm 4 filhos.

3.1.2. Crianças e Mães acompanhadas pela Intervenção Precoce

Tabela 3. Caracterização da amostra das crianças/filhos acompanhadas pela Intervenção Precoce

Variável Demográfica	N	Percentagem Válida (%)
Sexo		
Masculino	12	60
Feminino	8	40
Idade		
5	9	45
6	11	55
Ano de escolaridade		
Pré-escolar	20	100
Irmãos		
Sim	12	60
Não	8	40

De acordo com o **Tabela 3**, 60% das crianças são do sexo masculino (n = 12) e 40% são do sexo feminino (n = 8). 100% (n = 20) frequentam o pré-escolar e 40% (n = 20) frequentam o 1º ano. 60% (n = 12) referem ter irmãos e 40% (n = 8) referem que não.

Tabela 4. Caracterização da amostra dos adultos/mães acompanhadas pela Intervenção Precoce

<i>Variável Demográfica</i>	<i>N</i>	<i>Percentagem Válida (%)</i>
Sexo		
Feminino	20	100
Idade		
26-28	5	20
30-34	7	25
35-38	5	25
41-47	4	20
Estado Civil		
Casado	12	60
União de Facto	7	35
Solteiro	1	5
Habilitações académicas		
1º Ciclo	2	10
2º Ciclo	3	15
3º Ciclo	6	30
Ensino Secundário	4	20
Ensino Superior	5	25
Filhos		
1	8	40
2	8	40
3	1	5
4	2	10
6	1	5

De acordo com a **Tabela 4**, 60% das mães são casadas ($n = 12$), 35% vivem em união de facto ($n = 7$) e uma é solteira ($n = 1$). Em relação às habilitações académicas 30% das mães têm o 3º ciclo ($n = 6$), 25% têm o ensino superior ($n = 5$), 20% têm o ensino secundário ($n = 4$), 15% têm o 2º ciclo ($n = 3$) e 10% têm o 1º ciclo ($n = 10$). Em relação ao número de filhos, 40% referem ter 1 filho ($n = 8$), 40% referem ter 2 filhos ($n = 8$), 10% referem ter 4 filhos ($n = 2$), 5% referem ter 3 filhos ($n = 1$) e 5% referem ter 6 filhos ($n = 1$).

3.2. Instrumento

3.2.1. Questionários de Caracterização Pessoal

Foi criado um Questionário de Caracterização Pessoal para os adultos/pais (Anexo I), através do qual se recolhem informações sobre o grau de Parentesco (Mãe, Pai ou Outro), a idade, o número de filhos/filhas, o agregado familiar, o estado civil e as habilitações académicas; e um Questionário de Caracterização Pessoal para as crianças/filhos (Anexo III), através do qual se recolhem informações sobre o género, idade, número de irmãos/irmãs, agregado familiar e ano de escolaridade.

3.2.2. Escalas de Identificação de Práticas Educativas Familiares (PEF)

Para estudar as práticas educativas parentais foi utilizada uma versão traduzida e adaptada das *Escalas de Identificação de Práticas Educativas Familiares em crianças pequenas: PEF*, versão original de Alonso e Román (2003).

Este instrumento é composto por 4 escalas de identificação das práticas educativas familiares:

1. PEF-A: Escala para adultos, composta por 90 itens (Anexo II);
2. PEF-H: Escala para crianças, composta por 45 itens (Anexo IV);
3. PEF-A2: Escala abreviada para adultos, composta por 54 itens;
4. PEF-H2: Escala abreviada para crianças, composta por 27 itens;

Estas escalas avaliam a percepção de práticas educativas específicas que são posteriormente cotadas e nos dão acesso aos estilos educativos que são com mais frequência utilizados pelos pais e pelas mães. Recolhem a percepção individual do adulto e a percepção da criança, em separado, para possibilitar a comparação entre os dados.

Neste estudo foram utilizadas as Escalas PEF-A para adultos/pais e a PEF-H para crianças/filhos, nos seus formatos completos.

Ambas as escalas estão agrupadas por cinco grandes categorias/situações (1. *Quando iniciam algo novo*; 2. *Quando há uma ruptura nas rotinas*; 3. *Quando vai para a cama*; 4. *Quando contam ou mostram algo*; 5. *Quando brincam*⁷) e cada uma destas categorias possui três situações hipotéticas, uma primeira que reporta para o Conflito Externo⁸, uma segunda que reporta para o Conflito Interno⁸ e uma terceira que reporta para a Transgressão/incumprimento de regras⁸, o que perfaz um total de quinze situações hipotéticas (distribuídas pelas cinco categorias).

⁷ Exploradas no capítulo 1.4. Avaliação das Práticas Educativas Parentais, subcapítulo 1.4.1.2. Escalas de Identificação PEF.

Na Escala para adultos/pais PEF-A cada situação hipotética apresenta seis tipos de práticas educativas possíveis (formas de acção dos pais perante as situações hipotéticas apresentadas), que são respondidas numa *escala de likert*⁸ de 0 a 5 e que representam três estilos educativos diferentes (Estilo Autoritário, Estilo Equilibrado e Estilo Permissivo), com duas respostas para cada um deles. Para uma melhor compreensão, é apresentado um exemplo:

Figura 5. Exemplo de uma situação hipotética da Situação 1. *Quando iniciam algo novo*, referente ao Conflito Externo (PEF-A)

A – Conflito Externo						
“O/A seu/sua filho/a sabe que nesta idade já deve aprender a vestir-se sozinho/a. Imagine que hoje estreia uma camisa nova e os botões têm uma forma diferente e são um pouco mais difíceis de abotoar. Ele/Ela queixa-se e pede ajuda.”						
O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
1. Penso que se o/a ajudasse ficava a depender excessivamente de mim. Deve fazê-lo sozinho/a.						
2. Já que os botões são mais difíceis e era a primeira vez, ensinava-o/a e enquanto existisse interesse da parte dele/a, incentivava-o/a e ajudava a terminar.						
3. Se o faz habitualmente e nesse dia diz que são mais difíceis, não teria dúvidas e abotoava-os eu.						
4. Não via necessidade de ajudá-lo/a porque se todos os dias o faz, deve ser uma birra e não se pode ceder aos seus caprichos.						
5. Se reclama é porque tem razão e são mais difíceis de abotoar, assim abotoava-os sem necessitar de perder tempo a discutir.						
6. Primeiro comprovava se tinha razão. Se assim fosse ensinava-o/a, para que pudesse ir fazendo sozinho/a pouco a pouco. Se fosse necessário ajudava-o/a.						

A Escala para crianças/filhos PEF-H tem a mesma estrutura que a dos adultos mas adaptada e simplificada, cada situação e tipo de conflito têm três tipos possíveis de resposta que representam três estilos educativos diferentes, com uma resposta para cada um deles (Estilo Autoritário, Estilo Equilibrado e Estilo Permissivo). Para uma melhor compreensão, é apresentado um exemplo:

Figura 6. Exemplo de uma situação hipotética da Situação 1. *Quando inicia algo novo*, referente ao Conflito Externo (PEF-H)

A – Conflito Externo		
“Imagina que hoje estreia uma camisa nova e os botões são um pouco mais difíceis de abotoar. Queixas-te e pedes ajuda.”		
O que achas que fazia?	Paí	Mãe
1. Ralhava-te e dizia-te que abotoasses a camisa da mesma forma que nos outros dias.		
2. Aproximava-se para ver se tinhas razão e se fosse verdade ensinava-te a abotoar a camisa.		
3. Não duvidava que não conseguisses e abotoava-tos.		

A Escala para crianças PEF-H possui material gráfico que facilita a compreensão das crianças e que foi utilizado na presente investigação. Este material

⁸ 0 Nunca (0), Raramente (1), Algumas vezes (2), Muitas vezes (3), Quase Sempre (4) e Sempre (5).

gráfico é constituído por 30 pranchas, 15 para a aplicação com o género masculino e 15 para a aplicação com o género feminino e que correspondem a uma por cada situação hipotética/conflito e possuem uma imagem representativa da situação/conflito apresentado. Para uma melhor compreensão, é apresentado um exemplo reduzido de uma das pranchas:

Figura 7. Exemplo de uma prancha para o género masculino, Situação 1. *Quando inicia algo novo*, referente ao Conflito Externo (PEF-H)



Em relação à fiabilidade das escalas, foi utilizado o *alfa de cronbach* para avaliar a consistência interna.

A **Escala para adultos PEF-A** apresenta um *alfa de cronbach* satisfatório na forma para Pais ($\alpha = 0,88$) e na forma para Mães ($\alpha = 0,86$). São ainda apresentados os *alfas de cronbach* por cada uma das situações (S1. $\alpha = 0,86$; S2. $\alpha = 0,82$; S3. $\alpha = 0,85$; S4. $\alpha = 0,87$; e S5. $\alpha = 0,87$), que são bons. São, também, apresentados os *alfas de cronbach* segundo estilos de Pais (estilo autoritário $\alpha = 0,85$; estilo equilibrado $\alpha = 0,87$; estilo permissivo $\alpha = 0,83$) e de Mães (estilo autoritário $\alpha = 0,85$; estilo equilibrado $\alpha = 0,81$; estilo permissivo $\alpha = 0,81$), que são também bons.

A **Escala para crianças PEF-H** apresenta um *alfa de cronbach* global que é adequado ($\alpha = 0,77$).

Por fim, são indicados os *alfas de cronbach* globais dos estilos dos adultos/pais (estilo autoritário $\alpha = 0,85$; estilo equilibrado $\alpha = 0,84$; estilo permissivo $\alpha = 0,86$) e das crianças/filhos (estilo autoritário $\alpha = 0,58$; estilo equilibrado $\alpha = 0,15$; estilo permissivo $\alpha = 0,56$).

Em relação à validade factorial das escalas, foi utilizada a análise de componentes principais para a Escala PEF-A e análise de homogeneidade para a Escala PEF-H. Na **Escala PEF-A** a análise explica quase 82% da variância e vai de

encontro ao suporte teórico que orientou a construção do instrumento. Na **Escala PEF-H** os autores encontraram uma dimensão que, de forma constante em todos os itens, têm uma carga positiva do estilo equilibrado e negativa dos outros dois.

Relativamente ao âmbito de utilização das Escalas PEF estas têm distintas utilizações e podem ser aplicadas por diferentes profissionais. De acordo com os autores (Alonso & Román, 2003) podem ser úteis para realizar: 1. Diagnósticos dos estilos educativos ou práticas educativas que os adultos/pais utilizam com as crianças/filhos; 2. Avaliações prévias, antes de uma intervenção, preventiva ou optimizadora e podem voltar a aplicar-se em avaliações posteriores, para avaliar o nível de cumprimento dos objectivos definidos; 3. Investigações, em que podem ser de utilidade na quantificação e operacionalização das variáveis «Estilos Educativos» ou «Práticas Educativas Familiares»;

3.3. Procedimentos

3.3.1. Tradução/Adaptação do instrumento

O processo de tradução da PEF para a língua portuguesa foi desenvolvido em três momentos. Primeiramente, realizaram-se duas traduções independentes do instrumento original, em espanhol, para a língua portuguesa. A comparação das duas versões apoiou a sua equivalência, dando origem a pequenos ajustamentos na versão resultante. Seguidamente foi realizada a retroversão da versão portuguesa por uma terceira pessoa, bilingue, e simultaneamente foi realizada uma revisão da tradução efectuada por uma quarta pessoa, também ela bilingue. Após o confronto entre as três versões resultantes, foram introduzidas algumas alterações na última versão do instrumento. Por fim, a versão portuguesa da PEF foi aplicada individualmente a 3 crianças com o objectivo de testar a clareza do vocabulário utilizado, tendo-se verificado a sua clareza.

3.3.2. Recolha de dados

Num primeiro momento, foram contactadas diversas instituições (jardins-de-infância e escola) e várias equipas de Intervenção Precoce para solicitar a sua colaboração no estudo e a posterior autorização para contactar os pais.

Após a resposta positiva da direcção de três jardins-de-infância, os pais de todos os alunos do pré-escolar foram contactados através das educadoras e foi-lhes

perguntado se aceitavam participar no estudo e em caso de resposta positiva foi lhes pedido que assinassem uma autorização para a posterior aplicação da escala aos seus filhos/filhas e entregue um envelope com dois questionários, um para o pai e outro para a mãe. A autorização na escola decorreu de outra forma, após o consentimento da direcção, o estudo foi sucintamente apresentado aos pais nas reuniões do final do 2º período, em duas turmas de 1º ano e, posteriormente, foi lhes pedida a sua colaboração no preenchimento da Escala PEF-A e a autorização para que a escala PEF-H fosse aplicada aos seus filhos/filhas.

Cada questionário tinha um código, no cabeçalho, que permitia posteriormente associar os questionários dos adultos/pais com os questionários das crianças/filhos, existindo listas com os códigos e os respectivos nomes das crianças, que foram posteriormente destruídas, de forma a garantir a confidencialidade dos dados fornecidos. Os questionários foram posteriormente devolvidos selados às educadoras/professoras e entregues à investigadora. Não foram considerados válidos os protocolos cujo *Questionário de Caracterização Pessoal* dos adultos/pais se encontrava totalmente por preencher e aqueles cujo preenchimento da *Escala PEF-A* se encontrava totalmente em branco.

A escala dos adultos/pais (PEF-A) foi de auto-administração, no entanto, tinha informações claras sobre como se processava o preenchimento e de que a informação recolhida era anónima, confidencial e que poderiam desistir em qualquer momento. Em relação à escala das crianças/filhos (PEF-H) foi aplicada directamente e individualmente às crianças, tendo tido a aplicação uma duração média de 30 minutos no pré-escolar (com o qual foi utilizado o material gráfico da prova) e de 20 minutos no 1º ano. Todas as crianças participaram de forma voluntária e foi-lhes dito que poderiam desistir a qualquer momento e que a informação recolhida era confidencial.

Relativamente à recolha da amostra da Intervenção Precoce, as equipas, foram primeiro contactadas através de e-mail. Após a resposta positiva de algumas delas, a investigadora dirigiu-se aos locais de origem destas equipas para proceder à aplicação das escalas. Os procedimentos de aplicação foram restringidos às condições de cada equipa e família, isto é, nalgumas equipas foi permitido o contacto da investigadora com os adultos/mães e noutras isso foi-lhe restrito e o contacto e pedido de colaboração no preenchimento da Escala PEF-A e a autorização para a aplicação da Escala PEF-H às crianças/filhos foi processado através dos técnicos da equipa.

Todos os dados dos participantes e as suas respostas aos protocolos foram inseridos numa base de dados previamente construída. A forma de construção da

base permitiu que cada entrada correspondesse a cada criança/filho e respectivos adultos/pais. Posteriormente, os dados foram sujeitos a análise estatística com recurso ao SPSS 18® (*Statistical Package for the Social Sciences*).

3.3.3. Análise de dados

Relativamente aos procedimentos da análise de dados, tendo em consideração as perguntas de partida e o tipo de estudo que se pretende desenvolver, após se ter efectuado uma análise descritiva, com o objectivo de descrever e caracterizar a amostra⁹. Foi efectuada uma análise descritiva simples sobre as Escalas PEF-H e PEF-A, na primeira através da análise das frequências e moda das situações/conflitos e na segunda através da média das respostas das situações/conflitos.

Em segundo lugar foi efectuada a avaliação psicométrica das escalas PEF-H e PEF-A, individualmente, com o objectivo de avaliar a sua qualidade, tendo-se replicado os mesmos procedimentos utilizados pelos autores Alonso e Román (2003) na validação do instrumento original.

Posteriormente foram efectuadas correlações para verificar se existiam relações lineares entre as Escalas PEF-A, entre as Escalas PEF-H e entre as Escalas PEF-A e PEF-H.

Foram ainda averiguadas a existência de associações significativas entre as pontuações dos estilos e variáveis sócio-demográficas dos adultos/pais e das crianças/filhos.

Por último, foram investigadas, eventuais, diferenças na percepção das práticas educativas entre mães/filhos acompanhados pela Intervenção Precoce e mães/filhos não acompanhados pela Intervenção Precoce.

⁹ Apresentada no Capítulo 2, subcapítulo 2.1. Participantes do Estudo.

3.4. Cuidados Éticos e Deontológicos

Na presente investigação foram salvaguardados os princípios definidos pelo *Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses*, publicado em *Diário da República, 2ª Série – N.º 78 – 20 de Abril 2011*. De acordo com este Código, os/as psicólogos/as, enquanto investigadores, têm de ter em conta dois princípios gerais, o bem-estar dos participantes nas investigações, e a produção e comunicação de conhecimento científico válido e susceptível de melhorar o bem-estar das pessoas. Daqui decorrem duas áreas de princípios específicos relativos ao tratamento dos participantes em investigações científicas e à conduta profissional do investigador, que foram respeitados na presente investigação.

Primeiramente, foi assegurado que a presente investigação não causava danos físicos e/ou psicológicos, e de que não existiam riscos para os participantes. Posteriormente, foi pedida a colaboração a jardins-de-infância, a uma escola e a equipas de Intervenção Precoce para o contacto com os/as pais/mães de crianças integradas nas respectivas instituições/equipas, e foi-lhes fornecida a informação necessária sobre a investigação e sobre as características gerais da, eventual, participação dos pais/mães, que lhes permitisse tomar uma decisão informada quanto aos potenciais riscos e benefícios de autorizarem o conseqüente pedido de participação na investigação aos pais/mães. Após o consentimento das instituições/equipas, os pais/mães foram contactados, presencialmente pela investigadora numa reunião e/ou através de um documento escrito (consoante a instituição/equipa), e foi-lhes fornecida a informação necessária sobre a investigação e pedida a sua participação voluntária no estudo, através do preenchimento de uma escala para pais/mães (Escala PEF-A) e efectuado um pedido de autorização para a aplicação de uma escala aos seus filhos/filhas (Escala PEF-H).

As escalas preenchidas pelos pais/mães foram devolvidas às educadoras/professoras em envelopes fechados. Relativamente às crianças, que têm a sua autodeterminação limitada, foi obtido consentimento através dos seus pais/mães, no entanto, foi tida em conta a sua vontade de participar no estudo aquando da aplicação da escala pela investigadora e, tendo em conta a sua idade, foram-lhes explicados os seus direitos de participar de forma voluntária, de desistir em qualquer momento da aplicação e de que a informação era confidencial.

Os dados recolhidos foram os estritamente necessários para a realização da presente investigação e foram mantidos confidenciais. Os dados dos pais/mães e dos

seus respectivos filhos/as foram possíveis de cruzar através da existência de uma lista de códigos, nesta lista de códigos cada criança tinha um número, sendo que os questionários dos pais/mães entregues tinham esse mesmo número, estas listas de códigos foram destruídas assim que as escalas foram recolhidas. Foi garantida às instituições/equipas colaboradoras e aos pais/mães participantes na investigação a oportunidade de obter informação apropriada sobre os objectivos, resultados e conclusões da investigação, se assim o pretendessem.

Na presente investigação, foi respeitada a integridade científica, assume-se a veracidade dos dados apresentados e o crédito autoral de ideias e trabalho nos termos devidos.

4. Apresentação e Análise dos Resultados

4.1. Análise Descritiva e Comparação de médias

4.1.1. Escala para Crianças/Filhos - PEF-H:

Primeiramente, procedeu-se a uma análise descritiva simples das cinco situações (S1. *Quando inicia algo novo*; S2. *Quebra nas Rotinas*; S3. *Quando vão dormir*; S4. *Quando contam ou mostram algo*; S5. *Quando brincam*) subdivididas pelos três conflitos (1. *Conflito externo*; 2. *Conflito interno*; 3. *Transgressão de regras*), sobre os resultados que as crianças percebem em relação ao comportamento do pai e da mãe. Na **Tabelas 5** são apresentados os resultados relativos à percepção das crianças/filhos em relação ao comportamento do pai e na **Tabelas 6** são apresentados os resultados relativos à percepção das crianças/filhos em relação ao comportamento da mãe. Posteriormente os resultados foram comparados de forma descritiva.

Tabela 5. Frequências e modas das respostas das crianças em relação ao pai por estilos, situações e conflitos (Escala PEF-H)

		Autoritário	Equilibrado	Permissivo	Total	Moda
Situação 1 Quando inicia algo novo	Conflito Externo	9 (18%)	23 (46%)	18 (36%)	50 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	20 (40%)	16 (32%)	14 (28%)	50 (100%)	Autoritário
	Transgressão de regras	23 (46%)	23 (46%)	4 (8%)	50 (100%)	Aut/Equ
Situação 2 Quebra nas rotinas	Conflito Externo	12 (24%)	24 (48%)	14 (28%)	50 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	6 (12%)	30 (60%)	14 (28%)	50 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de Regras	15 (30%)	29 (58%)	6 (12%)	50 (100%)	Equilibrado
Situação 3 Quando vão dormir	Conflito Externo	16 (32%)	24 (48%)	10 (20%)	50 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	14 (28%)	26 (52%)	10 (20%)	50 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de Regras	13 (26%)	30 (60%)	7 (14%)	50 (100%)	Equilibrado
Situação 4 Quando contam ou mostram algo	Conflito Externo	2 (4%)	33 (66%)	15 (30%)	50 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	10 (20%)	26 (52%)	14 (28%)	50 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de Regras	7 (14%)	31 (62%)	12 (24%)	50 (100%)	Equilibrado
Situação 5 Quando brincam	Conflito Externo	5 (10%)	30 (60%)	15 (30%)	62 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	11 (22%)	31 (62%)	8 (16%)	50 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de Regras	10 (20%)	31 (62%)	9 (18%)	50 (100%)	Equilibrado

Na **S1. Quando inicia algo novo**, no Conflito Externo verificou-se uma predominância do estilo equilibrado (p.46%) sobre o estilo permissivo (p.36%) e sobre o estilo autoritário (p.18%). No Conflito Interno verificou-se uma predominância do estilo autoritário (p.40%) sobre o estilo equilibrado (p.32%) e sobre o estilo permissivo

(p.28%). Na Transgressão de Regras verificou-se uma igual predominância do estilo autoritário (p.46%) e equilibrado (p.46%) e uma baixa predominância do estilo permissivo (p.8%).

Na **S2. Quebra nas rotinas**, no Conflito Externo existe uma maior predominância do estilo equilibrado (p.48%), no entanto, o estilo autoritário (p.24%) e o estilo permissivo (28%) encontram-se em níveis bastante próximos. Na Transgressão de regras, os pais indicam níveis mais elevados no estilo autoritário (p.30%) do que no estilo permissivo (p.12%), no entanto, é o estilo equilibrado (p.58%) que predomina.

Na **S3. Quando vão dormir**, verifica-se uma maior predominância do estilo equilibrado no Conflito Externo (p.48%), no Conflito Interno (p.52%) e na Transgressão de Regras (p.60%), no entanto, verifica-se uma maior predominância do estilo autoritário em relação ao estilo permissivo no Conflito Interno (p.32% versus p.20%), no Conflito Externo (p.28% versus p.20%) e na Transgressão de Regras (p.26% versus p.14%).

Na **S4. Quando contam ou mostram algo**, verifica-se uma maior predominância do estilo equilibrado, no Conflito Externo (p.66%), seguindo-se o estilo permissivo (p.30%) e, por fim, o estilo autoritário (p.4%). No Conflito Interno, verifica-se igualmente uma maior predominância do estilo equilibrado (p.52%), seguindo-se o estilo permissivo (p.28%) e por fim o estilo autoritário (p.20%). Na Transgressão de Regras, verifica-se, também, uma maior predominância do estilo equilibrado (p.62%), seguindo-se o estilo permissivo (p.24%) e por fim o estilo autoritário (p.14%).

Na **S5. Quando brincam**, no Conflito Externo verificou-se a predominância do estilo equilibrado (p.60%) sobre o estilo permissivo (p.30%) e sobre o estilo autoritário (p.10%). No entanto, no Conflito Interno e na Transgressão de Regras, apesar de se verificar uma predominância do estilo equilibrado (p.62% e p.62%), constata-se uma predominância do estilo autoritário sobre o estilo permissivo (p.22% versus p.16% - Conflito Interno; p.20% versus p.18% - Transgressão de regras).

Sintetizando, os pais são indicados pelos seus filhos como mais autoritários na S1 na Transgressão de regras (p.46%) e como menos autoritários na S4 no Conflito Externo (p.4%). São indicados como mais equilibrados na S4 no Conflito Externo (p.66%) e como menos equilibrados na S1 no Conflito Interno (p.32%). Os pais são indicados como mais permissivos na S1 no Conflito Externo (p.36%) e como menos permissivos, também, na S1 na Transgressão de regras (8%). É de referir que na S3 os pais reportam nos três conflitos uma maior predominância do estilo autoritário em

relação ao estilo permissivo nos três conflitos (p.28% versus p.20% - Conflito Externo; p.32% versus p.20% - Conflito Interno; p.26% versus p.14% - Transgressão de regras).

Tabela 6. Frequências e modas das respostas das crianças em relação à mãe por estilos, situações e conflitos (Escala PEF-H)

		Autoritário	Equilibrado	Permissivo	Total	Moda
Situação 1 Quando inicia algo novo	Conflito Externo	3 (6%)	31 (62%)	16 (32%)	50 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	11 (22%)	26 (52%)	13 (26%)	50 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de Regras	14 (28%)	31 (62%)	5 (10%)	50 (100%)	Equilibrado
Situação 2 Quebra nas rotinas	Conflito Externo	10 (20%)	31 (62%)	9 (18%)	50 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	4 (8%)	34 (68%)	12 (24%)	50 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de Regras	9 (18%)	35 (70%)	6 (12%)	50 (100%)	Equilibrado
Situação 3 Quando vão dormir	Conflito Externo	9 (18%)	34 (68%)	7 (14%)	50 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	4 (8%)	33 (66%)	13 (26%)	50 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de Regras	4 (8%)	34 (68%)	12 (24%)	50 (100%)	Equilibrado
Situação 4 Quando contam ou mostram algo	Conflito Externo	3 (6%)	41 (82%)	6 (12%)	50 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	7 (14%)	30 (60%)	13 (26%)	50 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de Regras	1 (2%)	35 (70%)	14 (28%)	50 (100%)	Equilibrado
Situação 5 Quando brincam	Conflito Externo	2 (4%)	43 (86%)	5 (10%)	50 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	7 (14%)	37 (74%)	6 (12%)	50 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de Regras	6 (12%)	33 (66%)	11 (22%)	50 (100%)	Equilibrado

Na **S1.Quando inicia algo novo**, no Conflito Externo verificou-se uma predominância do estilo equilibrado (p.62%) sobre o estilo permissivo (p.32%) e sobre o estilo autoritário (p.6%). No entanto, no Conflito Interno, apesar de se ter verificado uma predominância do estilo equilibrado (p.52%) sobre o estilo permissivo (p.26%) e sobre o estilo autoritário, encontraram-se níveis elevados do estilo autoritário (p.22%). Na Transgressão de Regras, o estilo equilibrado predomina (p.62%), seguindo-se o estilo autoritário (p.28%) e, por fim, o estilo permissivo (p.10%).

Na **S2.Quebra nas rotinas**, no Conflito Externo o estilo equilibrado predomina (p.62%), seguindo-se o estilo autoritário (p.20%) e, por fim, o estilo permissivo (p.18%). No Conflito interno, o estilo equilibrado (p.68%) predomina sobre o estilo permissivo (p.24%) e sobre o estilo autoritário (p.8%). Na Transgressão de regras o estilo equilibrado (p.70%) predomina sobre o estilo permissivo e autoritário, mas o estilo autoritário sobrepõem-se ao estilo permissivo (p.18% versus p.12%).

Na **S3. Quando vão dormir**, verifica-se uma maior predominância do estilo equilibrado no Conflito Externo (p.68%), seguindo-se o estilo autoritário (p.18%) e o estilo permissivo (p.14%). No Conflito interno e na Transgressão de regras verificou-se uma maior predominância do estilo equilibrado (p.66% - Conflito Interno; e p.68% - Transgressão de regras) sobre o estilo permissivo (p.26% e p.24%) e sobre o estilo autoritário (p.8% e p.8%).

Nas **S4. Quando contam ou mostram algo**, verificou-se uma predominância do estilo equilibrado no Conflito Externo (p.82%) no Conflito Interno (p.60%) e na Transgressão de regras (p.70%), seguindo-se o estilo permissivo (p.12% - Conflito Externo; p.26% - Conflito Interno; p.28% - Transgressão de regras) e, por fim, o estilo autoritário (p.3% - Conflito Externo; p.7% - Conflito Interno; p.1% - Transgressão de regras).

Na **S5. Quando brincam**, no Conflito Externo e na Transgressão de regras verificou-se a predominância do estilo equilibrado (p.86% - Conflito Externo; p.66% - Transgressão de regras), seguindo-se o estilo permissivo (p.10% - Conflito Externo p.22% - Transgressão de regras) e, por fim, o estilo autoritário (p.4% - Conflito Externo; p.12% - Transgressão de regras). No Conflito Interno verificou-se uma predominância do estilo equilibrado (p.74%), seguindo-se o estilo autoritário (p.14%) e o estilo permissivo (p.12%) em níveis próximos.

Sintetizando, as mães são indicadas pelos seus filhos como mais autoritárias na S1 na Transgressão de regras (p.28%) e como menos autoritárias na S4 na Transgressão de regras (p.2%). São indicadas como mais equilibradas na S5 no Conflito Externo (p.86%) e como menos equilibradas na S1 no Conflito Interno (p.52%). Relativamente à permissividade, as mães são indicadas como mais permissivas na S1 no Conflito Externo (p.32%) e são indicadas como menos permissivas na S1 na Transgressão de regras (p.10%) e na S5 no Conflito Externo (p.10%).

Através de uma **análise comparativa** entre as frequências e a moda das respostas das crianças **em relação aos pais** e às mães, podemos constatar o seguinte:

Na **S1. Quando inicia algo novo**, os pais são indicados, de forma geral, pelos seus filhos como mais autoritários do que as mães (p.18% versus p.6% - Conflito Externo; p.40% versus p.22% - Conflito Interno; p.46% versus p.28% - Transgressão de regras) e, também, mais permissivos (p.36% versus p.32% - Conflito Externo;

p.28% versus p.26% - Conflito Interno), excepto na Transgressão de regras em que as mães são, ligeiramente, indicadas como mais permissivas do que os pais (p.10% versus p.8%). As mães, por sua vez, são indicadas como mais equilibradas do que os pais nos três conflitos (p.62% versus p.46% - Conflito Externo; p.52% versus p.32% - Conflito Interno; p.62% versus p.46% - Transgressão de regras).

Tabela 7. Análise comparativa entre as frequências e a moda das respostas das crianças em relação aos pais e às mães na Situação 1 (Escala PEF-H)

		Conflito Externo	Conflito Interno	Transgressão de regras
Estilo Equilibrado	Pai	46%	32%	46%
	Mãe	62%	52%	62%
Estilo Permissivo	Pai	36%	28%	8%
	Mãe	32%	26%	10%
Estilo Autoritário	Pai	18%	40%	46%
	Mãe	6%	22%	28%

Na **S2. Quebra nas rotinas**, os pais são indicados, de forma geral, pelos seus filhos como mais autoritários (p.24% versus p.20% - Conflito Externo; p.12% versus p.8% - Conflito Interno; p.30% versus 18% - Transgressão de regras) e como mais permissivos (p.28% versus p.18% - Conflito Externo; p.28% versus p.24% - Conflito Interno) do que as mães, excepto na Transgressão de regras em que existe uma igualdade no número de pais e mães indicados como permissivos (p.12% = p.12%). As mães são novamente, à semelhança da S1, indicadas como mais equilibradas do que os pais nos três conflitos (p.62% versus p.48% - Conflito Externo, p.68% versus p.60% - Conflito Interno; p.70% versus p.58% - Transgressão de regras).

Tabela 8. Análise comparativa entre as frequências e a moda das respostas das crianças em relação aos pais e às mães na Situação 2 (Escala PEF-H)

		Conflito Externo	Conflito Interno	Transgressão de regras
Estilo Equilibrado	Pai	48%	60%	58%
	Mãe	62%	68%	70%
Estilo Permissivo	Pai	28%	28%	12%
	Mãe	18%	24%	12%
Estilo Autoritário	Pai	24%	30%	30%
	Mãe	20%	18%	18%

Na **S3. Quando vão dormir**, os pais são indicados pelos seus filhos como mais autoritários (p.32% versus p.18% - Conflito Externo; p.28% versus p.8%; Conflito Interno; p.26% versus p.8% - Transgressão de regras) que as mães, e as mães como mais equilibradas que os pais (p.68% versus p.48% - Conflito Externo; p.66% versus p.52% - Conflito Interno; p.68% versus p.60% - Transgressão de regras), no entanto, divergindo do encontrado na S1 e na S2, as mães são mais permissivas do que os pais (p.26% versus p.20% - Conflito Interno; p.24% versus p.14%; - Transgressão de regras), excepto no Conflito Externo em que os pais são indicados como mais permissivos que as mães (p.20% versus p.14%).

Tabela 9. Análise comparativa entre as frequências e a moda das respostas das crianças em relação aos pais e às mães na Situação 3 (Escala PEF-H)

		Conflito Externo	Conflito Interno	Transgressão de regras
Estilo Equilibrado	Pai	48%	52%	60%
	Mãe	68%	66%	68%
Estilo Permissivo	Pai	20%	20%	14%
	Mãe	14%	26%	24%
Estilo Autoritário	Pai	32%	28%	26%
	Mãe	18%	8%	8%

Na **S4. Quando contam ou mostram algo**, as mães são indicadas, mais uma vez, como mais equilibradas do que os pais (p.82% versus p.66% - Conflito Externo; p.60% versus p.52% - Conflito Interno; p.70% versus p.62% - Transgressão de regras). Os pais são, de forma geral, indicados como mais autoritários do que as mães (p.20% versus p.14% - Conflito Interno; p.14% versus p.2% - Transgressão de regras), excepto no Conflito Interno em que as mães são, ligeiramente, mais autoritárias do

que os pais (p.6% versus p.4%). Os pais são, também, de forma geral, indicados como mais permissivos do que as mães (p.30% versus p.12% - Conflito Externo e p.28% versus p.26% - Conflito Interno), excepto na Transgressão de regras em que as mães são, ligeiramente, indicadas como mais permissivas (p.28% versus p.24%).

Tabela 10. Análise comparativa entre as frequências e a moda das respostas das crianças em relação aos pais e às mães na Situação 4 (Escala PEF-H)

		Conflito Externo	Conflito Interno	Transgressão de regras
Estilo Equilibrado	Pai	66%	52%	62%
	Mãe	82%	60%	70%
Estilo Permissivo	Pai	30%	28%	24%
	Mãe	12%	26%	28%
Estilo Autoritário	Pai	20%	4%	14%
	Mãe	14%	6%	2%

Na **S5. Quando brincam**, à semelhança do que se verificou nas situações anteriores, as mães são indicadas pelos seus filhos como mais equilibradas do que os pais (p.86% versus p.60% - Conflito Externo; p.74% versus p.62% - Conflito Interno; p.66% versus p.62% - Transgressão de regras) e como menos autoritárias do que os pais (p.4% versus p.10% - Conflito Externo; p.14% versus p.22% - Conflito Interno; p.12% versus p.20% - Transgressão de regras). Em relação à permissividade, os pais são indicados como mais permissivos do que as mães no Conflito Externo (p.30% versus p.10%) e no Conflito Interno (p.16% versus p.12%), excepto na Transgressão de regras em que as mães são indicadas como mais permissivas do que os pais (p.22% versus p.18%).

Tabela 11. Análise comparativa entre as frequências e a moda das respostas das crianças em relação aos pais e às mães na Situação 5 (Escala PEF-H)

		Conflito Externo	Conflito Interno	Transgressão de regras
Estilo Equilibrado	Pai	60%	62%	62%
	Mãe	86%	74%	66%
Estilo Permissivo	Pai	30%	16%	18%
	Mãe	10%	12%	22%
Estilo Autoritário	Pai	10%	22%	20%
	Mãe	4%	14%	12%

Verificou-se, de forma geral, que em todas as situações as mães foram indicadas como mais equilibradas do que os pais e os pais foram indicados como mais autoritários e permissivos do que as mães.

Em segundo lugar, procedeu-se a uma a uma análise descritiva das escalas e os valores médios em cada forma foram comparados com os valores globais obtidos pelos sujeitos na aferição da escala PEF-H para a Espanha¹⁰. No **Tabela 12** indicam-se os valores (mínimos, máximos, médios e respectivos desvio-padrão). Os valores globais médios são bastante semelhantes à média do apresentado pelas crianças/filhos espanholas, verificando-se que as crianças portuguesas percebem os seus pais e mães da mesma forma que as crianças espanholas percebem os seus pais e mães, não se tendo encontrado diferenças significativas.

Tabela 12. Descritivas e comparação de médias globais dos estilos educativos percebidos por crianças/filhos em relação aos pais e mães da nossa amostra (portugueses) com as médias globais dos estilos educacionais percebidos por crianças/filhos percebidos em relação aos pais e mães da versão original da PEF-H (espanhóis) (PEF-H)

Percepção das Crianças/Filhos (PEF-H)	N	Mínimo	Máximo	Desvio-padrão	Média global	Média global (versão original da PEF-H)	Sig.
Pais	50	15	40	5,952	30	31	,312
Mães	50	18	43	4,369	31	32	,305

¹⁰ A versão original da PEF, na versão para crianças/filhos (PEF-H) indica uma média global da soma das situações que corresponde a um determinado estilo e não uma média dos estilos.

Realizou-se, também, uma análise descritiva da escala segundo os estilos percebidos pelas crianças/filhos, por se considerar que esta permite uma análise detalhada. No **Tabela 13** indicam-se os valores (mínimos, máximos, médios e respectivos desvio-padrão) obtidos.

Tabela 13. Descritivas sobre os estilos educativos dos pais e mães percebidos por crianças/filhos (PEF-H)

Percepção das Crianças/Filhos (PEF-H)	N	Mínimo	Máximo	Desvio-padrão	Média
Estilo Autoritário (Pai)	50	0	14	3,405	6,14
Estilo Autoritário (Mãe)	50	0	12	2,351	2,06
Estilo Equilibrado (Pai)	50	0	27	5,936	13,90
Estilo Equilibrado (Mãe)	50	0	30	6,257	19,28
Estilo Permissivo (Pai)	50	0	30	8,222	10,10
Estilo Permissivo (Mãe)	50	0	39	8,858	10,02

Os valores médios em cada estilo sobre a percepção dos filhos em relação aos pais são comparados aos valores médios em cada estilo sobre a percepção dos filhos em relação às mães (**Tabela 14**). Encontrámos diferenças estatisticamente significativas no estilo autoritário (Pai), obtendo os pais valores mais elevados no estilo autoritário do que as mães ($\bar{x} = 6,14$ versus $\bar{x} = 2,06$) e no estilo equilibrado (Pai), obtendo os pais valores mais inferiores no estilo equilibrado do que as mães ($\bar{x} = 19,28$ versus $\bar{x} = 13,90$).

Tabela 14. Comparação de médias dos estilos educativos dos pais e mães percebidos por crianças/filhos (PEF-H)

Percepção das Crianças/Filhos (PEF-H)	Média (Pais)	Média (Mães)	Sig.
Estilo Autoritário	6,14	2,06	0,00*
Estilo Equilibrado	13,90	19,28	0,00*
Estilo Permissivo	10,10	10,02	0,95

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0$

4.1.2. Escala PEF para Adultos/Pais - PEF-A:

Primeiramente, procedeu-se a uma análise descritiva simples, através da média e desvio padrão das respostas a cada um dos 90 itens da totalidade da escala. Para tal foram considerados os 100 participantes, 50 pais e 50 mães das crianças em estudo. Os resultados são apresentados por situação, conflito e estilos em Tabelas separadas para o pai e para a mãe. Dividiu-se a escala por situações e em cada situação os itens relativos ao mesmo estilo foram agrupados, calculando-se a sua média e desvio-padrão conjuntos, para uma mais fácil compreensão e análise. Posteriormente os resultados foram comparados de forma descritiva.

Tabela 15. Frequências, médias e desvio padrão das respostas do pai na Situação 1 (Escala PEF-A)

		Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Quase sempre	Sempre	Média	Desvio Padrão
Situação 1 Quando Inicia algo novo									
Conflito Externo	Itens: ¼ Autoritário	20 (40%)	16 (32%)	3 (6%)	8 (12,5%)	3 (6%)	0 (0%)	1,74	1,638
		23 (46%)	10 (20%)	8 (16%)	5 (10%)	3 (6%)	1 (2%)		
	Itens: 2/6 Equilibrado	0 (0%)	1 (2%)	8 (16%)	12 (24%)	16 (32%)	13 (26%)	5,42	1,496
		2 (4%)	1 (2%)	4 (8%)	14 (28%)	18 (36%)	11 (22%)		
	Itens: 3/5 Permissivo	6 (12%)	7 (14%)	14 (28%)	11 (22%)	9 (18%)	3 (6%)	3,16	1,825
		16 (32%)	8 (16%)	12 (24%)	10 (20%)	4 (8%)	0 (0%)		
Conflito Interno	Itens: 7/10 Autoritário	19 (38%)	7 (14%)	8 (16%)	11 (22%)	4 (8%)	1 (2%)	2,35	2,053
		18 (36%)	5 (10%)	15 (30%)	4 (8%)	6 (12%)	2 (4%)		
	Itens: 9/11 Equilibrado	2 (4%)	1 (2%)	6 (12%)	13 (26%)	18 (36%)	10 (20%)	5,21	1,635
		1 (2%)	1 (2%)	6 (12%)	18 (36%)	14 (28%)	10 (20%)		
	Itens: 8/12 Permissivo	6 (12%)	6 (12%)	10 (20%)	9 (18%)	7 (14%)	12 (24%)	4,33	2,363
		6 (12%)	4 (8%)	8 (16%)	11 (22%)	7 (14%)	14 (28%)		
Transgressão de Regras	Itens: 17/18 Autoritário	21 (42%)	11 (22%)	11 (22%)	3 (6%)	1 (2%)	3 (6%)	1,96	2,045
		21 (42%)	7 (14%)	8 (16%)	9 (18%)	1 (2%)	4 (8%)		
	Itens: 13/14 Equilibrado	2 (4%)	1 (2%)	4 (8%)	14 (28%)	15 (30%)	14 (28%)	5,45	1,675
		2 (4%)	0 (0%)	6 (12%)	12 (24%)	15 (30,0%)	15 (30%)		
	Itens: 15/16 Permissivo	34 (68%)	6 (12%)	7 (14%)	1 (2%)	1 (2%)	1 (2%)	1,18	1,483
		27 (54%)	8 (16%)	6 (12%)	4 (8%)	3 (6%)	2 (4%)		

Na **S1. Quando inicia algo novo**, nos três conflitos o estilo equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 5,42$; Conflito Interno $\bar{x} = 5,21$; Transgressão de regras $\bar{x} = 5,45$) predomina, seguindo-se, o estilo permissivo (Conflito Externo $\bar{x} = 3,16$; Conflito Interno $\bar{x} = 4,33$) e, por fim, o estilo autoritário (Conflito Externo $\bar{x} = 1,74$; Conflito Interno $\bar{x} =$

2,35; Transgressão de regras $\bar{x} = 1,96$), excepto na Transgressão de regras, em que o estilo autoritário predomina sobre o permissivo ($\bar{x} = 1,96$ versus $\bar{x} = 1,18$).

Tabela 16. Frequências, médias e desvio padrão das respostas do pai na Situação 2 (Escala PEF-A)

Situação 2 Quebra nas rotinas											
Conflito externo	Itens: 20/24 Autoritário	18	5	10	7	8	2	2,94	2,251		
		(36%)	(10%)	(20%)	(14%)	(16%)	(4%)				
	12	4	5	17	7	5	5,10			1,714	
	(24%)	(8%)	(10%)	(34%)	(14%)	(10%)					
	Itens: 22/23 Equilibrado	2	3	4	14	22	5			4,05	1,980
		(4%)	(6%)	(8%)	(28%)	(44%)	(10%)				
3	1	5	11	16	14	5,10	1,714				
(6%)	(2%)	(10%)	(22%)	(32%)	(28%)						
Itens: 19/21 Permissivo	5	5	12	12	8	8	4,05	1,980			
	(10%)	(10%)	(24%)	(24%)	(16%)	(16%)					
5	3	18	11	6	7	4,05			1,980		
(10%)	(6%)	(36%)	(22%)	(12%)	(14%)						
Conflito interno	Itens: 28/29 Autoritário	25	8	10	5	2			0	1,26	1,457
		(50%)	(16%)	(20%)	(10%)	(4%)			(0%)		
	39	3	4	3	1	0	5,31	1,531			
	(78%)	(6%)	(8%)	(6%)	(2%)	(0%)					
	Itens: 25/27 Equilibrado	0	2	4	13	17	14	3,35	1,972		
		(0%)	(4%)	(8%)	(26%)	(34%)	(28%)				
1	3	15	10	11	10	5,31	1,531				
(2%)	(6%)	(30%)	(20%)	(22%)	(20%)						
Itens: 26/30 Permissivo	7	10	11	12	7	3	3,35			1,972	
	(14%)	(20%)	(22%)	(24%)	(14%)	(6%)					
10	7	9	12	8	4	3,35		1,972			
(20%)	(14%)	(18%)	(24%)	(16%)	(8%)						
Transgressão de Regras	Itens: 33/34 Autoritário	25	6	12	5	2		0	1,63		1,772
		(50%)	(12%)	(24%)	(10%)	(4%)		(0%)			
	24	7	12	3	3	1	5,37	1,324			
	(48%)	(14%)	(24%)	(6%)	(6%)	(2%)					
	Itens: 31/36 Equilibrado	0	2	3	16	20	9	5,37		1,324	
		(0%)	(4%)	(6%)	(32%)	(40%)	(18%)				
0	3	5	15	18	9	5,37	1,324				
(0%)	(6%)	(10%)	(30%)	(36%)	(18%)						
Itens: 32/35 Permissivo	22	8	9	9	1	1	2,41		1,774		
	(44%)	(16%)	(18%)	(18%)	(2%)	(2%)					
7	7	14	11	6	5	2,41		1,774			
(14%)	(14%)	(28%)	(22%)	(12%)	(10%)						

Na **S2. Quebra nas** rotinas, nos três conflitos predomina o estilo equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 5,10$; Conflito Interno $\bar{x} = 5,31$; Transgressão de regras $\bar{x} = 5,37$) seguindo-se o estilo permissivo (Conflito Externo $\bar{x} = 4,35$; Conflito Interno $\bar{x} = 5,31$; Transgressão de regras $\bar{x} = 2,41$) e, por fim, o estilo autoritário (Conflito Externo $\bar{x} = 2,94$; Conflito Interno $\bar{x} = 1,26$; Transgressão de regras $\bar{x} = 1,63$).

Tabela 17. Frequências, médias e desvio padrão das respostas do pai na Situação 3 (Escala PEF-A)

Situação 3 Quando vão dormir									
Conflito externo	Itens: 38/39 Autoritário	6 (12%)	11 (22%)	9 (18%)	15 (30%)	6 (12%)	3 (6%)	3,20	1,971
		9 (18%)	13 (26%)	13 (26%)	7 (14%)	6 (12%)	2 (4%)		
	Itens: 41/42 Equilibrado	0 (0%)	2 (4%)	5 (10%)	15 (30%)	18 (36%)	10 (20%)	5,37	1,420
		0 (0%)	2 (4%)	4 (8%)	16 (32%)	19 (38%)	9 (18%)		
	Itens: 37/40 Permissivo	4 (8%)	5 (10%)	15 (30%)	14 (28%)	10 (20%)	2 (4%)	4,07	1,829
		5 (10%)	3 (6%)	8 (16%)	12 (24%)	12 (24%)	10 (20%)		
Conflito interno	Itens: 47/48 Autoritário	14 (28%)	10 (20%)	11 (22%)	10 (20%)	3 (6%)	2 (4%)	2,68	2,175
		16 (32%)	5 (10%)	7 (14%)	11 (22%)	7 (14%)	4 (8%)		
	Itens: 43/44 Equilibrado	0 (0%)	3 (6%)	2 (4%)	12 (24%)	24 (48%)	9 (18%)	5,53	2,210
		1 (2%)	1 (2%)	6 (12%)	10 (20%)	18 (36%)	14 (28%)		
	Itens: 45/46 Permissivo	20 (40%)	6 (12%)	3 (6%)	15 (30%)	6 (12%)	0 (0%)	2,21	2,048
		23 (46%)	8 (16%)	9 (18%)	7 (14%)	3 (6%)	0 (0%)		
Transgressão de Regras	Itens: 49/52 Autoritário	29 (58%)	8 (16%)	10 (20%)	1 (2%)	1 (2%)	1 (2%)	1,64	1,635
		15 (30%)	10 (20%)	5 (10%)	16 (32%)	4 (8%)	0 (0%)		
	Itens: 53/54 Equilibrado	0 (0,0%)	1 (2,0%)	5 (10,0%)	11 (22,0%)	26 (52,0%)	7 (14,0%)	5,45	1,310
		2 (4,0%)	0 (0,0%)	8 (16,0%)	11 (22,0%)	15 (30,0%)	14 (28,0%)		
	Itens: 50/51 Permissivo	21 (42%)	11 (22%)	6 (12%)	9 (18%)	2 (4%)	1 (2%)	1,83	1,867
		22 (44%)	12 (24%)	6 (12%)	8 (16%)	1 (2%)	1 (2%)		

Na **S3.Quando vão dormir**, o estilo predominante nos três conflitos é o equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 5,37$; Conflito Interno $\bar{x} = 5,53$; Transgressão de regras $\bar{x} = 5,45$). Seguindo-se, o estilo autoritário (Conflito Interno $\bar{x} = 2,68$; Transgressão de regras $\bar{x} = 1,64$), excepto no Conflito Externo em que o estilo permissivo se sobrepõe ao autoritário ($\bar{x} = 4,07$ versus $x = 3,20$). Por fim, no Conflito Interno e Transgressão de regras encontra-se o estilo permissivo como o menos predominante ($\bar{x} = 2,21$ e $\bar{x} = 1,83$).

Tabela 18. Frequências, médias e desvio padrão das respostas do pai na Situação 4 (Escala PEF-A)

Situação 4 Quando contam ou mostram algo									
Conflito externo	Itens: 55/57 Autoritário	13 (26%)	9 (18%)	10 (20%)	10 (20%)	2 (4%)	6 (12%)	2,19	1,843
		37 (74%)	8 (16%)	1 (2%)	1 (2%)	3 (6%)	0 (0%)		
	Itens: 56/58 Equilibrado	2 (4%)	1 (2%)	4 (8%)	13 (26%)	20 (40%)	10 (20%)	5,39	1,601
		0 (0%)	3 (6%)	3 (6%)	14 (28%)	18 (36%)	12 (24%)		
	Itens: 59/60 Permissivo	24 (48%)	10 (20%)	6 (12%)	7 (14%)	2 (4%)	1 (2%)	1,87	1,875
		22 (44%)	3 (6%)	11 (22%)	8 (16%)	4 (8%)	2 (4%)		
Conflito interno	Itens: 65/66 Autoritário	15 (30%)	6 (12%)	9 (18%)	8 (16%)	10 (20%)	2 (4%)	3,07	2,201
		14 (28%)	4 (8%)	7 (14%)	9 (18%)	14 (28%)	2 (4%)		
	Itens: 61/64 Equilibrado	0 (0%)	0 (0%)	6 (12%)	12 (24%)	16 (32%)	16 (32%)	5,54	1,347
		3 (6%)	2 (4%)	5 (10%)	15 (30%)	12 (24%)	13 (26%)		
	Itens: 62/63 Permissivo	2 (4,0%)	3 (6,0%)	10 (20,0%)	10 (20,0%)	13 (26,0%)	12 (24,0%)	4,16	2,026
		21 (42%)	5 (10%)	7 (14%)	5 (10%)	8 (16%)	4 (8%)		
Transgressão de Regras	Itens: 68/69 Autoritário	36 (72%)	3 (6%)	6 (12%)	3 (6%)	2 (4%)	0 (0%)	1,17	1,667
		26 (52%)	8 (16%)	6 (12%)	7 (14%)	3 (6%)	0 (0%)		
	Itens: 71/72 Equilibrado	1 (2%)	0 (0%)	2 (4%)	19 (38%)	15 (30%)	13 (26%)	5,58	1,478
		1 (2%)	1 (2%)	3 (10%)	14 (28%)	18 (36%)	13 (26%)		
	Itens: 67/70 Permissivo	25 (35%)	9 (18%)	5 (10%)	9 (18%)	2 (4%)	0 (0%)	2,30	1,734
		0 (0%)	9 (18%)	9 (18%)	12 (24%)	11 (22%)	3 (6%)		

Na **S4. Quando contam ou mostram algo**, o estilo predominante é o estilo equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 5,39$; Conflito Interno $\bar{x} = 5,54$; Transgressão de regras $\bar{x} = 5,58$), seguindo-se o estilo permissivo no Conflito Interno ($\bar{x} = 4,16$) e na Transgressão de regras ($\bar{x} = 2,30$), excepto no Conflito Externo, em que o estilo autoritário se sobrepõe ao estilo permissivo ($\bar{x} = 2,19$ versus $\bar{x} = 1,87$). No Conflito Interno e na Transgressão de regras o estilo autoritário é o menos predominante ($\bar{x} = 3,07$ e $\bar{x} = 1,17$).

Tabela 19. Frequências, médias e desvio padrão das respostas do pai na Situação 5 (Escala PEF-A)

Situação 5									
Quando Brincam									
Conflito Externo	Itens: 75/76 Autoritário	29	5	9	6	1	0	1,20	1,491
		(58%)	(10%)	(18%)	(12%)	(2%)	(0%)		
	Itens: 73/77 Equilibrado	35	8	2	3	1	1	5,01	1,652
		(70%)	(16%)	(4%)	(6%)	(2%)	(2%)		
	Itens: 74/78 Permissivo	1	6	3	16	18	6	3,84	2,300
		(2%)	(12%)	(6%)	(32%)	(36%)	(12%)		
		1	2	5	12	21	9		
		(2%)	(4%)	(10%)	(24%)	(42%)	(18%)		
		8	6	11	4	10	11		
		(16,0%)	(12,0%)	(22,0%)	(8,0%)	(20,0%)	(22,0%)		
		10	4	16	6	10	4		
		(20%)	(8%)	(32%)	(12%)	(20%)	(8%)		
Conflito interno	Itens: 80/81 Autoritário	25	9	11	3	2	0	1,55	1,433
		(50,0%)	(18,0%)	(22,0%)	(6,0%)	(4%)	(0%)		
	Itens: 83/84 Equilibrado	0	5	16	2	4	0	5,23	1,594
		(0%)	(10%)	(32%)	(4,0%)	(8,0%)	(0,0%)		
	Itens: 79/82 Permissivo	1	3	7	15	15	9	0,81	1,240
		(2%)	(6%)	(14%)	(30%)	(30%)	(18%)		
		1	1	6	10	14	18		
		(2%)	(2%)	(12%)	(20%)	(28%)	(36%)		
		43	3	1	3	0	0		
		(86%)	(6%)	(2%)	(6%)	(0%)	(0%)		
		30	2	9	3	6	0		
		(60%)	(4%)	(18%)	(6%)	(12%)	(0%)		
Transgressão de Regras	Itens: 85/87 Autoritário	0	0	11	7	2	2	1,99	1,893
		(0%)	(0%)	(22%)	(14%)	(4%)	(4%)		
	Itens: 88/90 Equilibrado	20	12	11	5	0	2	5,42	1,38
		(40%)	(24%)	(22%)	(10%)	(0%)	(4%)		
	Itens: 86/89 Permissivo	1	2	6	17	16	8	1,54	1,713
		(2%)	(4%)	(12%)	(34%)	(32%)	(16%)		
		0	0	3	12	13	22		
		(0%)	(0%)	(6%)	(24%)	(26%)	(44%)		
		25	7	10	3	4	1		
		(50%)	(14%)	(20%)	(6%)	(8%)	(2%)		
		30	9	4	5	2	0		
		(60%)	(18%)	(8%)	(10%)	(4%)	(0%)		

Na **S5.Quando brincam**, o estilo predominante nos três conflitos, à semelhança das situações anteriores, é o equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 5,01$; Conflito Interno $\bar{x} = 5,23$; Transgressão de regras $\bar{x} = 5,42$), seguindo-se no Conflito Interno e na Transgressão de regras o estilo autoritário como mais predominante que o estilo permissivo ($\bar{x} = 1,55$ versus $\bar{x} = 0,81$ e $\bar{x} = 1,99$ versus $\bar{x} = 1,54$). No Conflito Externo o estilo permissivo sobrepõe-se ao estilo autoritário ($\bar{x} = 3,84$ versus $\bar{x} = 1,20$).

Sintetizando, os pais percebem-se como mais autoritários na S3 no Conflito Externo ($\bar{x} = 3,20$) e como menos autoritários na S4 na Transgressão de regras ($\bar{x} = 1,17$). Os pais percebem-se como mais equilibrados na S4 na Transgressão de regras ($\bar{x} = 5,58$) e como menos equilibrados na S5 no Conflito Externo ($\bar{x} = 5,01$). Relativamente à permissividade os pais percebem-se como mais permissivos na S1 no Conflito Interno ($\bar{x} = 4,33$) e como menos permissivos na S5 no Conflito Interno ($\bar{x} = 0,81$).

Tabela 20. Frequências, médias e desvio padrão das respostas das mães na Situação 1 (Escala PEF-A)

		Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Quase sempre	Sempre	Média	Desvio Padrão
Situação 1 Quando Inicia algo novo									
Conflito Externo	Itens: 1/4 Autoritário	26 (52%)	11 (22%)	10 (20%)	2 (4%)	1 (2%)	0 (0%)	1,09	1,327
		34 (68%)	8 (16%)	5 (10%)	3 (6%)	0 (0%)	0 (0%)		
	Itens: 2/6 Equilibrado	0 (0%)	2 (4%)	4 (8%)	13 (26%)	18 (36%)	13 (26%)		
	1 (2%)	1 (2%)	4 (8%)	8 (16%)	17 (34%)	19 (38%)			
Itens: 3/5 Permissivo	0 (0%)	8 (16%)	15 (30%)	14 (28%)	5 (10%)	3 (6%)	3,13	1,881	
	18 (36%)	6 (12%)	11 (22%)	6 (12%)	8 (16%)	1 (2%)			
Conflito Interno	Itens: 7/10 Autoritário	32 (64%)	4 (8%)	11 (22%)	2 (4%)	1 (2%)			0 (0%)
		32 (64%)	11 (22%)	3 (6%)	3 (6%)	0 (0%)	1 (2%)		
	Itens: 9/11 Equilibrado	0 (0%)	4 (8%)	4 (8%)	13 (26%)	19 (38%)	10 (20%)	5,32	1,544
	1 (2%)	4 (8%)	3 (6%)	12 (24%)	18 (36%)	12 (24%)			
Itens: 8/12 Permissivo	8 (16%)	5 (10%)	10 (20%)	10 (20%)	7 (14%)	10 (20%)	4,01		
	9 (18%)	4 (8%)	11 (22%)	6 (12%)	9 (18%)	11 (22%)			
Transgressão de Regras	Itens: 17/18 Autoritário	34 (68%)	9 (18%)	3 (6%)	4 (8%)	0 (0%)		0 (0%)	0,84
		38 (76%)	3 (6%)	3 (6%)	4 (8%)	1 (2%)	1 (2%)		
	Itens: 13/14 Equilibrado	0 (0%)	4 (8%)	2 (4%)	12 (24%)	17 (34%)	15 (30%)	5,72	
	0 (0%)	1 (2%)	3 (6%)	8 (16%)	23 (46%)	15 (30%)			
Itens: 15/16 Permissivo	32 (64%)	6 (12%)	11 (22%)	1 (2%)	0 (0%)	0 (0%)	1,29		1,286
	20 (40%)	11 (22%)	7 (14%)	8 (16%)	2 (4%)	2 (4%)			

Na **S1. Quando inicia algo novo**, o estilo predominante nos três conflitos é o equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 5,68$; Conflito Interno $\bar{x} = 5,32$; Transgressão de regras $\bar{x} = 5,72$), seguindo-se o estilo permissivo (Conflito Externo $\bar{x} = 3,13$; Conflito Interno $\bar{x} = 4,01$; Transgressão de regras $\bar{x} = 1,29$) e, por fim, o estilo autoritário (Conflito Externo $\bar{x} = 1,09$; Conflito Interno $\bar{x} = 1,03$; Transgressão de regras $\bar{x} = 0,84$).

Tabela 21. Frequências, médias e desvio padrão das respostas das mães na Situação 2 (Escala PEF-A)

Situação 2 <i>Quebra nas rotinas</i>									
Conflito externo	Itens: 20/24 Autoritário	21 (42%)	8 (16%)	10 (20%)	5 (10%)	5 (10%)	1 (2%)	2,41	2,146
	Itens: 22/23 Equilibrado	16 (32%)	3 (6%)	7 (14%)	11 (22%)	10 (20%)	3 (6%)	4,93	2,037
	Itens: 19/21 Permissivo	4 (8%)	4 (8%)	4 (8%)	14 (28%)	15 (30%)	9 (18,0%)	3,54	2,019
Conflito interno	Itens: 28/29 Autoritário	4 (8%)	3 (6%)	2 (4%)	10 (20%)	17 (34%)	14 (28%)	0,55	0,948
	Itens: 25/27 Equilibrado	7 (14%)	4 (8%)	13 (26%)	12 (24%)	8 (16%)	6 (12%)	5,40	1,568
	Itens: 26/30 Permissivo	13 (26%)	7 (14%)	12 (24%)	8 (16%)	7 (14%)	3 (6%)	3,46	1,590
Transgressão de Regras	Itens: 33/34 Autoritário	35 (70%)	9 (18%)	4 (8%)	2 (4%)	0 (0%)	0 (0%)	1,03	1,626
	Itens: 31/36 Equilibrado	44 (88%)	4 (8%)	1 (2%)	1 (2%)	0 (0%)	0 (0%)	5,42	1,461
	Itens: 32/35 Permissivo	0 (0%)	1 (2%)	2 (4%)	12 (24%)	18 (36%)	17 (34%)	2,43	2,007

Na **S2. Quebra nas rotinas**, o estilo predominante nos três conflitos é o equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 4,93$; Conflito Interno $\bar{x} = 5,40$; Transgressão de regras $\bar{x} = 5,42$), seguindo-se o estilo permissivo (Conflito Externo $\bar{x} = 3,54$; Conflito Interno $\bar{x} = 3,46$; Transgressão de regras $\bar{x} = 2,43$) e, por fim, o estilo autoritário (Conflito Externo $\bar{x} = 2,41$; Conflito Interno $\bar{x} = 0,55$; Transgressão de regras $\bar{x} = 1,03$).

Tabela 22. Frequências, médias e desvio padrão das respostas das mães na Situação 3 (Escala PEF-A)

Situação 3 Quando vão dormir									
Conflito externo	Itens: 38/39 Autoritário	12	15	12	7	3	1	2,26	1,810
		(24%)	(30%)	(24%)	(14%)	(6%)	(2%)		
	Itens: 41/42 Equilibrado	13	16	12	6	1	2	5,70	1,425
		(26%)	(32%)	(24%)	(12%)	(2%)	(4%)		
	Itens: 37/40 Permissivo	0	2	3	9	25	11	4,06	2,011
		(2%)	(4%)	(6%)	(18%)	(50%)	(22%)		
	2	0	4	9	20	15			
	(4%)	(0%)	(8%)	(18%)	(40%)	(30%)			
	6	6	10	14	10	0			
	(12%)	(12%)	(20%)	(28%)	(20%)	(0%)			
	5	3	5	17	14	6			
	(10%)	(6%)	(10%)	(34%)	(28%)	(12%)			
Conflito interno	Itens: 47/48 Autoritário	15	12	10	9	2	2	2,51	2,588
		(30%)	(24%)	(20%)	(18%)	(4%)	(4%)		
	Itens: 43/44 Equilibrado	15	12	11	6	3	3	5,33	1,643
		(30,0%)	(24,0%)	(22,0%)	(12,0%)	(6,0%)	(6,0%)		
	Itens: 45/46 Permissivo	2	0	5	13	23	7	2,27	2,073
		(4,0%)	(0,0%)	(10,0%)	(26,0%)	(46,0%)	(14,0%)		
	2	1	3	14	18	12			
	(4,0%)	(2,0%)	(6,0%)	(28,0%)	(36,0%)	(24,0%)			
	19	6	4	17	4	0			
	(38,0%)	(12,0%)	(8,0%)	(34,0%)	(8,0%)	(0,0%)			
	22	7	8	10	3	0			
	(44,0%)	(14,0%)	(16,0%)	(20,0%)	(6,0%)	(0,0%)			
Transgressão de Regras	Itens: 49/52 Autoritário	33	10	5	2	0	0	1,26	1,717
		(66%)	(20%)	(10%)	(4%)	(0%)	(0%)		
	Itens: 53/54 Equilibrado	24	6	8	9	2	1	5,64	1,656
		(48%)	(12%)	(16%)	(18%)	(4%)	(2%)		
	Itens: 50/51 Permissivo	1	2	3	14	13	17	1,70	1,635
		(2,0%)	(4,0%)	(6,0%)	(28,0%)	(26,0%)	(34,0%)		
	1	0	3	16	14	16			
	(2%)	(0%)	(6%)	(32%)	(28%)	(32%)			
	22	11	9	7	1	0			
	(44%)	(22%)	(18%)	(14%)	(2%)	(0%)			
	20	9	11	9	1	0			
	(40%)	(18%)	(22%)	(18%)	(2%)	(0%)			

Na **S3.Quando vão dormir**, o estilo predominante nos três conflitos é o equilibrado (Conflito Externo \bar{x} = 5,70; Conflito Interno \bar{x} =5,33; Transgressão de regras \bar{x} = 5,64), seguindo-se no Conflito Externo e na Transgressão de regras o estilo permissivo como o mais predominante (Conflito Externo \bar{x} = 4,06 versus \bar{x} = 2,26; Transgressão de regras \bar{x} = 1,70 versus \bar{x} = 1,26). No Conflito Interno o estilo autoritário sobrepõe-se ao estilo permissivo (\bar{x} 2,51 versus \bar{x} = 2,27).

Tabela 23. Frequências, médias e desvio padrão das respostas das mães na Situação 4 (Escala PEF-A)

Situação 4 Quando contam ou mostram algo									
Conflito externo	Itens: 55/57 Autoritário	14	1	11	10	10	4	2,52	2,010
		(28%)	(2%)	(22%)	(20%)	(20%)	(8%)		
	Itens: 56/58 Equilibrado	41	6	2	0	1	0	5,94	1,272
		(82%)	(12%)	(4%)	(0%)	(2%)	(0%)		
	Itens: 59/60 Permissivo	0	1	2	8	26	13	1,88	1,550
		(0%)	(2%)	(4%)	(16%)	(52%)	(26%)		
	0	2	1	11	19	17			
	(0%)	(4%)	(2%)	(22%)	(38%)	(34%)			
	22	11	9	5	3	0			
	(44%)	(22%)	(18%)	(10%)	(6%)	(0%)			
Conflito interno	Itens: 65/66 Autoritário	15	15	9	6	4	1	2,28	1,964
		(30%)	(30%)	(18%)	(12%)	(8%)	(2%)		
	Itens: 61/64 Equilibrado	15	8	12	10	3	2	5,76	1,396
		(30%)	(16%)	(24%)	(20%)	(6%)	(4%)		
	Itens: 62/63 Permissivo	0	2	2	15	16	15	4,12	1,872
		(0%)	(4%)	(4%)	(30%)	(32%)	(30%)		
	0	1	2	13	18	16			
	(0%)	(2%)	(4%)	(26%)	(36%)	(32%)			
	3	0	10	14	13	10			
	(6%)	(0%)	(20%)	(28%)	(26%)	(20%)			
	17	7	11	8	4	3			
	(34%)	(14%)	(22%)	(16%)	(8%)	(6%)			
Transgressão de Regras	Itens: 68/69 Autoritário	27	13	7	2	1	0	1,17	1,486
		(54%)	(26%)	(14%)	(4%)	(2%)	(0%)		
	Itens: 71/72 Equilibrado	28	9	6	6	1	0	5,72	1,555
		(56%)	(18%)	(12%)	(12%)	(2%)	(0%)		
	Itens: 67/70 Permissivo	0	1	2	15	17	14	2,14	1,832
		(0%)	(2%)	(4%)	(30%)	(34%)	(28%)		
	0	3	4	10	12	21			
	(0%)	(6%)	(8%)	(20%)	(24%)	(42%)			
	30	8	5	4	3	0			
	(60%)	(16%)	(10%)	(8%)	(6%)	(0%)			
	9	8	4	10	11	8			
	(18%)	(16%)	(8%)	(20%)	(22%)	(16%)			

Na **S4.Quando vão dormir**, o estilo predominante nos três conflitos é o equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 5,94$; Conflito Interno $\bar{x} = 5,76$; Transgressão de regras $\bar{x} = 5,72$), seguindo-se no Conflito Interno e na Transgressão de regras o estilo permissivo ($\bar{x} = 4,12$ e $\bar{x} = 2,14$). No Conflito Externo o estilo autoritário sobrepõe-se ao estilo permissivo ($\bar{x} = 2,52$ versus $\bar{x} = 1,88$).

Tabela 24. Frequências, médias e desvio padrão das respostas das mães na Situação 5 (Escala PEF-A)

Situação 5 Quando Brincam									
Conflito Externo	Itens: 75/76 Autoritário	38 (76%)	7 (14%)	4 (8%)	1 (2%)	0 (0%)	0 (0%)	0,53	0,976
		40 (80%)	6 (12%)	3 (6%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (2%)		
	Itens: 73/77 Equilibrado	2 (4%)	5 (10%)	2 (4%)	15 (30%)	15 (30%)	11 (22%)	5,25	1,992
		3 (6%)	2 (4%)	4 (8%)	10 (20%)	17 (34%)	14 (28%)		
	Itens: 74/78 Permissivo	4 (8%)	8 (16%)	15 (30%)	11 (22%)	9 (18%)	3 (6%)	3,00	1,619
		10 (20%)	10 (20%)	15 (30%)	12 (24%)	2 (4%)	1 (2%)		
Conflito interno	80-Autoritário	27 (54%)	12 (24%)	7 (14%)	4 (8%)	0 (0%)	0 (0%)	1,23	1,418
	81-Autoritário	24 (48%)	12 (24%)	8 (16%)	5 (10%)	1 (2%)	0 (0%)	5,51	1,697
	Itens: 83/84 Equilibrado	0 (0%)	5 (10%)	3 (6%)	11 (22%)	20 (40%)	11 (22%)		
		0 (0%)	4 (8%)	2 (4%)	10 (20%)	15 (30%)	19 (38%)		
	Itens: 79/82 Permissivo	39 (78%)	4 (8%)	3 (6%)	4 (8%)	0 (0%)	0 (0%)	1,03	1,353
		26 (52%)	5 (10%)	8 (16%)	6 (12%)	5 (10%)	0 (0%)		
Transgressão de Regras	Itens: 85/87 Autoritário	20 (40%)	16 (32%)	6 (12%)	5 (10%)	1 (2%)	1 (2%)	1,75	1,874
		21 (42%)	12 (24%)	13 (26%)	1 (2%)	3 (6%)	0 (0%)		
	Itens: 88/90 Equilibrado	0 (0%)	3 (6%)	5 (10%)	13 (26%)	17 (34%)	12 (24%)	5,73	1,478
		0 (0%)	1 (2%)	2 (4%)	7 (14%)	13 (26%)	27 (54%)		
	Itens: 86/89 Permissivo	23 (46%)	13 (26%)	7 (14%)	5 (10%)	1 (2%)	1 (2%)	1,49	1,688
		28 (56%)	9 (18%)	6 (12%)	4 (8%)	1 (2%)	2 (4%)		

Na **S5. Quando brincam**, o estilo predominante nos três conflitos é o equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 5,25$; Conflito Interno $\bar{x} = 5,51$; Transgressão de regras $\bar{x} = 5,73$), seguindo-se o estilo autoritário no Conflito Interno e na Transgressão de regras ($\bar{x} = 1,23$ e $\bar{x} = 1,75$) e, por fim, o estilo permissivo ($\bar{x} = 1,03$ e $\bar{x} = 1,49$). No Conflito Externo, contrariamente ao que se verificou no Conflito Interno e Transgressão de regras, o estilo permissivo sobrepõe-se ao estilo autoritário ($\bar{x} = 3,00$ versus $\bar{x} = 0,53$).

Sintetizando, as mães percebem-se como mais autoritárias na S4 no Conflito Externo ($\bar{x} = 2,52$) e como menos autoritárias na S5 no Conflito Externo ($\bar{x} = 0,53$). As mães percebem-se como mais equilibradas na S4 no Conflito Externo ($\bar{x} = 5,94$) e como menos equilibradas na S2 no Conflito Externo ($\bar{x} = 4,93$). Relativamente ao estilo permissivo, as mães percebem-se como mais permissivas na S4 no Conflito Interno ($\bar{x} = 4,12$) e como menos permissivas na S5 no Conflito Interno ($\bar{x} = 1,03$).

Através de uma **análise comparativa** entre a **média das respostas dos pais** por situação e conflito e a **média das respostas das mães**, podemos constatar o seguinte:

Na **S1. Quando inicia algo novo**, no Conflito Externo, no Conflito Interno e na Transgressão de regras as mães são mais equilibradas que os pais ($\bar{x} = 5,68$ versus $\bar{x} = 5,42$; $\bar{x} = 5,32$ versus $\bar{x} = 5,21$; $\bar{x} = 5,72$ versus $\bar{x} = 5,45$) e os pais são mais autoritários que as mães ($\bar{x} = 1,74$ versus $\bar{x} = 1,09$; $\bar{x} = 2,35$ versus $\bar{x} = 1,03$; $\bar{x} = 1,96$ versus $\bar{x} = 0,84$). Em relação ao estilo permissivo, os pais são mais permissivos que as mães no Conflito Externo ($\bar{x} = 3,16$ versus $\bar{x} = 3,13$) e no Conflito Interno ($\bar{x} = 4,33$ versus $\bar{x} = 4,01$), mas na Transgressão de regras as mães são mais permissivas que os pais ($\bar{x} = 1,29$ versus $\bar{x} = 1,18$).

Tabela 25. Análise comparativa entre a média das respostas dos pais por situação e conflito e a média das respostas das mães Situação 1 (Escala PEF-A)

		Conflito Externo	Conflito Interno	Transgressão de regras
Estilo Equilibrado	Pai	5,42	5,21	5,45
	Mãe	5,68	5,32	5,72
Estilo Permissivo	Pai	3,16	4,33	1,18
	Mãe	3,13	4,01	1,29
Estilo Autoritário	Pai	1,74	2,35	1,96
	Mãe	1,09	1,03	0,84

Na **S2. Quebra nas rotinas**, no Conflito Externo os pais percebem-se como mais autoritários ($\bar{x} = 2,94$ versus $\bar{x} = 2,41$), equilibrados ($\bar{x} = 5,10$ versus $\bar{x} = 4,93$) e permissivos ($\bar{x} = 4,05$ versus $\bar{x} = 3,54$) que as mães. No Conflito Interno os pais percebem-se como mais autoritários que as mães ($\bar{x} = 1,26$ versus $\bar{x} = 0,55$), enquanto as mães se percebem como mais equilibradas ($\bar{x} = 5,40$ versus $\bar{x} = 5,31$) e mais permissivas ($\bar{x} = 3,46$ versus $\bar{x} = 3,35$) que os pais. Na Transgressão de regras os pais percebem-se como mais autoritários que as mães ($\bar{x} = 1,63$ versus $\bar{x} = 1,03$) e as mães como mais equilibradas ($\bar{x} = 5,42$ versus $\bar{x} = 5,37$) e mais permissivas ($\bar{x} = 2,43$ versus $\bar{x} = 2,41$) do que os pais.

Tabela 26. Análise comparativa entre a média das respostas dos pais por situação e conflito e a média das respostas das mães Situação 2 (Escala PEF-A)

		Conflito Externo	Conflito Interno	Transgressão de regras
Estilo Equilibrado	Pai	5,10	5,31	5,37
	Mãe	4,93	5,40	5,42
Estilo Permissivo	Pai	4,05	3,35	2,41
	Mãe	3,54	3,46	2,43
Estilo Autoritário	Pai	2,94	1,26	1,63
	Mãe	2,41	0,55	1,03

Na **S3. Quando vão dormir**, no Conflito Externo os pais percebem-se como mais autoritários ($\bar{x} = 3,20$ versus $\bar{x} = 2,26$) e permissivos ($\bar{x} = 4,07$ versus $\bar{x} = 4,06$) que as mães, enquanto as mães se percebem como mais equilibradas que os pais ($\bar{x} = 5,70$ versus $\bar{x} = 5,37$). No Conflito Interno os pais percebem-se como mais autoritários ($\bar{x} = 2,68$ versus $\bar{x} = 2,51$) e mais equilibrados ($\bar{x} = 5,53$ versus $\bar{x} = 5,33$) que as mães, enquanto as mães se percebem como mais permissivas que os pais ($\bar{x} = 2,27$ versus $\bar{x} = 2,21$). Na Transgressão de regras, os pais percebem-se como mais autoritários ($\bar{x} = 1,64$ versus $\bar{x} = 1,26$) e permissivos ($\bar{x} = 1,83$ versus $\bar{x} = 1,70$) que as mães, enquanto as mães se percebem mais equilibradas ($\bar{x} = 5,64$ versus $\bar{x} = 5,45$) que os pais.

Tabela 27. Análise comparativa entre a média das respostas dos pais por situação e conflito e a média das respostas das mães Situação 3 (Escala PEF-A)

		Conflito Externo	Conflito Interno	Transgressão de regras
Estilo Equilibrado	Pai	5,37	5,53	5,45
	Mãe	5,70	5,33	5,64
Estilo Permissivo	Pai	4,07	2,21	1,83
	Mãe	4,06	2,27	1,70
Estilo Autoritário	Pai	3,20	2,68	1,64
	Mãe	2,26	2,51	1,26

Na **S4. Quando contam ou mostram algo**, no Conflito Externo as mães percebem-se como mais autoritárias ($\bar{x} = 2,52$ versus $\bar{x} = 1,19$), mais equilibradas ($\bar{x} = 5,94$ versus $\bar{x} = 5,39$) e mais permissivas ($\bar{x} = 1,88$ versus $\bar{x} = 1,87$) que os pais.

No Conflito Interno, as mães percebem-se como mais equilibradas que os pais ($\bar{x} = 5,76$ versus $\bar{x} = 5,54$), enquanto os pais se percebem como mais autoritários ($\bar{x} = 3,07$ versus $\bar{x} = 2,28$) e mais permissivos ($\bar{x} = 4,16$ versus $\bar{x} = 4,12$) que as mães. Na Transgressão de regras pais e mães apresentam os mesmos níveis de autoritarismo ($\bar{x} = 1,17 = \bar{x} = 1,17$), as mães percebem-se como mais equilibradas ($\bar{x} = 5,72$ versus $\bar{x} = 5,58$) que os pais, enquanto os pais se percebem como mais permissivos do que as mães ($\bar{x} = 2,30$ versus $\bar{x} = 2,14$).

Tabela 28. Análise comparativa entre a média das respostas dos pais por situação e conflito e a média das respostas das mães Situação 4 (Escala PEF-A)

		Conflito Externo	Conflito Interno	Transgressão de regras
Estilo Equilibrado	Pai	5,39	5,54	5,58
	Mãe	5,94	5,76	5,72
Estilo Permissivo	Pai	1,87	4,16	2,30
	Mãe	1,88	4,12	2,14
Estilo Autoritário	Pai	1,19	3,07	1,17
	Mãe	2,52	2,28	1,17

Na **S5 “Quando os filhos brincam”** (Tabela n.º...), no Conflito Externo as mães percebem-se como mais equilibradas ($\bar{x} = 5,25$ versus $\bar{x} = 5,01$), enquanto os pais se percebem como mais autoritários ($\bar{x} = 1,20$ versus $\bar{x} = 0,53$) e mais permissivos que as mães ($\bar{x} = 3,84$ versus $\bar{x} = 3,00$). No Conflito Interno as mães percebem-se, como mais equilibradas ($\bar{x} = 5,51$ versus $\bar{x} = 5,23$) e mais permissivas ($\bar{x} = 1,03$ versus $\bar{x} = 0,81$) que os pais, enquanto os pais se percebem como mais autoritários que as mães ($\bar{x} = 1,55$ versus $\bar{x} = 1,23$). Na Transgressão de regras os pais percebem-se como mais autoritários ($\bar{x} = 1,99$ versus $\bar{x} = 1,75$) e mais permissivos ($\bar{x} = 1,53$ versus $\bar{x} = 1,49$) que as mães, enquanto as mães se percebem como mais equilibradas que os pais ($\bar{x} = 5,73$ versus $\bar{x} = 5,42$).

Tabela 29. Análise comparativa entre a média das respostas dos pais por situação e conflito e a média das respostas das mães Situação 5 (Escala PEF-A)

		Conflito Externo	Conflito Interno	Transgressão de regras
Estilo Equilibrado	Pai	5,01	5,23	5,42
	Mãe	5,25	5,51	5,73
Estilo Permissivo	Pai	3,84	1,03	1,53
	Mãe	3,00	0,81	1,49
Estilo Autoritário	Pai	1,20	1,55	1,99
	Mãe	0,53	1,23	1,75

De forma geral, enquanto na análise da percepção dos filhos sobre os seus pais e mães nos foi possível identificar um padrão geral em relação ao pai e à mãe (os pais são percebidos como mais autoritários e permissivos, enquanto as mães são percebidas como mais equilibradas), na análise da percepção dos pais e mães não nos é possível identificar um padrão relativamente às situações ou conflitos, pois existe uma grande variabilidade.

Em segundo lugar, procedeu-se a uma análise descritiva simples das escalas segundo os estilos. No **Tabela 30** indicam-se os valores (mínimos, máximos, médios e respectivos desvio-padrão) obtidos pelos sujeitos da amostra na Escala para adultos/pais PEF-A. Os valores médios em cada estilo são ainda comparados com os valores obtidos pelos sujeitos na aferição da escala para Espanha. Encontrámos diferenças estatisticamente significativas no estilo Autoritário (Mãe), obtendo as mães portuguesas valores inferiores ao das mães espanholas ($\bar{x} = 29,62$ versus $\bar{x} = 37,00$) e no estilo Permissivo (mãe), obtendo as mães portuguesas também valores inferiores ao das mães espanholas ($\bar{x} = 53,46$ versus $\bar{x} = 59,00$).

Tabela 30. Comparação de médias entre estilos educativos percebidos por pais e mães da versão portuguesa (portugueses) e estilos educativos percebidos por pais e mães da versão original (espanhóis) (PEF-A)

Percepção dos Adultos/Pais (PEF-A)	N	Mínimo	Máximo	Desvio-padrão	Média	Média (versão original PEF-A)	Sig.
Estilo Autoritário (Pai)	50	0	87	25,18	40,84	39,0	0,608
Estilo Autoritário (Mãe)	50	0	64	16,90	29,62	37,0	0,003*
Estilo Equilibrado (Pai)	50	44	147	20,26	107,34	104,0	0,249
Estilo Equilibrado (Mãe)	50	37	137	21,24	109,68	109,0	0,822
Estilo Permissivo (Pai)	50	18	99	22,08	55,14	58,0	0,364
Estilo Permissivo (Mãe)	50	11	93	21,61	53,46	59,0	0,076**

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,1$

Efectuou-se, também, uma comparação entre os valores médios dos estilos relativos à percepção dos pais e os valores médios relativos à percepção das mães da nossa amostra. Verificou-se a existência de diferenças significativas em relação ao estilo autoritário (pai), obtendo os pais valores superiores no estilo autoritário em relação às mães ($\bar{x} = 40,84$ versus $\bar{x} = 29,62$) (**Tabela 31**).

Tabela 31. Comparação de médias entre estilos educativos percebidos por pais e mães (PEF-A)

Percepção dos Adultos/Pais (PEF-A)	Média (Pais)	Média (Mães)	Sig.
Estilo Autoritário	40,84	29,62	0,003*
Estilo Equilibrado	107,34	109,68	0,249
Estilo Permissivo	55,14	53,46	0,593

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,10$

4.1.3. *Análise comparativa entre a percepção dos Adultos/Pais (PEF-A) e a percepção das Crianças/Filhos (PEF-H):*

Através da **comparação da percepção das crianças/filhos (PEF-H)** por situações e conflitos e a **percepção dos adultos/pais (PEF-A)** por situações e conflitos podemos verificar:

Na **S1. Quando inicia algo novo**, os filhos percebem as mães como mais equilibradas do que os pais nos três conflitos (p.62% versus p.46% no Conflito Externo, p.52% versus p.32% no Conflito Interno e p.62% versus p.46% na Transgressão de regras), o que vai de encontro ao se ter verificado que as mães se percebem como mais equilibradas que os pais nos três conflitos ($\bar{x} = 5,68$ versus $\bar{x} = 5,42$; $\bar{x} = 5,32$ versus $\bar{x} = 5,21$; $\bar{x} = 5,72$ versus $\bar{x} = 5,45$). Relativamente ao estilo autoritário, os pais são indicados pelos seus filhos como mais autoritários do que as mães nos três conflitos (p.18% versus p.6% no Conflito Externo, p.40% versus p.22% no Conflito Interno e p.46% versus p.28% na Transgressão de regras), o que vai de encontro ao se ter verificado que os pais se percebem como mais autoritários que as mães nos três conflitos ($\bar{x} = 1,74$ versus $\bar{x} = 1,09$; $\bar{x} = 2,35$ versus $\bar{x} = 1,03$; $\bar{x} = 1,96$ versus $\bar{x} = 0,84$). Em relação ao estilo permissivo, existe também congruência entre a percepção dos filhos e a percepção dos pais e mães, tendo-se verificado que os filhos percebem os pais como mais permissivos que as mães no Conflito Externo e no Conflito Interno ($\bar{x} = 3,16$ versus $\bar{x} = 3,13$; $\bar{x} = 4,33$ versus $\bar{x} = 4,01$), excepto na Transgressão de regras em que as mães se percebem como mais permissivas que os pais ($\bar{x} = 1,29$ versus $\bar{x} = 1,18$), o que vai ao encontro à percepção dos filhos, em que se verificou que os pais são mais permissivos que as mães no Conflito Externo e no Conflito Interno (p.36% versus p.32%; p.28% versus p.26%), excepto na Transgressão de regras em que as mães são, ligeiramente, indicadas como mais permissivas que os pais (p.10% versus p.8%).

Na **S2. Quebra nas rotinas**, os filhos percebem as mães como mais equilibradas que os pais nos três conflitos (p.62% versus p.48% no Conflito Externo, p.68% versus p.60% no Conflito Interno e p.70% versus p.58% na Transgressão de regras), o que vai de encontro ao se ter verificado que as mães se percebem como mais equilibradas que os pais no Conflito Interno ($\bar{x} = 5,40$ versus $\bar{x} = 5,31$) e na Transgressão de regras ($\bar{x} = 5,42$ versus $\bar{x} = 5,37$), mas não vai ao encontro do que se verificou no Conflito Externo em que os pais se percebem como mais equilibrados que as mães ($\bar{x} = 5,10$ versus $\bar{x} = 4,93$). Os filhos percebem, também, os pais como mais autoritários que as mães (p.24% versus p.20% no Conflito Externo, p.12%

versus p.8% no Conflito Interno e p.30% versus p.18% na Transgressão de regras), o que vai de encontro ao se ter verificado que os pais se percebem como mais autoritários que as mães nos três conflitos ($\bar{x} = 2,94$ versus $\bar{x} = 2,41$ – Conflito Externo; $\bar{x} = 1,26$ versus $\bar{x} = 0,55$ – Conflito Interno; $\bar{x} = 1,63$ versus $\bar{x} = 1,03$ – Transgressão de regras). Em relação à permissividade, os filhos indicam que os seus pais são mais permissivos que as mães no Conflito Externo (p.28% versus p.18%) e no Conflito Interno (p. 28% versus p.24%), mas indicam que pais e mães possuem os mesmos níveis de permissividade na Transgressão de regras (p.12% = p.12%), o que vai de encontro ao se ter verificado que os pais se percebem como mais permissivos no Conflito Externo ($\bar{x} = 4,05$ versus $\bar{x} = 3,54$) e no Conflito Interno ($\bar{x} = 3,46$ versus $\bar{x} = 3,35$) e ao se ter verificado que na Transgressão de regras, pais e mães apresentam níveis semelhantes de permissividade ($\bar{x} = 2,43$ versus $\bar{x} = 2,41$).

Na **S3. Quando vão dormir**, as mães são percebidas pelos seus filhos como mais equilibradas que os pais nos três conflitos (p.68% versus p.48% no Conflito Externo, p.66% versus p.52% no Conflito Interno e p.68% versus p.60% na Transgressão de regras), o que vai de encontro ao se ter verificado que as mães se percebem como mais equilibradas que os pais no Conflito Externo ($\bar{x} = 5,70$ versus $\bar{x} = 5,37$) e na Transgressão de regras ($\bar{x} = 5,64$ versus $\bar{x} = 5,45$), mas não vai ao encontro de os pais se perceberem como mais equilibrados que as mães no Conflito Interno ($\bar{x} = 5,53$ versus $\bar{x} = 5,33$). Em relação ao estilo autoritário, os pais são percebidos pelos seus filhos como mais autoritários que as mães nos três conflitos (p.32% versus p.18% no Conflito Externo, p.28% versus p.8% no Conflito Interno e p.26% versus p.8% na Transgressão de regras), o que vai de encontro ao se ter verificado que os pais se percebem como mais autoritários que as mães nos três conflitos ($\bar{x} = 3,20$ versus $\bar{x} = 2,26$ no Conflito Externo; $\bar{x} = 2,68$ versus $\bar{x} = 2,51$ no Conflito Interno; $\bar{x} = 1,64$ versus $\bar{x} = 1,26$ na Transgressão de regras). Em relação ao estilo permissivo, os filhos percebem as mães como mais permissivas que os pais no Conflito Interno e na Transgressão de regras (p. 26% versus p.20% no Conflito Interno e p.24% versus p.14% na Transgressão de regras), o que vai de encontro ao se ter verificado que as mães se percebem como mais permissivas que os pais no Conflito Interno ($\bar{x} = 2,27$ versus $\bar{x} = 2,21$), mas não vai ao encontro de se ter verificado que na Transgressão de regras os pais se percebem como mais permissivos que as mães ($\bar{x} = 1,83$ versus $\bar{x} = 1,70$). No Conflito Externo, os filhos percebem os pais como mais permissivos que as mães (p. 20% versus p. 14%), o

que vai de encontro ao se ter verificado que os pais se percebem como mais permissivos que as mães no Conflito Externo ($\bar{x} = 3,20$ versus $\bar{x} = 2,26$).

Na **S4. Quando contam ou mostram algo**, as mães são indicadas pelos seus filhos como mais equilibradas que os pais (p.82% versus p.66% no Conflito Externo, p.60% versus p.52% no Conflito Interno e p.70% versus p.62% na Transgressão de regras), o que vai de encontro ao se ter verificado que as mães se percebem como mais equilibradas que os pais nos três conflitos ($\bar{x} = 5,94$ versus $\bar{x} = 5,39$ no Conflito Externo; $\bar{x} = 5,76$ versus $\bar{x} = 5,54$ no Conflito Interno; $\bar{x} = 5,72$ versus $\bar{x} = 5,58$ na Transgressão de regras). Em relação ao estilo autoritário, os filhos percebem os pais como mais autoritários que as mães no Conflito Interno e na Transgressão de regras (p.20% versus p.14% no Conflito Interno e p.14% versus p.2% na Transgressão de regras), o que vai de encontro ao se ter verificado que os pais se percebem como mais autoritários que as mães no Conflito Interno ($\bar{x} = 3,07$ versus $\bar{x} = 2,28$), mas não vai de encontro ao se ter verificado que pais e mães apresentam os mesmos níveis de autoritarismo na Transgressão de regras ($\bar{x} = 1,17 = \bar{x} = 1,17$). No Conflito Externo, os filhos percebem as mães como, ligeiramente, mais autoritárias que os pais (p.6% versus p.4%) o que vai de encontro ao se ter verificado que as mães se percebem como mais autoritárias que os pais no Conflito Externo ($\bar{x} = 2,52$ versus $\bar{x} = 1,19$). Em relação ao estilo permissivo, os pais são percebidos pelos seus filhos como mais permissivos que as mães no Conflito Externo e no Conflito Interno (p.30% versus p.12% e p.28% versus p.26%), o que não vai de encontro ao se ter verificado que as mães se percebem como mais permissivas que os pais no Conflito Externo ($\bar{x} = 1,88$ versus $\bar{x} = 1,87$), mas vai ao encontro de se ter verificado que pais se percebem como mais permissivos que as mães no Conflito Interno ($\bar{x} = 4,16$ versus $\bar{x} = 4,12$). Na Transgressão de regras, as mães são percebidas como mais permissivas que os pais (p.28% versus p.24%), o que não vai de encontro ao se ter verificado que os pais se percebem como mais permissivos que as mães ($\bar{x} = 2,30$ versus $\bar{x} = 2,14$).

Na **S5. Quando brincam**, as mães são percebidas pelos seus filhos como mais equilibradas que os pais nos três conflitos (p.86% versus p.60% - Conflito Externo; p.74% versus p.62% - Conflito Interno; p.66% versus p.62% - Transgressão de regras), o que vai de encontro ao se ter verificado que as mães se percebem como mais equilibradas que os pais nos três conflitos ($\bar{x} = 5,25$ versus $\bar{x} = 5,01$ - Conflito Externo; $\bar{x} = 5,51$ versus $\bar{x} = 5,23$ - Conflito Interno; $\bar{x} = 5,73$ versus $\bar{x} = 5,42$ - Transgressão de regras). Em relação ao estilo autoritário, as mães são

percepcionadas como menos autoritárias que os pais nos três conflitos (p.4% versus p.10% - Conflito Externo; p.14% versus p.22% - Conflito Interno; 12% versus 20% - Transgressão de regras), o que vai de encontro ao se ter verificado que os pais se percebem como mais autoritários nos três conflitos ($\bar{x} = 1,20$ versus $\bar{x} = 0,53$ - Conflito Externo; $\bar{x} = 1,55$ versus $\bar{x} = 1,23$ - Conflito Interno; $\bar{x} = 1,99$ versus $\bar{x} = 1,75$ - Transgressão de regras). Em relação ao estilo permissivo, os pais são indicados como mais permissivos que as mães no Conflito Externo e no Conflito Interno (p.30% versus p.10% - Conflito Externo; p.16% versus p.12% - Conflito Interno), o que não vai de encontro ao se ter verificado que as mães se percebem como mais permissivas que os pais no Conflito Interno ($\bar{x} = 1,03$ versus $\bar{x} = 0,81$), mas vai ao encontro de se ter verificado que os pais se percebem como mais permissivos no Conflito Externo ($\bar{x} = 3,84$ versus $\bar{x} = 3,00$). Na Transgressão de regras as mães são indicadas como mais permissivas que os pais (p.22% versus p.18%), o que não vai ao encontro de se ter verificado que os pais se percebem como mais permissivos que as mães ($\bar{x} = 1,53$ versus $\bar{x} = 1,49$).

De forma geral, existe correspondência entre a percepção dos filhos sobre as práticas educativas que os seus pais e mães utilizam e a percepção dos seus pais e mães sobre as práticas educativas que utilizam.

4.2. Avaliação da qualidade psicométrica das Escalas PEF-H e PEF-A

4.2.1. Fiabilidade

A consistência interna das escalas segundo os estilos foi analisada com o coeficiente de consistência interna Alfa de *Cronbach*.

Na Escala para crianças/filhos **PEF-H**, o valor do *alfa de cronbach* encontrado para a escala das crianças é bom e é ligeiramente superior ao encontrado pelos autores (**Tabela 32**).

Tabela 32. Consistência interna global analisada através do alfa de cronbach global (PEF-H)

	Alpha de Cronbach	Alpha de Cronbach (versão original PEF-H)
Global	0,86	0,77

Os valores de consistência interna segundo os estilos são superiores aos obtidos pelos autores e são considerados como bons (**Tabela 33**).

Tabela 33. Consistência interna dos estilos através do alfa de cronbach global (PEF-H)

	Alpha de Cronbach	Alpha de Cronbach (versão original PEF-H)
Estilo Autoritário	0,68	0,58
Estilo Equilibrado	0,72	0,15
Estilo Permissivo	0,73	0,56

Na Escala para adultos/pais **PEF-A**, os valores de consistência interna em cada forma são semelhantes aos obtidos pelos autores e podem ser considerados como bons (**Tabela 34**).

Tabela 34. Consistência interna da forma analisada através do alfa de cronbach em cada forma (PEF-A)

	Alpha de Cronbach	Alpha de Cronbach (versão original PEF-A)
Pai	0,88	0,88
Mãe	0,89	0,86

Os valores de consistência interna em cada situação são ligeiramente inferiores aos obtidos pelos autores, mas são aceitáveis (**Tabela 35**).

Tabela 35. Consistência interna de cada situação analisada através do alfa de cronbach (PEF-A)

	Alpha de Cronbach	Alpha de Cronbach (prova original PEF-A)
Quando inicia algo novo	0,73	0,86
Quando há quebra nas rotinas	0,72	0,82
Quando vão dormir	0,68	0,85
Quando contam ou mostram algo	0,67	0,87
Quando brincam	0,70	0,87

Foram ainda calculados os *alfas de cronbach* em cada forma segundo os estilos dos pais e mães, variam entre um mínimo de 0,86 e um máximo de 0,94, são superiores aos obtidos pelos autores e podem ser considerados como bons (**Tabela 36**).

Tabela 36. Consistência interna de cada forma segundo os estilos analisada através do alfa de cronbach (PEF-A)

	Alpha de Cronbach	Alpha de Cronbach (versão original PEF-A)
Estilo Autoritário Pai	0,93	0,85
Estilo Autoritário Mãe	0,86	0,85
Estilo Equilibrado Pai	0,93	0,87
Estilo Equilibrado Mãe	0,94	0,89
Estilo Permissivo Pai	0,90	0,83
Estilo Permissivo Mãe	0,90	0,81

Os *alfas de cronbach* em cada escala segundo a soma conjunta dos estilos dos pais e mães foram também calculados, os valores encontrados variam entre um mínimo de 0,90 e um máximo de 0,94 e podem ser considerados como excelentes. Os valores encontrados pelos autores são referenciados na coluna respectiva (**Tabela 37**).

Tabela 37. Consistência interna da soma conjunta dos estilos de pais e mães analisada através do alfa de cronbach segundo estilos (PEF-A)

	Alpha de Cronbach	Alpha de Cronbach (versão original PEF-A)
Estilo Autoritário	0,94	0,85
Estilo Equilibrado	0,93	0,84
Estilo Permissivo	0,90	0,86

4.2.2. Validade

Escala para Crianças/Filhos - PEF-H

Para analisar a validade de conteúdo da PEF-H utilizou-se, tal como indicado pelos autores a análise de homogeneidade, com recurso ao *Optimal Scaling*, por ser considerado mais adequado do que a análise factorial (Alonso & Román, 2003). Foi realizada uma análise da homogeneidade para a forma dos pais e uma para a forma das mães. Em ambas as formas foram definidas três dimensões.

Na forma dos pais foi encontrado um nível de variância de 38,598%, posteriormente foram retirados 5 itens (13, 17, 31, 35 e 37), 4 do estilo equilibrado (13, 17, 31 e 35) e 1 do estilo permissivo (37) que apresentavam correlações negativas nas três dimensões e que foram considerados como não explicativos de nenhuma delas e a variância total explicada pelas três dimensões foi de 39,542% (**Tabela 38**). A inclusão dos itens em cada dimensão teve como critério o mais alto valor de correlação. Verificou-se que a primeira dimensão ficou com 16 itens (42, 26, 9, 43, 34, 23, 6, 12, 20, 14, 28, 1, 18, 32, 38, 29) estando relacionada com o estilo autoritário, pois agrupou 10 itens deste estilo, excepto o 12 e o 29 que se referem, respectivamente, ao estilo permissivo e ao estilo equilibrado). A segunda dimensão ficou com 12 itens (15, 33, 25, 24, 19, 7, 41, 45, 11, 4, 30, 2) estando relacionada com o estilo permissivo, pois agrupou 11 itens deste estilo, excepto o item 11 que se refere ao estilo autoritário. A terceira dimensão ficou com 12 itens (36, 39, 16, 40, 44, 21, 5, 10, 3, 22, 8, 27) estando relacionada com o estilo equilibrado, pois agrupou 10 itens deste estilo, excepto os itens 36 e 16, que se referem ambos ao estilo permissivo.

Na forma das mães foi encontrado um nível de variância de 33,303%, posteriormente foram retirados 7 itens (7, 12, 19, 30, 37, 41 e 45), todos relativos ao estilo permissivo e o critério de exclusão utilizado foi o mesmo que na forma dos pais. Após a retirada dos itens, a variância explicada pelas três dimensões é de 35,522% (**Tabela 39**). A inclusão dos itens em cada dimensão teve o mesmo critério que na forma dos pais. Verificou-se que a primeira dimensão ficou com 14 itens (27, 44, 8, 22, 13, 40, 10, 2, 21, 5, 31, 35, 17 e 14) estando relacionado com o estilo equilibrado, pois agrupou 12 itens deste estilo, excepto o 2 e o 14 que se referem, respectivamente, ao estilo permissivo e autoritário. A segunda dimensão ficou com 12 itens (42, 1, 43, 38, 6, 18, 20, 23, 34, 26, 32 e 28) estando relacionada com o estilo autoritário, pois

agrupou 12 itens deste estilo. A terceira dimensão ficou com 12 itens (39, 9, 36, 33, 11, 29, 15, 2, 24, 4, 25 e 16) estando relacionada com o estilo permissivo, pois agrupou 8 itens deste estilo, excepto os itens 39, 9, 11 e 29 que se referem ao estilo equilibrado (39 e 29) e ao estilo autoritário (9 e 11).

Em ambas as formas, a análise dos pesos próprios das questões com as dimensões não revela uma configuração de acordo com o padrão encontrado pelos autores, pois na versão original foi encontrada uma primeira dimensão que, de forma constante em todos os itens, têm uma carga positiva do estilo equilibrado e negativa dos outros dois, no entanto, os nossos resultados vão ao encontro do suporte teórico que indica a existência de três estilos (Estilo Autoritário, Estilo Equilibrado e Estilo Permissivo).

Tabela 38: Variância total explicada na forma dos pais após a retirada de itens (PEF-H Pais)

Dimensão	Variance Accounted For	
	Cronbach's Alpha	Total (Eigenvalue)
1	,902	8,322
2	,800	4,544
3	,678	2,951
Total	,961	15,817

Tabela 39: Variância total explicada na forma mães após a retirada de itens (PEF-H Mães)

Dimensão	Variance Accounted For	
	Cronbach's Alpha	Total (Eigenvalue)
1	,842	5,560
2	,792	4,373
3	,739	3,566
Total	,951	13,498

Escala para Adultos/Pais - PEF-A

A análise factorial da escala PEF-A foi efectuada através dos mesmos procedimentos estatísticos utilizados pelos autores. Foi efectuada uma análise factorial exploratória seguida de rotação ortogonal pelo método Varimax e extracção de componentes principais pelo método Keiser. A adequação da análise factorial feita através do KMO indica-nos valores fracos (0,463) embora o teste de *Bartlett* seja

significativo ($p=0,000$). A análise factorial convergiu para uma solução com 2 componentes principais que explicam 58,1% da variância total. Como esta solução se afasta de uma estrutura com 3 dimensões, como seria desejável, a seguir efectuou-se uma segunda AFE forçando a extracção de 3 componentes principais. Esta solução explica no total 74,6% da variância, a primeira componente principal explica 33,5%, a segunda 24,5%, e a terceira 16,5% (**Tabela 40**).

Tabela 40. Variância total explicada (PEF-A)

Componentes	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% de		Total	% de		Total	% de	
		variância	acumulada %		variância	acumulada %		variância	acumulada %
1	2,015	33,585	33,585	2,015	33,585	33,585	1,585	26,409	26,409
2	1,470	24,505	58,090	1,470	24,505	58,090	1,494	24,892	51,301
3	,995	16,587	74,676	,995	16,587	74,676	1,403	23,375	74,676
4	,763	12,710	87,386						
5	,493	8,221	95,608						
6	,264	4,392	100,000						

A matriz de componentes principais depois de rotação evidencia os três estilos educativos teóricos tal como definidos pelos autores (**Tabela 41**).

Tabela 41. Matriz de componentes rodada (PEF-A)

	Componentes		
	1	2	3
Estilo Autoritário Pai		,859	
Estilo Autoritário Mãe		,689	
Estilo Equilibrado Pai	,815		
Estilo Equilibrado Mãe	,937		
Estilo Permissivo Pai			,881
Estilo Permissivo Mãe			,788

4.3. Correlações

4.3.1. Correlação entre Escalas PEF-A

Os coeficientes de correlação entre os estilos percebidos pelo pai e os estilos percebidos pela mãe evidenciam uma correlação significativa entre a percepção do pai sobre o estilo autoritário e a percepção da mãe sobre o estilo autoritário (correlação positiva fraca), entre a percepção do pai sobre o estilo equilibrado e a percepção da mãe sobre o estilo equilibrado (correlação positiva moderada), entre a percepção do pai sobre o estilo equilibrado e a percepção do pai sobre o estilo autoritário (correlação negativa fraca), entre a percepção do pai sobre o estilo permissivo e a percepção da mãe sobre o estilo permissivo (correlação positiva fraca) (**Tabela 42**).

Tabela 42. Correlações entre os estilos percebidos pelos pais e mães (PEF-A)

	Autoritário Mãe	Equilibrado Mãe	Permissivo Mãe	Autoritário Pai	Equilibrado Pai	Permissivo Pai
Autoritário Mãe	1					
Equilibrado Mãe	-,215	1				
Permissivo Mãe	-,107	,042	1			
Autoritário Pai	,368*	-,160	,239	1		
Equilibrado Pai	-,264	,635**	-,111	-,334*	1	
Permissivo Pai	-,019	,008	,404**	-,118	,202	1

4.3.2. Correlação entre Escalas PEF-H

Os coeficientes de correlação entre os estilos percebidos pelo filho em relação à mãe e os estilos percebidos pelo filho em relação ao pai, evidenciam uma correlação significativa entre a percepção do filho sobre o estilo equilibrado do pai e a percepção do filho sobre o estilo autoritário do pai (correlação negativa moderada), entre a percepção do filho sobre o estilo permissivo do pai e a percepção do filho sobre o estilo autoritário do pai (correlação negativa fraca), entre a percepção do filho

sobre o estilo permissivo do pai e a percepção do filho sobre o estilo equilibrado do pai (correlação negativa fraca), entre a percepção do filho sobre o estilo equilibrado da mãe e a percepção do filho sobre o estilo equilibrado do pai (correlação positiva fraca), entre a percepção do filho sobre o estilo equilibrado da mãe e a percepção do filho sobre o estilo permissivo do pai (correlação negativa fraca), entre a percepção do filho sobre o estilo equilibrado da mãe e a percepção do filho sobre o estilo autoritário da mãe (correlação negativa fraca), entre a percepção do filho sobre o estilo permissivo da mãe e a percepção do filho sobre o estilo permissivo do pai (correlação positiva fraca), entre a percepção do filho sobre o estilo permissivo da mãe e a percepção do filho sobre o estilo autoritário da mãe (correlação negativa fraca) e entre a percepção do filho sobre o estilo permissivo da mãe e a percepção do filho sobre o estilo equilibrado da mãe (correlação negativa moderada) (**Tabela 43**).

Tabela 43. Correlações entre os estilos percebidos por crianças/filhos sobre os pais e mães (PEF-A)

	Autoritário Pai	Equilibrado Pai	Permissivo Pai	Autoritário Mãe	Equilibrado Mãe	Permissivo Mãe
Autoritário Pai	1					
Equilibrado Pai	-,679**	1				
Permissivo Pai	-,428**	-,304*	1			
Autoritário Mãe	,084	-,029	,169	1		
Equilibrado Mãe	-,154	,440**	-,375**	-,456*	1	
Permissivo Mãe	,067	-,427	,548**	-,302*	-,706**	1

4.3.3. Correlação entre Escalas PEF-A e PEF-H (Mãe - Filho)

Os coeficientes de correlação entre os estilos percebidos pelos filhos em relação à mãe e os estilos percebidos pela mãe não evidenciaram correlações significativas (**Tabela 44**).

Tabela 44. Correlações entre a percepção do filho sobre o estilo educativo da mãe e a percepção da mãe sobre o estilo educativo que utiliza (PEFA e PEF-H)

	Autoritário Filho	Equilibrado Filho	Permissivo Filho
Autoritário Mãe	,005	,043	-,051
Equilibrado Mãe	-,058	,228	-,230
Permissivo Mãe	,127	-,204	,096

4.3.4. Correlação entre Escalas PEF-A e PEF-H (Pai - Filho)

Os coeficientes de correlação entre os estilos percebidos pelos filhos em relação ao pai e os estilos percebidos pelo pai evidenciaram uma correlação significativa entre a percepção do pai sobre o estilo autoritário e a percepção do filho sobre o estilo autoritário (correlação positiva fraca), entre a percepção do pai sobre o estilo autoritário e a percepção do filho sobre o estilo equilibrado do pai (correlação negativa fraca), entre a percepção do pai sobre o estilo equilibrado e a percepção do filho sobre o estilo autoritário do pai (correlação negativa fraca), entre a percepção do pai sobre o estilo permissivo e a percepção do filho sobre o estilo autoritário do pai (correlação negativa fraca) e entre a percepção do pai sobre o estilo permissivo e a percepção do filho sobre o estilo permissivo do pai (correlação positiva fraca) (**Tabela 45**).

Tabela 45. Correlações entre percepção do filho sobre o estilos educativo do pai e a percepção do pai sobre o estilos educativo que utiliza (PEF-A e PEF-H)

	Autoritário Filho	Equilibrado Filho	Permissivo Filho
Autoritário Pai	,480**	-,402*	-,168
Equilibrado Pai	-,306*	,190	,082
Permissivo Pai	-,350*	,076	,353*

4.4. Variáveis sócio-demográficas e Estilos Educativos Parentais

Para testar as hipóteses relativas à relação entre os estilos educativos parentais e as variáveis sócio-demográficas, utilizamos como referência para aceitar ou rejeitar a hipótese nula um nível de significância (α) $\leq 0,05$. Como as variáveis dependentes são de tipo quantitativo utilizaram-se os testes paramétricos nomeadamente o teste t de Student (comparação de dois grupos) e a Anova One-Way (comparação para mais de dois grupos). Os pressupostos destes testes, normalidade de distribuição dos valores e homogeneidade de variâncias foram analisados com os testes de Kolmogorov-Smirnov e teste de Levene. Nos casos em que estes não se encontravam cumpridos utilizaram-se os testes não-paramétricos alternativos, Mann-Whitney ou Kruskal-Wallis. As diferenças significativas, no caso da Anova One-Way, foram analisadas com recurso ao teste de comparação múltipla a posteriori de Tukey.

4.4.1. Género das crianças/filhos e dos adultos/pais e percepção dos estilos educativos parentais

Relativamente ao género das crianças/filhos, não encontramos diferenças estatisticamente significativas, ou seja, o género das crianças/filhos não influencia significativamente a sua percepção dos estilos educativos parentais em relação ao pai (**Tabela 46 e Tabela 47**) nem em relação à mãe (**Tabela 48 e Tabela 49**).

Tabela 46. Percepção das crianças/filhos sobre os estilos educativos parentais do pai (Teste t de Student)

	t	Df	Sig
Estilo Autoritário Pai	,536	48	,594
Estilo Equilibrado Pai	-,402	48	,690
Estilo Permissivo Pai	-,910	48	,367

Tabela 47. Comparação de médias entre os dois géneros das crianças/filhos em relação à percepção dos estilos educativos do pai

	Género	N	Mean	Std. Deviation
Autoritário Pai	Masculino	25	6,4000	3,42783
	Feminino	25	5,8800	3,43171
	Total	50		
Equilibrado Pai	Masculino	25	13,5600	5,97272
	Feminino	25	14,2400	6,00194
	Total	50		
Permissivo Pai	Masculino	25	9,0400	8,48764
	Feminino	25	11,1600	1,59549
	Total	50		

Tabela 48. Percepção das crianças/filhos sobre os estilos educativos parentais da mãe (Teste Mann-Whitney)

	Estilo Autoritário Mãe	Estilo Equilibrado Mãe	Estilo Permissivo Mãe
Mann-Whitney U	277,500	267,500	278,500
Wilcoxon W	602,500	592,500	603,500
Z	-,695	-,653	-,668
Asymp. Sig. (2-tailed)	,487	,513	,504

a. Grouping Variable: Sexo

Tabela 49. Comparação de médias entre os dois géneros das crianças/filhos em relação à percepção dos estilos educativos da mãe

	Género	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Autoritário Mãe	Masculino	25	26,90	672,50
	Feminino	25	24,10	602,50
	Total	50		
Equilibrado Mãe	Masculino	25	26,35	632,50
	Feminino	25	23,70	592,50
	Total	50		
Permissivo Mãe	Masculino	25	24,14	603,50
	Feminino	25	26,86	671,50
	Total	50		

Relativamente ao género dos adultos/pais, também, não encontramos diferenças estatisticamente significativas, ou seja, o género das crianças/filhos não influencia significativamente a percepção que os adultos/pais têm dos estilos educativos que utilizam (**Tabela 50**).

Tabela 50. Percepção de pais e mães sobre os estilos educativos parentais que percebem segundo o género das crianças/filhos (Teste t de Student)

	t	Df	Sig
Estilo Autoritário Pai	-,056	48	,956
Estilo Autoritário Mãe	-1,167	48	,249
Estilo Equilibrado Pai	-,367	48	,716
Estilo Equilibrado Mãe	-,515	48	,609
Estil Permissivo Pai	-1,955	48	,056
Estilo Permissivo Mãe	-,657	48	,514

Tabela 51. Comparação de médias dos estilos educativos de pais e mães em relação ao género das crianças/filhos

	Género	N	Mean Rank	Std. Deviation
Estilo Autoritário Pai	Masculino	25	40,64	23,17304
	Feminino	25	41,04	27,52799
	Total	50		
Estilo Autoritário Mãe	Masculino	25	26,84	14,48183
	Feminino	25	32,40	18,90767
	Total	50		
Estilo Equilibrado Pai	Masculino	25	106,28	21,04661
	Feminino	25	108,40	19,82633
	Total	50		
Estilo Permissivo Pai	Masculino	25	49,20	21,44761
	Feminino	25	61,08	21,51147
	Total	50		
Estilo Permissivo Mãe	Masculino	25	51,44	20,02723
	Feminino	25	55,48	23,32759
	Total	50		

4.4.2. Habilitações académicas dos adultos/pais e percepção dos estilos educativos parentais

Em relação aos pais, encontrámos as seguintes diferenças estatisticamente significativas: a análise do teste de comparação múltipla a posteriori de Tukey indicamos que as diferenças se encontram entre os pais com as habilitações ao nível do ensino superior e do secundário que significativamente utilizam mais o estilo equilibrado do que os pais com as habilitações ao nível do 2º ciclo ($\bar{x} = 120,90$ e $\bar{x} = 11,335$ versus $\bar{x} = 86,85$) (**Tabela 52** e **Tabela 53**).

Tabela 52. Habilitações académicas dos pais e percepção dos estilos educativos parentais (Anova)

	F	Df	Sig.
Estilo Autoritario Pai	1,994	3, 46	,128
Estilo Equilibrado Pai	6,392	3, 46	,001 *
Estilo Permissivo Pai	2,161	3, 46	,106

* $p \leq 0,05$

Tabela 53. Habilitações académicas dos pais e percepção dos estilos educativos parentais (Teste de Tukey)

Habilitações	N	Subconjunto para alpha = 0.05	
		1	2
Académicas Pai			
2ºCiclo	7	86,8571	
3ºCiclo	18	102,3333	102,3333
Secundário	14		113,3571
Superior	11		120,9091
Sig.		,177	,075

Encontrámos, também, diferenças estatisticamente significativas nas mães: a análise do teste de comparação múltipla a posteriori de Tukey indica-nos que as diferenças se encontram entre as mães com as habilitações ao nível do ensino superior que significativamente utilizam mais este estilo do que as mães com as habilitações ao nível do 2 e 3º ciclo e do secundário ($\bar{x} = 125,13$ versus $\bar{x} = 107,41$ e $\bar{x} = 96,13$) (Tabela 54 e Tabela 55).

Tabela 54. Habilitações académicas das mães e percepção dos estilos educativos parentais (Anova)

	F	df	Sig.
Estilo Autoritário Mãe	2,186	2, 44	,124
Estilo Equilibrado Mãe	9,089	2, 44	,000 *
Estilo Permissivo Mãe	4,381	2, 44	,018 *

* $p \leq 0,05$

Tabela 55. Habilitações académicas das mães e percepção dos estilos educativos parentais (Teste de Tukey)

Habilitações	N	Subconjunto para alpha = 0.05	
		1	2
Académicas Mãe			
2º/3ºCiclo	15	96,1333	
Secundário	17	107,4118	
Superior	15		125,1333
Sig.		,225	1,000

Foram, também, encontradas diferenças significativas no Estilo Permissivo, tendo-se verificado que as mães com as habilitações ao nível do 2º e 3º ciclo utilizam

significativamente mais este estilo do que as mães com as habilitações ao nível do ensino superior ($\bar{x} = 64,33$ versus $\bar{x} = 42,60$) (**Tabela 56**)

Tabela 56. Habilitações académicas das mães e percepção do estilo educativo permissivo (Teste de Tukey)

Habilitações	N	Subconjunto para alpha = 0.05	
		1	2
Académicas Mãe			
Superior	15	42,6000	
Secundário	17	56,1176	56,1176
2º/3ºCiclo	15		64,3333
Sig.		,163	,501

4.4.3. Estado civil dos adultos/pais e percepção dos estilos educativos parentais

Em relação aos pais não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, ou seja, o estado civil dos pais não influencia significativamente a percepção dos estilos educativos que utilizam (**Tabela 54 e Tabela 55**).

Tabela 57. Estado civil dos pais e percepção dos estilos educativos parentais (Testes t de Student)

	t	df	Sig
Estilo Autoritário Pai	,194	48	,847
Estilo Permissivo Pai	-1,334	48	,189

Tabela 58. Estado civil dos pais e percepção dos estilos educativos parentais (Testes de Mann-Whitney)

Estilo Equilibrado Pai	
Mann-Whitney U	285,500
Wilcoxon W	610,500
Z	-,526
Asymp. Sig. (2-tailed)	,599

Em relação às mães, encontrámos diferenças estatisticamente significativas no estilo autoritário, tendo-se verificado que as mães em união de facto consideram que utilizam mais este estilo do que as mães casadas ($\bar{x} = 17,19$ versus $\bar{x} = 15,23$) (**Tabela 59 e Tabela 60**).

Tabela 59. Estado civil das mães e percepção dos estilos educativos parentais (Testes t de Student)

	t	df	Sig
Estilo Autoritário Mãe	-2,590	48	,013 *
Estilo Permissivo Mãe	-,472	48	,639

* $p \leq 0,05$

Tabela 60. Estado civil das mães e percepção dos estilos educativos parentais (Teste Mann-Whitney)

Estilo Equilibrado Mãe	
Mann-Whitney U	244,000
Wilcoxon W	434,000
Z	-1,010
Asymp. Sig. (2-tailed)	,313

4.4.4. Ano de escolaridade dos filhos (pré-escolar ou 1º ano) e percepção das crianças/filhos e dos adultos/pais dos estilos educativos parentais

Relativamente às crianças/filhos, encontrámos diferenças estatisticamente significativas em relação ao Estilo Equilibrado, tendo-se verificado que as crianças do pré-escolar, comparativamente às do 1º ano, percebem que as suas mães utilizam mais este estilo ($\bar{x} = 8,70$ versus $\bar{x} = 10,90$) (**Tabela 61** e **Tabela 62**).

Tabela 61. Ano de escolaridade das crianças/filhos e estilo educativo percebido pelas crianças/filhos (Testes t de Student)

	t	df	Sig
Estilo Autoritario Pai	-,607	48	,547
Estilo Equilibrado Pai	-1,272	48	,209
Estilo Permissivo Pai	1,091	48	,281
Estilo Equilibrado Mãe	-2,235	47	,030 *
Estilo Permissivo Mãe	,858	48	,395

* $p \leq 0,05$

Tabela 62. Ano de escolaridade das crianças/filhos e estilo educativo percebido pelas crianças/filhos (Teste Mann-Whitney)

Estilo Autoritário Mãe	
Mann-Whitney U	227,500
Wilcoxon W	437,500
Z	-1,469
Asymp. Sig. (2-tailed)	,142

Relativamente à percepção dos adultos/pais, não encontramos diferenças estatisticamente significativas, ou seja, o ano de escolaridade dos filhos/filhas (pré-escolar e 1º ano) não influencia significativamente a percepção que os pais e mães têm dos estilos educativos que utilizam com os seus filhos (**Tabela 63** e **Tabela 64**).

Tabela 63. Ano de escolaridade das crianças/filhos e estilo educativo percebido pelos adultos/pais (Testes t de Student)

	t	df	Sig
Estilo Autoritário Pai	-,848	48	,401
Estilo Autoritário Mãe	-1,607	48	,115
Estilo Equilibrado Pai	,980	48	,332
Estilo Permissivo Pai	1,465	48	,149
Estilo Permissivo Mãe	,294	48	,770

Tabela 64. Ano de escolaridade dos filhos e estilo educativo percebido pelos adultos/pais (Teste de Mann-Whitney)

Estilo Autoritário Mãe	
Mann-Whitney U	225,500
Wilcoxon W	435,500
Z	-1,476
Asymp. Sig. (2-tailed)	,140

4.4.5. Número de filhos/irmãos e percepção das crianças/filhos e dos adultos/pais sobre os estilos educativos parentais

Relativamente ao número de irmãos, não encontramos diferenças estatisticamente significativas, ou seja, ter irmãos ou ser filho único não influencia

significativamente a sua percepção dos estilos educativos parentais (**Tabela 65 e Tabela 66**).

Tabela 65. Número de irmãos e percepção dos estilos educativos parentais de pais e mães (Testes t de Student)

	T	df	Sig
Estilo Autoritário Pai	-,225	48	,823
Estilo Equilibrado Pai	,190	48	,850
Estilo Permissivo Pai	,039	48	,969
Estilo Equilibrado Mãe	-1,118	47	,217
Estilo Permissivo Mãe	,840	48	,405

Tabela 66. Número de irmãos e percepção dos estilos educativos parentais de pais e mães (Teste de Mann-Whitney)

	Estilo Autoritário Mãe
Mann-Whitney U	215,000
Wilcoxon W	711,000
Z	-1,626
Asymp. Sig. (2-tailed)	,104

Relativamente ao número de filhos, também, não encontramos diferenças estatisticamente significativas, ou seja, o número de filhos não influencia significativamente a percepção que os adultos/pais têm dos estilos educativos que utilizam com os seus filhos (**Tabela 67 e Tabela 68**).

Tabela 67. Número filhos e percepção dos estilos educativos parentais de pais e mães (Teste t student)

	T	df	Sig
Estilo Autoritário Pai	-,482	48	,632
Estilo Autoritário Mãe	-,184	48	,855
Estilo Equilibrado Mãe	-,621	48	,538
Estilo Permissivo Pai	,135	48	,893
Estilo Permissivo Mãe	,472	48	,639

Tabela 68. Número filhos e percepção dos estilos educativos parentais de pais e mães (Teste de Mann-Whitney)

	Estilo Equilibrado Mãe
Mann-Whitney U	256,500
Wilcoxon W	446,500
Z	-,760
Asymp. Sig. (2-tailed)	,447

4.5. Análise Descritiva e Comparação de médias – Intervenção Precoce

4.5.1. Escala para Crianças/Filhos - PEF H:

Primeiramente, procedeu-se a uma análise descritiva simples das situações (S1. Quando inicia algo novo; S2. Quebra nas Rotinas; S3. Quando vão dormir; S4. Quando contam ou mostram algo; S5. Quando brincam) subdivididas pelos três conflitos (1. Conflito Externo; 2. Conflito Interno; 3. Transgressão de regras), sobre os resultados que as crianças percebem em relação ao comportamento da mãe. No **Tabela 69** são apresentados os resultados. Posteriormente foi efectuada uma análise comparativa entre as frequências percebidas pelas crianças/filhos acompanhadas pela Intervenção Precoce e as não acompanhadas.

Tabela 69. Frequências e modas das respostas das crianças em relação à mãe por estilos, situações e conflitos (PEF-H)

		Autoritário	Equilibrado	Permissivo	Total	Moda
Situação 1 Quando Inicia Algo Novo	Conflito Externo	1 (5%)	14 (70%)	5 (25%)	20 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	5 (25%)	9 (45%)	6 (30%)	20 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de regras	3 (15%)	14 (70%)	3 (15%)	20 (100%)	Equilibrado
Situação 2 Quebra nas Rotinas	Conflito Externo	4 (20%)	14 (75%)	2 (10%)	20 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	1 (5%)	16 (80%)	3 (15%)	20 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de Regras	2 (10%)	18 (90%)	0 (0%)	20 (100%)	Equilibrado
Situação 3 Quando vão Dormir	Conflito Externo	1 (5%)	14 (70%)	5 (25%)	20 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	0 (0%)	15 (75%)	5 (25%)	20 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de Regras	3 (15%)	12 (60%)	5 (25%)	20 (100%)	Equilibrado
Situação 4 Quando contam ou Mostram Algo	Conflito Externo	2 (10%)	15 (75%)	3 (10%)	20 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	3 (15%)	12 (60%)	5 (25%)	20 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de Regras	1 (5%)	18 (90%)	1 (5%)	20 (100%)	Equilibrado
Situação 5 Quando Brincam	Conflito Externo	2 (10%)	17 (85%)	1 (5%)	62 (100%)	Equilibrado
	Conflito Interno	1 (5%)	16 (80%)	3 (15%)	20 (100%)	Equilibrado
	Transgressão de Regras	1 (5%)	14 (70%)	5 (25%)	20 (100%)	Equilibrado

Na **S1. Quando inicia algo novo**, verificou-se uma predominância do estilo equilibrado sobre os estilos autoritário e permissivo no Conflito Externo (p.70% versus p.5% e p.25%), no Conflito Interno (p.45% versus p.25% e p.30%) e na Transgressão de Regras (p.70% versus p.15% e p.15%).

Na **S2. Quebra nas rotinas**, verificou-se, novamente, uma predominância do estilo equilibrado sobre o estilo autoritário e permissivo no Conflito Externo (p.75% versus p.15% e p.10%), no Conflito Interno (p.80% versus p.5% e p.15%) e na Transgressão de regras (p.90% versus p.10% e p.0%). Constatando-se a existência de valores bastante baixos para os estilos autoritário e permissivo, que oscilam entre os p.0% e p.15%.

Na **S3. Quando vão dormir**, verificou-se, também, uma predominância do estilo equilibrado sobre o estilo autoritário e permissivo no Conflito Externo (p.75% versus p.0% e p.25%), no Conflito Interno (p.80% versus p.0% e p.20%) e na Transgressão de Regras (p.60% versus p.15% e p.25%). Constatando-se a existência de valores bastante baixos para o estilo autoritário que oscilam entre os p.0% (Conflito Interno e Conflito Externo) e os p.15% (Transgressão de Regras) e valores mais elevados para o estilo permissivo que oscilam entre os p.20% (Conflito Interno) e p.25% (Conflito Externo e Transgressão de Regras).

Na **S4. Quando contam ou mostram algo**, verificou-se, mais uma vez, a predominância do estilo equilibrado sobre o estilo autoritário e permissivo no Conflito Externo (p.85% versus p.5% e p.10%), Conflito Interno (p.65% versus p.10% e p.25%) e na Transgressão de Regras (p.90% versus p.5% e p.5%). Constatando-se a existência de valores bastante baixos para o estilo autoritário que oscilam entre os p.5% (Conflito Externo e Transgressão de Regras) e os p.10% (Conflito Interno).

Na **S5. Quando brincam**, verificou-se uma predominância do estilo equilibrado sobre o estilo autoritário e permissivo no Conflito Externo (p.90% versus p.5% e p.5%), no Conflito Interno (p.80% versus p.5% e p.15%) e na Transgressão de Regras (p.75% versus p.0% e p.25%). Constatando-se a existência de valores bastante baixos para o estilo autoritário que oscilam entre os p.0% (Transgressão de Regras) e p.5% (Conflito Externo e Conflito Interno).

Sintetizando, os filhos acompanhados pela Intervenção Precoce percebem as suas mães como mais autoritárias na S1 no Conflito Interno (p.25%) e como menos autoritárias na S3 no Conflito Interno (p.0%). São indicadas como mais equilibradas na S2 na Transgressão de Regras (p.90%), na S4 na Transgressão de Regras (p.90%) e na S5 no Conflito Externo (p.90%), e são indicadas como menos equilibradas na S1 no Conflito Interno (p.45%). Relativamente à permissividade, são indicadas como mais permissivas na S1 no Conflito Interno (p.30%).

Em segundo lugar, procedeu-se a uma a uma análise descritiva das escalas e os valores médios dos estilos percebidos pelas crianças/filhos acompanhados pela Intervenção Precoce foram comparados com os valores médios dos estilos percebidos pelas crianças/filhos não acompanhados pela Intervenção Precoce, não se tendo encontrado diferenças estatisticamente significativas. No **Tabela 49** indicam-se os valores (mínimos, máximos, médios e respectivos desvio-padrão).

Tabela 70. Descritivas e comparação de médias globais dos estilos educativos percebidas por crianças/filhos acompanhados pela Intervenção Precoce e médias globais dos estilos educativos percebidos por crianças/filhos não acompanhados pela Intervenção Precoce

Percepção das Crianças/Filhos (PEF-H)	N	Mínimo	Máximo	Desvio-padrão	Média global	Média global (crianças/filhos não acompanhados pela I.P.)	Sig.
Mães	20	27	40	3,110	31	32	,294

Realizou-se, também, uma análise descritiva da escala segundo os estilos percebidos pelas crianças/filhos integrados na IP e estes foram comparados com os valores médios obtidos pelas crianças/filhos não integrados na IP. No **Tabela 71** indicam-se os valores (mínimos, máximos, médios e respectivos desvio-padrão) obtidos. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a percepção de crianças/filhos acompanhados pela IP e crianças/filhos não acompanhados pela IP.

Tabela 71. Descritivas sobre os estilos educativos das mães percebidos por crianças/filhos acompanhados pela IP (PEF-H)

Percepção das Crianças/Filhos (PEF-H)	N	Mínimo	Máximo	Desvio-padrão	Média Mães IP	Média Mães sem IP	Sig.
Estilo Autoritário	20	0	8	1,935	2,50	2,06	,016
Estilo Equilibrado	20	1	28	7,678	22,50	19,28	,809
Estilo Permissivo	20	0	30	8,899.	6,00	10,02	,431

4.5.2. Análise comparativa entre percepções de crianças acompanhadas pela Intervenção Precoce e as crianças não acompanhadas

Através de uma **análise comparativa** entre as frequências e modas das respostas dos filhos **integradas na IP** (Grupo 1) em relação às suas mães por estilos, situações e conflitos e as frequências e modas das respostas dos filhos **não integradas na IP** (Grupo 2) em relação às mães por estilos, situações e conflitos, podemos constatar o seguinte:

Na **S1. Quando inicia algo novo**, tanto na percepção dos filhos acompanhados pela IP como na percepção dos filhos não acompanhados, verificou-se que em ambos os grupos o estilo equilibrado predomina (Grupo 1: p.70% - Conflito Externo, p.45% - Conflito Interno, p.70% - Transgressão de regras; Grupo 2: p.62% - Conflito Externo, p.52% - Conflito Interno, p.62% - Transgressão de regras). Seguindo-se o estilo permissivo como mais predominante que o estilo autoritário, em ambas as amostras no Conflito Externo (Grupo 1: p.25% versus 5%; Grupo 2: p.32% versus p.6%) e no Conflito Interno (Grupo 1: p.30% versus p.25%; Grupo 2: p.26% versus 22%). No entanto, na Transgressão de regras, enquanto os filhos de nas mães da IP percebem as suas mães como mais permissivas que autoritárias (p.15% versus p.3%), os filhos de mães não acompanhados na IP percebem as suas mães como mais autoritárias do que permissivas neste conflito (p.28% versus p.10%).

Na **S2. Quebra nas rotinas**, tanto na percepção dos filhos acompanhados pela IP como na percepção dos filhos não acompanhados pela IP, verificou-se que em ambos os grupos o estilo equilibrado predomina (Grupo 1: p.62% - Conflito Externo, p.68% - Conflito Interno, p.70% - Transgressão de regras; Grupo 2: p.75% - Conflito Externo, p.80% - Conflito Interno, p.90% - Transgressão de regras). Verificou-se também que os filhos de ambos os grupos percebem no Conflito Externo as mães como mais autoritárias do que permissivas (Grupo 1: p.20% versus 10%; Grupo 2: p.20% versus p. 18%), tal como na Transgressão de regras, em que as mães são percebidas como mais autoritárias do que permissivas (Grupo 1: p.10% versus 0%; Grupo 1: p.18% versus p.12%). No Conflito Interno, verificou-se, também, uma igualdade entre as amostras, existindo uma percepção das mães como mais permissivas do que autoritárias (Grupo 1: p.15% versus p.5%; Grupo 2: p.24% versus p. 8%).

Na **S3. Quando vão dormir**, verificou-se que em ambos os grupos existe uma percepção das mães como mais equilibradas (Grupo 1: p.70% - Conflito Externo, p.75% - Conflito Interno, p.60% - Transgressão de regras; Grupo 2: p.68% - Conflito

Externo, p.66% - Conflito Interno, p.68% - Transgressão de regras). Verificando-se, também, uma igualdade no Conflito Interno e na Transgressão de regras, em que ambos os grupos percebem as suas mães como mais permissivas do que autoritárias (Grupo 1: p.25% versus p.0% - Conflito Interno, p.25% versus p.15% - Transgressão de regras; Grupo 2: p.26% versus p.8% - Conflito Interno, p.24% versus p.8% - Transgressão de regras). A diferença entre grupos existe no Conflito Externo, em que os filhos acompanhados pela IP percebem as suas mães como mais permissivas do que autoritárias (p.25% versus p.5%) enquanto os filhos não acompanhados pela IP percebem as suas mães como mais autoritárias (p.18% versus p.14%).

Na **S4. Quando contam ou mostram algo**, verificou-se em ambos os grupos uma predominância do estilo equilibrado (Grupo 1: p.75% - Conflito Externo, p.60% - Conflito Interno, p.90% - Transgressão de regras; Grupo 2: p.82% - Conflito Externo, p.60% - Conflito Interno, p.70% - Transgressão de regras). Existe, também, uma igualdade no Conflito Interno em que ambos os grupos percebem as suas mães como mais permissivas do que autoritárias (Grupo 1: p.25% versus p.15%; Grupo 2: p.26% versus p.14%). No Conflito Externo, nos filhos acompanhados pela IP não se verificam diferenças entre a percepção do estilo autoritário e do estilo permissivo (p.10% = p.10%), enquanto nos filhos não acompanhados pela IP se verifica que o estilo permissivo predomina sobre o estilo autoritário (p.12% versus p.6%). Na Transgressão de regras, repetem-se estes dados, ou seja, nos filhos acompanhados pela IP não se verificam diferenças entre a percepção do estilo autoritário e do estilo permissivo (p.5% = p.5%), enquanto nos filhos não integrados na IP se verifica que o estilo permissivo predomina sobre o estilo autoritário (p.28% versus p.2%).

Na **S5. Quando brincam**, em ambos os grupos o estilo equilibrado predomina (Grupo 1: p.85% - Conflito Externo, p.80% - Conflito Interno; p.70% - Transgressão de regras; Grupo 2: p.86% - Conflito Externo, p.74% - Conflito Interno, p.66% - Transgressão de regras) em relação ao estilo permissivo e ao autoritário. No Conflito Externo, os filhos acompanhados pela IP percebem as suas mães como mais autoritárias do que permissivas (p.10% versus 5%), enquanto os filhos não acompanhados pela IP percebem as suas mães como mais permissivas do que autoritárias (p.10% versus p.4%). No Conflito Interno os filhos acompanhados pela IP percebem as suas mães como mais permissivas do que autoritárias (p.15% versus p.5%), enquanto os filhos não acompanhados pela IP percebem as suas mães como mais autoritárias do que permissivas (p.14% versus p.12%). Na Transgressão

de regras, existe igualdade, em ambos grupos as mães são percebidas como mais permissivas do que autoritárias (Grupo 1: p.25% versus p.5%; Grupo 2: p.22% versus p.12%).

De forma geral, verifica-se que a percepção dos filhos acompanhados pela IP comparativamente à percepção dos filhos não acompanhados pela IP é semelhante, excepto nas seguintes situações e conflitos: Na S1 na Transgressão de regras, os filhos acompanhados pela IP percebem as suas mães como mais permissivas do que autoritárias, contrariamente aos filhos não integrados na IP; Na S3 no Conflito Externo os filhos acompanhados pela IP percebem as suas mães como mais permissivas do que autoritárias e os filhos não acompanhados pela IP percebem as suas mães como mais autoritária do que permissivas. Na S4 no Conflito Externo e na Transgressão de regras nos filhos acompanhados pela IP não se verifica a existência de diferenças na percepção do estilo autoritário e permissivo, enquanto nos filhos não acompanhados pela IP se verifica um predomínio do estilo permissivo sobre o autoritário. Na S5 no Conflito Externo os filhos acompanhados pela IP percebem as suas mães como mais autoritárias do que permissivas, contrariamente aos filhos não acompanhados pela IP que percebem as suas mães como mais permissivas do que autoritárias. No Conflito Interno os filhos acompanhados pela IP percebem as suas mães como mais permissivas do que autoritárias, enquanto os filhos não acompanhados pela IP percebem as suas mães como mais autoritárias do que permissivas.

4.5.3. Escala para Adultos/Pais - PEF-A:

Primeiramente, procedeu-se a uma análise descritiva simples, através da média e desvio padrão das respostas a cada um dos 90 itens da totalidade da escala. Para tal foram consideradas as 20 participantes, mães das crianças em estudo. Os resultados são apresentados por situação, conflito e estilos. Dividiu-se a escala por situações e em cada situação os itens relativos ao mesmo estilo foram agrupados, calculando-se a sua média e desvio-padrão conjuntos, para uma mais fácil compreensão e análise. Posteriormente foi efectuada uma análise comparativa entre as médias das respostas das mães acompanhadas pela IP e a médias das respostas das mães não acompanhadas pela IP.

Tabela 72. Frequências, médias e desvio padrão das respostas da mães na Situação 1 (Escala PEF-A)

		Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Quase sempre	Sempre	Média	Desvio Padrão
Situação 1									
Quando Inicia algo novo									
Conflito Externo	Itens: 1/4 Autoritário	14 (70%)	4 (20%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	0,62	0,901
	Itens: 2/6 Equilibrado	14 (70%)	5 (25%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)		
	Itens: 3/5 Permissivo	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (10%)	11 (55%)	7 (35%)		
Conflito Interno	Itens: 7/10 Autoritário	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	5 (10%)	3 (6%)	1 (2%)	0,70	1,559
	Itens: 9/11 Equilibrado	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	9 (45%)	8 (40%)	1 (5%)		
	Itens: 8/12 Permissivo	6 (30%)	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	5 (25%)	5 (25%)		
Transgressão de Regras	Itens: 17/18 Autoritário	5 (25%)	2 (10%)	4 (20%)	0 (0%)	5 (25%)	4 (20%)	6,30	1,005
	Itens: 13/14 Equilibrado	17 (85%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)		
	Itens: 15/16 Permissivo	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (15%)	11 (55%)	6 (30%)		
Transgressão de Regras	Itens: 17/18 Autoritário	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	2 (10%)	7 (35%)	10 (50%)	1,75	1,473
	Itens: 13/14 Equilibrado	12 (60%)	2 (10%)	3 (15%)	2 (10%)	0 (0%)	1 (5%)		
	Itens: 15/16 Permissivo	8 (40%)	2 (10%)	2 (10%)	7 (35%)	0 (0%)	1 (5%)		

Na **S1. Quando inicia algo novo**, o estilo predominante nos três conflitos é o equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 6,37$; Conflito Interno $\bar{x} = 5,52$; Transgressão de regras $\bar{x} = 6,30$), seguindo-se o estilo permissivo (Conflito Externo $\bar{x} = 3,27$; Conflito Interno $\bar{x} = 3,95$; Transgressão de regras $\bar{x} = 1,75$) e, por fim, o estilo autoritário (Conflito Externo $\bar{x} = 0,62$; Conflito Interno $\bar{x} = 0,70$; Transgressão de regras $\bar{x} = 0,37$).

Tabela 73. Frequências, médias e desvio padrão das respostas da mães na Situação 2 (Escala PEF-A)

Situação 2 <i>Quebra nas rotinas</i>											
Conflito externo	Itens: 20/24 Autoritário	10 (50%) 8 (40%)	2 (10%) 2 (10%)	3 (15%) 3 (15%)	1 (5%) 5 (25%)	2 (10%) 1 (5%)	2 (10%) 1 (5%)	2,25	2,414		
	Itens: 22/23 Equilibrado	0 (0%) 0 (0%)	2 (10%) 1 (5%)	4 (20%) 0 (0%)	0 (0%) 5 (25%)	8 (40%) 7 (35%)	6 (30%) 7 (35%)			5,77	1,490
	Itens: 19/21 Permissivo	10 (50%) 8 (40%)	1 (5%) 1 (5%)	2 (10%) 4 (20%)	1 (5%) 3 (15%)	1 (5%) 2 (10%)	5 (25%) 2 (10%)				
Conflito interno	Itens: 28/29 Autoritário	9 (45%) 18 (90%)	3 (15%) 1 (5%)	3 (15%) 1 (5%)	1 (5%) 0 (0%)	2 (10%) 0 (0%)	2 (10%) 0 (0%)	0,62	0,958		
	Itens: 25/27 Equilibrado	0 (0%) 1 (5%)	0 (0%) 1 (5%)	0 (0%) 1 (5%)	5 (25%) 7 (35%)	7 (35%) 5 (25%)	8 (40%) 5 (25%)			5,87	1,122
	Itens: 26/30 Permissivo	7 (35%) 11 (55%)	1 (5%) 1 (5%)	3 (15%) 3 (15%)	6 (30%) 2 (10%)	2 (10%) 1 (5%)	1 (5%) 2 (10%)				
Transgressão de Regras	Itens: 33/34 Autoritário	11 (55%) 15 (75%)	3 (15%) 3 (15%)	2 (10%) 0 (0%)	2 (10%) 2 (10%)	1 (5%) 0 (0%)	1 (5%) 0 (0%)	1,32	1,934		
	Itens: 31/36 Equilibrado	0 (0,0%) 1 (5%)	0 (0%) 0 (0%)	0 (0%) 2 (10%)	5 (25%) 4 (20%)	5 (25%) 10 (50%)	10 (50%) 3 (15%)			6,02	1,093
	Itens: 32/35 Permissivo	9 (45%) 9 (45%)	3 (15%) 0 (0%)	3 (15%) 7 (35%)	1 (5%) 3 (15%)	3 (10%) 1 (5%)	2 (10%) 0 (0%)				

Na **S2. Quebra nas rotinas**, o estilo predominante nos três conflitos é o equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 5,77$; Conflito Interno $\bar{x} = 5,87$; Transgressão de regras $\bar{x} = 6,02$), seguindo-se o estilo permissivo (Conflito Externo $\bar{x} = 2,75$; Conflito Interno $\bar{x} = 2,57$; Transgressão de regras $\bar{x} = 2,17$) e, por fim, o estilo autoritário (Conflito Externo $\bar{x} = 2,25$; Conflito Interno $\bar{x} = 0,62$; Transgressão de regras $\bar{x} = 1,32$).

Tabela 74. Frequências, médias e desvio padrão das respostas da mães na Situação 3 (Escala PEF-A)

Situação 3 Quando vão dormir									
Conflito externo	Itens: 38/39 Autoritário	5 (25%)	6 (30%)	2 (10%)	5 (25%)	1 (5%)	1 (5%)	2,45	1,986
		7 (35%)	4 (20%)	3 (15%)	4 (20%)	2 (10%)	0 (0%)		
	Itens: 41/42 Equilibrado	0 (0%)	2 (0%)	0 (0%)	2 (10%)	10 (50%)	8 (40%)		
	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (10%)	8 (40%)	10 (50%)			
Itens: 37/40 Permissivo	3 (15%)	2 (10%)	4 (20%)	5 (25%)	5 (25%)	1 (5%)	3,80	2,142	
	3 (15%)	1 (5%)	5 (25%)	5 (25%)	4 (20%)	2 (10%)			
Conflito interno	Itens: 47/48 Autoritário	6 (30%)	4 (20%)	4 (20%)	5 (25%)	0 (0%)			1 (5%)
		5 (25%)	2 (10%)	5 (25%)	7 (35%)	1 (5%)	0 (0%)		
	Itens: 43/44 Equilibrado	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	6 (30%)	9 (45%)	5 (25%)	6,15	0,844
	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (10%)	8 (40%)	10 (50%)			
Itens: 45/46 Permissivo	13 (65%)	1 (5%)	2 (10%)	1 (5%)	3 (15%)	0 (0%)	1,45		
	12 (60%)	3 (15%)	1 (5%)	3 (15%)	1 (5%)	0 (0%)			
Transgressão de Regras	Itens: 49/52 Autoritário	10 (50%)	1 (5%)	5 (25%)	2 (10%)	1 (5%)		1 (5%)	1,85
		8 (40%)	6 (30%)	2 (10%)	4 (20%)	0 (0%)	0 (0%)		
	Itens: 53/54 Equilibrado	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	5 (25%)	8 (40%)	7 (35%)	6,12	
	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	4 (20%)	8 (40%)	7 (35%)			
Itens: 50/51 Permissivo	10 (50%)	2 (10%)	3 (15%)	3 (15%)	2 (10%)	0 (0%)	1,72		2,099
	12 (60%)	2 (10%)	2 (10%)	3 (15%)	1 (5%)	0 (0%)			

Na **S3.Quando vão dormir**, o estilo predominante nos três conflitos é o equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 6,50$; Conflito Interno $\bar{x} = 6,15$; Transgressão de regras $\bar{x} = 6,12$). Em seguida, no Conflito Interno e na Transgressão de regras, o estilo autoritário predomina sobre o estilo permissivo (Conflito Interno $\bar{x} = 2,52$ versus $\bar{x} = 1,45$; Transgressão de regras $\bar{x} = 1,85$ versus $\bar{x} = 1,72$), contrariamente ao que se verifica no Conflito Externo, em que o estilo permissivo predomina sobre o autoritário ($\bar{x} = 3,80$ versus $\bar{x} = 2,45$).

Tabela 75. Frequências, médias e desvio padrão das respostas da mães na Situação 4 (Escala PEF-A)

Situação 4 Quando contam ou mostram algo									
Conflito externo	Itens: 55/57 Autoritário	11 (55%)	0 (0%)	5 (25%)	2 (10%)	1 (5%)	1 (5%)	1,37	1,661
		17 (85%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)		
	Itens: 56/58 Equilibrado	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (15%)	11 (55%)	6 (30%)		
	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	5 (25%)	9 (45%)	6 (30%)			
Itens: 59/60 Permissivo	9 (45%)	4 (20%)	5 (25%)	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	1,64	1,496	
	7 (35%)	3 (15%)	8 (40%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)			
Conflito interno	Itens: 65/66 Autoritário	9 (45%)	3 (15%)	3 (15%)	4 (20%)	1 (5%)			0 (0%)
		9 (45%)	1 (5%)	4 (20%)	4 (20%)	1 (5%)	1 (5%)		
	Itens: 61/64 Equilibrado	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	6 (30%)	7 (35%)	7 (35%)	6,00	1,013
	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	6 (30%)	6 (30%)	7 (35%)			
Itens: 62/63 Permissivo	0 (0%)	4 (20%)	2 (10%)	5 (25%)	6 (30%)	3 (15%)	3,45		
	0 (0%)	12 (60%)	5 (25%)	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)			
Transgressão de Regras	Itens: 68/69 Autoritário	14 (70%)	2 (10%)	1 (5%)	3 (15%)	0 (0%)		0 (0%)	0,97
		14 (70%)	1 (5%)	3 (15%)	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)		
	Itens: 71/72 Equilibrado	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (10%)	8 (40%)	10 (50%)	6,65	
	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	2 (10%)	3 (15%)	14 (70%)			
Itens: 67/70 Permissivo	11 (55%)	4 (20%)	3 (15%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1,22		1,568
	14 (70%)	0 (0%)	3 (15%)	3 (15%)	0 (0%)	0 (0%)			

Na **S4.Quando contam ou mostram algo**, o estilo predominante nos três conflitos é o equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 6,17$; Conflito Interno $\bar{x} = 6,00$; Transgressão de regras $\bar{x} = 6,65$). Seguindo-se o estilo permissivo (Conflito Externo $\bar{x} = 1,64$; Conflito Interno $\bar{x} = 3,45$; Transgressão de regras $\bar{x} = 1,22$) e, por fim, o estilo autoritário (Conflito Externo $\bar{x} = 1,37$; Conflito Interno $\bar{x} = 2,00$; Transgressão de regras $\bar{x} = 0,97$)

Tabela 76. Frequências, médias e desvio padrão das respostas da mães na Situação 5 (Escala PEF-A)

Situação 5 Quando Brincam									
Conflito Externo	Itens: 75/76 Autoritário	18 (90%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	0,40	1,231
		16 (80%)	3 (15%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)		
	Itens: 73/7 Equilibrado	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	2 (10%)	9 (45%)	8 (40%)	6,05	1,223
		0 (0%)	0 (0%)	2 (10%)	5 (25%)	8 (40%)	5 (25%)		
	Itens: 74/78 Permissivo	5 (25%)	3 (15%)	2 (10%)	5 (25%)	2 (10%)	3 (15%)	3,40	2,505
		5 (25%)	1 (5%)	3 (15%)	7 (35%)	2 (10%)	2 (10%)		
Conflito interno	Itens: 80/81 Autoritário	10 (50%)	2 (10%)	4 (20%)	4 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	1,62	1,661
		9 (45%)	5 (25%)	2 (10%)	4 (20%)	0 (0%)	0 (0%)		
	Itens: 83/84 Equilibrado	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	3 (15%)	9 (45%)	0 (0%)	6,12	0,886
		0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	3 (15%)	10 (50%)	6 (30%)		
	Itens: 79/82 Permissivo	15 (75%)	1 (5%)	2 (10%)	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	1,02	1,464
		13 (65%)	1 (5%)	2 (10%)	2 (10%)	2 (10%)	0 (0%)		
Transgressão de Regras	Itens: 85/87 Autoritário	9 (45%)	6 (30%)	2 (10%)	3 (15%)	0 (0%)	0 (0%)	1,45	1,685
		12 (60%)	1 (5%)	3 (15%)	3 (15%)	1 (5%)	0 (0%)		
	Itens: 88/90 Equilibrado	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (15%)	8 (40%)	9 (45%)	6,40	0,954
		0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	4 (20%)	5 (25%)	10 (50%)		
	Itens: 86/89 Permissivo	12 (60%)	4 (20%)	2 (10%)	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	1,10	1,602
		13 (65%)	2 (10%)	2 (10%)	2 (10%)	1 (5%)	0 (0%)		

Na **S5.Quando brincam**, o estilo predominante nos três conflitos é o equilibrado (Conflito Externo $\bar{x} = 6,05$; Conflito Interno $\bar{x} = 6,12$; Transgressão de regras $\bar{x} = 6,40$). Seguindo-se o estilo autoritário como mais predominante que o estilo permissivo no Conflito Interno ($\bar{x} = 1,62$ versus $\bar{x} = 1,02$) e na Transgressão de regras ($\bar{x} = 1,45$ versus $\bar{x} = 1,10$). No Conflito Externo o estilo permissivo surge como mais predominante que o estilo autoritário ($\bar{x} = 3,40$ versus $\bar{x} = 0,40$).

As mães percebem-se como mais autoritárias na S3 no Conflito Externo ($\bar{x} = 2,52$) e como menos autoritárias na S1 na Transgressão de regras ($\bar{x} = 0,37$). As mães percebem-se como mais equilibradas na S4 na Transgressão de regras ($\bar{x} = 6,65$) e como menos equilibradas na S1 no Conflito Interno ($\bar{x} = 5,52$). Relativamente ao estilo permissivo, as mães percebem-se como mais permissivas na S1 no Conflito Interno ($\bar{x} = 3,95$) e como menos permissivas na S5 no Conflito Interno ($\bar{x} = 1,02$).

4.5.4. Análise comparativa entre a percepção das mães acompanhadas pela IP e mães não acompanhadas pela IP

Através de uma **análise comparativa** entre a média das respostas das **mães acompanhadas pela IP** (Grupo 1) em relação às médias das respostas das **mães não acompanhadas pela IP** (Grupo 2), podemos constatar:

Na **S1. Quando inicia algo novo**, o estilo predominante em ambos os grupos em relação aos três conflitos é o estilo equilibrado (Grupo 1: $\bar{x} = 6,37$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 5,52$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 6,30$ - Transgressão de regras; Grupo 2: $\bar{x} = 5,68$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 5,32$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 5,72$ - Transgressão de regras), seguindo-se o estilo permissivo (Grupo 1: $\bar{x} = 3,27$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 3,95$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 1,75$ - Transgressão de regras; Grupo 2: $\bar{x} = 3,13$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 4,01$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 1,29$ - Transgressão de regras) e, por fim, o estilo autoritário (Grupo 1: $\bar{x} = 0,62$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 0,70$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 0,37$ - Transgressão de regras; Grupo 2: $\bar{x} = 1,09$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 1,03$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 0,84$ - Transgressão de regras).

Na **S2. Quebra nas rotinas**, o estilo predominante em ambos os grupos em relação aos três conflitos é o estilo equilibrado (Grupo 1: $\bar{x} = 5,77$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 5,87$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 6,02$ - Transgressão de regras; Grupo 2: $\bar{x} = 4,93$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 5,40$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 5,42$ - Transgressão de regras), seguindo-se o estilo permissivo (Grupo 1: $\bar{x} = 2,75$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 2,57$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 2,17$ - Transgressão de regras; Grupo 2: $\bar{x} = 3,54$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 3,46$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 2,43$ - Transgressão de regras) e, por fim, o estilo autoritário (Grupo 1: $\bar{x} = 2,25$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 0,62$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 1,32$ - Transgressão de regras; Grupo 2: $\bar{x} = 2,41$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 0,55$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 1,03$ - Transgressão de regras).

Na **S3. Quando vão dormir**, o estilo predominante em ambos os grupos em relação aos três conflitos é o estilo equilibrado (Grupo 1: $\bar{x} = 6,50$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 6,15$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 6,12$ - Transgressão de regras; Grupo 2: $\bar{x} = 5,70$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 5,33$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 5,64$ - Transgressão de regras). Em relação). No Conflito Externo, em ambos os grupos, existe um predomínio do estilo permissivo sobre o autoritário (Grupo 1: $\bar{x} = 3,80$ versus $\bar{x} = 2,45$; Grupo 2: $\bar{x} = 4,06$ versus $\bar{x} = 2,26$). No Conflito Interno e na Transgressão, em ambos os grupos, existe um predomínio do estilo autoritário sobre o permissivo (Grupo 1: $\bar{x} = 2,52$ versus $\bar{x} = 1,45$; Grupo 2: $\bar{x} = 2,51$ versus $\bar{x} = 2,27$). Em relação à Transgressão de regras, as mães

acompanhadas pela IP percebem-se como mais autoritárias do que permissivas (Grupo 1: $\bar{x} = 1,85$ versus $\bar{x} = 1,72$) e as mães não acompanhadas pela IP percebem-se como mais permissivas do que autoritárias (Grupo 2: $\bar{x} = 1,70$ versus $\bar{x} = 1,26$).

Na **S4. Quando contam ou mostram algo**, o estilo predominante em ambos os grupos nos três conflitos é o equilibrado (Grupo 1: $\bar{x} = 6,17$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 6,00$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 6,65$ - Transgressão de regras; Grupo 2: $\bar{x} = 5,94$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 5,76$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 5,72$ - Transgressão de regras), seguindo-se, tanto nas mães acompanhadas pela IP como nas não acompanhadas pela IP, o estilo permissivo como o mais predominante no Conflito Interno e na Transgressão de regras (Grupo 1: $\bar{x} = 3,45$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 1,22$ - Transgressão de regras; Grupo 2: $\bar{x} = 4,12$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 2,14$ - Transgressão de regras). No Conflito Externo, as mães acompanhadas pela IP percebem-se como mais permissivas do que autoritárias ($\bar{x} = 1,64$ versus $\bar{x} = 1,37$), enquanto as mães não acompanhadas se percebem como mais autoritárias do que permissivas ($\bar{x} = 2,52$ versus $\bar{x} = 1,88$).

Na **S5. Quando brincam**, o estilo predominante em ambos os grupos é o estilo equilibrado (Grupo 1: $\bar{x} = 6,05$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 6,12$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 6,40$ - Transgressão de regras; Grupo 2: $\bar{x} = 5,25$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 5,51$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 5,73$ - Transgressão de regras). Seguindo-se em ambos os grupos, o estilo autoritário como predominante ao permissivo no Conflito Interno (Grupo 1: $\bar{x} = 1,62$ versus $\bar{x} = 1,02$; Grupo 2: $\bar{x} = 1,23$ versus $\bar{x} = 1,03$) e na Transgressão de regras (Grupo 1: $\bar{x} = 1,45$ versus $\bar{x} = 1,10$; Grupo 2: $\bar{x} = 1,75$ versus $\bar{x} = 1,49$). Por fim, em ambos os grupos, no Conflito Externo, o estilo permissivo sobrepõe-se ao estilo autoritário (Grupo 1: $\bar{x} = 3,40$ versus $\bar{x} = 0,40$; Grupo 2: $\bar{x} = 3,00$ versus $\bar{x} = 0,53$).

De forma geral, não existem diferenças entre a percepção das práticas educativas entre mães acompanhadas pela IP e as mães não acompanhadas, excepto na S3 na Transgressão de regras, em que as mães acompanhadas pela IP se percebem como mais autoritárias que as não acompanhadas, e na S4 no Conflito Externo em que as mães acompanhadas pela IP se percebem como mais permissivas do que as mães não acompanhadas.

Em segundo lugar, procedeu-se a uma análise descritiva simples das escalas segundo os estilos. No **Tabela 77** indicam-se os valores (mínimos, máximos, médios e respectivos desvio-padrão) dos estilos obtidos pelas mães acompanhadas pela Intervenção Precoce. Os valores médios em cada estilo são ainda comparados com os

valores obtidos pelas mães não acompanhadas pela Intervenção Precoce Encontrámos diferenças estatisticamente significativas no estilo Equilibrado, obtendo as mães acompanhadas pela Intervenção Precoce valores superiores ao das mães não acompanhadas ($\bar{x} = 122,15$ versus $\bar{x} = 109,68$).

Tabela 77. Descritivas sobre os estilos educativos das mães na percepção dos adultos/mães acompanhados pela IP (PEF-A)

Percepção dos Adultos/Mães IP (PEF-A)	N	Mínimo	Máximo	Desvio-padrão	Média Mães IP	Média Mães sem IP	Sig.
Estilo Autoritário	20	0	71	20,191	26,90	29,62	0,554
Estilo Equilibrado	20	90	138	11,984	122,15	109,68	0,000**
Estilo Permissivo	20	0	89	26,687	46,00	53,46	0,226

4.5.5. Análise comparativa entre a percepção das crianças/filhos e adultos/mães acompanhados pela Intervenção Precoce

Através da **comparação da percepção dos filhos** por situações e da **percepção das mães** por situações podemos verificar:

Na **S1.Quando inicia algo novo**, os filhos percebem as mães como maioritariamente equilibradas nos três conflitos (p.70% - Conflito Externo, p.45% - Conflito Interno, p. 70% - Transgressão de regras), o que vai de encontro à percepção das mães, que se percebem tendencialmente como equilibradas nos três conflitos ($\bar{x} = 6,37$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 5,52$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 6,30$ - Transgressão de regras). Seguidamente, os filhos percebem as mães como mais permissivas do que autoritárias no Conflito Externo (p.25% versus 5%) e no Conflito Interno (p.30% versus 25%), o que vai de encontro à percepção da mãe, que também se percebe como mais permissiva do que autoritária no Conflito Externo ($\bar{x} = 3,27$ versus $\bar{x} = 0,62$) e no Conflito Interno ($\bar{x} = 3,95$ versus $\bar{x} = 0,70$). Em relação à Transgressão de regras os filhos percebem o mesmo nível de permissividade e de autoridade nas mães (p.15% = p.15%), o que não vai de encontro à percepção das mães, que se percebem mais permissivas do que autoritárias ($\bar{x} = 1,75$ versus $\bar{x} = 0,37$).

Na **S2.Quebra nas rotinas**, existe uma total correspondência entre a percepção dos filhos e a percepção das mães. Os filhos percebem as mães como

tendencialmente equilibradas (p.75% - Conflito Externo, p.80% - Conflito Interno, p.90% - Transgressão de regras), o que vai de encontro à percepção das mães, que também se percebem tendencialmente como equilibradas ($\bar{x} = 5,77$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 5,87$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 6,02$ - Transgressão de regras). Em seguida, os filhos percebem as mães como mais permissivas do que autoritárias (p.15% versus p.10% - Conflito Externo, p.15% versus p.5% - Conflito Interno, p.10% versus 0%), o que vai de encontro à percepção das mães, que se percebem como mais permissivas do que autoritárias ($\bar{x} = 2,75$ versus $\bar{x} = 2,25$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 2,57$ versus $\bar{x} = 0,62$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 2,17$ versus $\bar{x} = 1,32$ - Transgressão de regras).

Na **S3. Quando vão dormir**, existe uma total correspondência entre a percepção dos filhos e a percepção das mães. Os filhos percebem as mães como tendencialmente equilibradas (p.75% - Conflito Externo, p.80% - Conflito Interno, p.60% - Transgressão de regras), o que vai de encontro ao se ter verificado que as mães se percebem maioritariamente como equilibradas ($\bar{x} = 6,50$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 6,15$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 6,12$ - Transgressão de regras). Em seguida, os filhos percebem as mães como mais permissivas do que autoritárias nos três conflitos (p.25% versus p. 0% - Conflito Externo, p. 20% versus p. 0% - Conflito Interno, p.25% versus 15% - Transgressão de regras), o que vai de encontro à percepção das mães no Conflito Externo, em que se percebem mais permissivas do que autoritárias ($\bar{x} = 3,80$ versus $\bar{x} = 2,45$), mas não vai ao encontro do que se verificou na percepção das mães em relação ao Conflito Interno e Transgressão de regras, em que as mães se percebem como mais autoritárias do que permissivas ($\bar{x} = 2,52$ versus $\bar{x} = 1,45$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 1,85$ versus $\bar{x} = 1,72$ - Transgressão de regras).

Na **S4. Quando contam ou mostram algo**, na percepção dos filhos o estilo predominante nos três conflitos é o equilibrado (p. p.85% - Conflito Externo, p. p.65% - Conflito Interno, p. p.90% - Transgressão de Regras), o que vai de encontro à percepção das mães que, também, nos três conflitos se percebem como maioritariamente equilibradas ($\bar{x} = 6,17$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 6,00$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 6,65$ - Transgressão de regras). Seguindo-se a percepção dos filhos de que as mães são mais permissivas do que autoritárias no Conflito Externo e no Conflito Interno (p.10% versus p.5%, 25% versus p.10%), o que vai de encontro à percepção das mães, que se percebem como mais permissivas do que autoritárias no Conflito Interno e no Conflito Externo ($\bar{x} = 1,64$ versus $\bar{x} = 1,37$, $\bar{x} = 3,45$ versus $\bar{x} = 2,00$). Em relação à Transgressão de regras, os filhos percebem ao mesmo nível o estilo

permissivo e autoritário das mães (p.5% = p.5%), o que não vai de encontro à percepção das mães, que se percebem como mais permissivas do que autoritárias ($\bar{x} = 1,22$ versus $\bar{x} = 0,97$).

Na **S5. Quando brincam**, na percepção dos filhos verificou-se uma predominância do estilo equilibrado nos três conflitos (p.90% - Conflito Externo, p.80% - Conflito Interno, p.75% - Transgressão de Regras), o que vai de encontro ao que se verificou nas respostas das mães, de que o estilo equilibrado é mais predominante ($\bar{x} = 6,05$ - Conflito Externo, $\bar{x} = 6,12$ - Conflito Interno, $\bar{x} = 6,40$ - Transgressão de regras). No Conflito Externo os filhos percebem as mães com os mesmos níveis de autoritarismo e permissividade (p.5% = p.5%), o que não vai de encontro à percepção das mães, que se percebem como mais permissivas do que autoritárias ($\bar{x} = 3,40$ versus $\bar{x} = 0,40$). No Conflito Interno os filhos percebem as mães como mais permissivas do que autoritárias (p.15% versus p.5%), o que vai de encontro à percepção das mães, que se percebem mais permissivas do que autoritárias ($\bar{x} = 3,40$ versus $\bar{x} = 0,40$). Na Transgressão de regras, os filhos percebem as mães como mais permissivas do que autoritárias (p.25% versus p.0%), o que não vai de encontro à percepção das mães de que se percebem como mais autoritárias do que permissivas ($\bar{x} = 1,45$ versus $\bar{x} = 1,10$).

De forma geral, existe correspondência entre a percepção dos filhos acompanhados pela Intervenção Precoce sobre as práticas educativas utilizadas pelas mães e a percepção das mães acompanhadas pela Intervenção Precoce sobre as práticas educativas que utilizam.

5. Discussão dos resultados

Tendo em conta os resultados apresentados no capítulo anterior, é possível responder às questões anteriormente colocadas.

A presente investigação tinha como primeiro e principal objectivo a apresentação dos estudos psicométricos da versão portuguesa da PEF, nas escalas PEF-A para adultos/pais e PEF-H para crianças/filhos, com esse objectivo replicaram-se os mesmos procedimentos estatísticos de fiabilidade e validade factorial realizados pelos autores na sua versão original.

Assim, numa primeira parte deste estudo foi realizada uma análise da fiabilidade das Escalas PEF-H e PEF-A e os níveis de consistência interna foram avaliados através do *alfa de cronbach*. Na Escala PEF-H, o nível de consistência interna foi avaliado de forma global e é ligeiramente superior ao encontrado na versão original. Foi, também, avaliado o *alfa de cronbach* segundo os estilos e são superiores aos encontrados na versão original. Na Escala PEF-A, os níveis de consistência interna, foram, primeiramente, avaliados de forma global para a forma pais e para a forma mães e são semelhantes aos encontrados pelos autores, foi ainda calculado o *alfa de cronbach* em cada situação (*S1.Quando inicia algo novo; S2.Quebra nas rotinas; S3.Quando vão dormir; S4.Quando contam ou mostram algo; S5.Quando brincam*) e verificou-se que são ligeiramente inferiores aos obtidos na versão original, mas aceitáveis. Foi, ainda calculado o *alfa de cronbach* segundo os estilos na forma dos pais e na forma das mães e são semelhantes aos dos autores. Por fim, foi calculado o *alfa de cronbach* global dos estilos e são superiores aos obtidos na versão original.

Numa segunda parte foi realizada uma análise da validade das escalas PEF-H e PEF-A, com os mesmos procedimentos estatísticos utilizados pelos autores na versão original.

Na Escala PEF-H, utilizou-se uma análise de homogeneidade e foram obtidos níveis de variância aceitáveis na forma pais e na forma mães e verificou-se que cada uma das dimensões definidas reportou para um tipo de estilo (Estilo Autoritário, Estilo Permissivo e Estilo Equilibrado). A análise dos pesos próprios das questões com as dimensões não revelou uma configuração de acordo com o padrão encontrado pelos autores, no entanto, não nos é possível efectuar uma comparação fundamentada entre os resultados da versão portuguesa e da versão original da Escala PEF-H, pois os dados da versão original relativos à análise de homogeneidade não nos são indicados

de forma concreta. Contudo, os resultados por nós encontrados vão ao encontro dos pressupostos teóricos, sendo as três dimensões da versão portuguesa da PEF-H: Estilo autoritário, Estilo Permissivo e Estilo Equilibrado.

Na Escala PEF-A foi realizada uma análise factorial de componentes principais, tal como na versão original e os resultados indicam que a estrutura factorial da versão portuguesa replica a estrutura factorial da versão original e vão ao encontro dos pressupostos teóricos, sendo os três factores da versão portuguesa: Estilo autoritário, Estilo equilibrado e Estilo permissivo.

Alonso e Román (2003) descrevem os três estilos educativos pelos quais as Escalas PEF se articulam como: o Estilo Autoritário é quando se actua com inflexibilidade, primando o cumprimento de normas e sem a sensibilidade ou empatia suficiente para se adaptar às características individuais do destinatário ou do contexto; o Estilo Equilibrado é o reflexo de flexibilidade e empatia, ao mesmo tempo que mantém consistência no cumprimento de normas de forma «equilibrada»; e o Estilo Permissivo, tem como característica um excesso de flexibilidade no cumprimento de normas, que exige menos do adulto ao deixar fazer em vez de ensinar.

Em síntese, relativamente à avaliação da qualidade psicométrica da versão portuguesa das Escalas PEF verificou-se que estas apresentam qualidades psicométricas adequadas, tanto na versão para crianças/filhos PEF-H como na versão para adultos/pais PEF-A, no entanto, tendo em conta que é um estudo exploratório, o tamanho da amostra e a não total replicação dos mesmos procedimentos que os autores utilizaram, não se tendo incluído o terceiro nível de análise das práticas educativas parentais¹¹, que de acordo com Alonso e Román (2003) permite reduzir ao máximo as falhas e fontes de erro nas respostas, tais como engano consciente, desejabilidade social e estilo de tendência, não nos permitem indicar que as Escalas PEF possam ser utilizadas com adultos e crianças portuguesas. Contudo, tendo em conta os bons resultados encontrados e a pertinência deste instrumento, sugere-se que devem ser realizados mais estudos que aprofundem o conhecimento sobre as qualidades psicométricas das Escalas PEF, com o objectivo de que possam vir a ser utilizadas **(Q.I. 1)**.

¹¹ O pai preencher uma escala PEF-A sobre como acha que a mãe actuará e a mãe preencher uma escala PEF-A sobre como acha que o pai actuará.

Relativamente à **2ª Q.I.**, em que se pretendia verificar se existem diferenças entre os estilos educativos das mães e os estilos educativos dos pais, na percepção dos próprios e na percepção dos seus filhos/filhas.

Verificou-se que na percepção dos filhos/filhas, de forma significativa, os pais são percebidos como mais autoritários do que as mães e as mães são percebidas como mais equilibradas do que os pais. Em relação ao primeiro resultado (pais percebidos como mais autoritários do que as mães) não foram encontrados estudos que o suportem, pois a maior parte das investigações direccionadas para o estudo da percepção dos estilos educativos parentais na perspectiva dos filhos/filhas, focam-se nas diferenças do género dos filhos na percepção dos estilos educativos dos pais e não na percepção das crianças/filhos de forma global. Em relação ao segundo resultado (mães percebidas como mais equilibradas do que os pais), este resultado vai ao encontro dos resultados encontrados por alguns autores (Silveira, Pacheco, Cruz & Schneider, 2005) que indicam que a presença da mãe é mais fortemente sentida no que diz respeito ao envolvimento com os filhos/filhas e é percebida por eles/elas como mais responsiva do que a presença do pai. Na análise descritiva efectuada por situações, estas diferenças foram exploradas de forma mais refinada e constatou-se que, de forma geral, em todas as situações (*S1. Quando inicia algo novo; S2 Quebra nas rotinas; S3 Quando vão dormir; S4 Quando contam ou mostram algo; S5 Quando brincam*) as crianças percebem as suas mães como mais equilibradas e os seus pais como mais autoritários.

Na percepção dos pais e mães, verificou-se que os pais, de forma significativa, se percebem como mais autoritários do que as mães, este resultado vai ao encontro da percepção dos filhos/filhas anteriormente analisada, mas não vai de encontro do estudo português de Esteves (2010) com pais e mães, que concluiu que as mães se percebem como mais autoritárias do que os pais. No entanto, vai ao encontro dos resultados encontrados nos estudos de Conrade e Ho (2001), Grigorenko e Sternberg (2000) e McKinney & Renk (2008) que referem que as práticas educativas dos pais tendem para um estilo mais autoritário. Na análise descritiva efectuada por situações em relação à percepção dos pais e mães verificou-se, de forma geral, que os pais se percebem como mais autoritários do que as mães em todas as situações (*S1. Quando inicia algo novo; S2 Quebra nas rotinas; S3 Quando vão dormir; S4 Quando contam ou mostram algo; S5 Quando brincam*).

Na **3ª Q.I.** pretendia-se verificar se existia relação entre os estilos educativos percebidos pelos pais e os estilos educativos percebidos pelas mães, tal como os estilos percebidos pelos seus filhos/filhas como utilizados por eles.

Na percepção dos filhos/filhas verificou-se que quando estes percebem os seus pais como equilibrados também têm tendência a perceber as suas mães como equilibradas, tal como quando percebem os seus pais como permissivos, têm tendência a perceber as suas mães, também, como permissivas. No entanto, em relação ao estilo autoritário, na percepção dos filhos/filhas o facto de um dos progenitores adoptar este estilo não é partilhado pelo outro progenitor.

Na percepção dos pais e mães verificou-se que quando os pais se percebem como mais autoritários as mães também se percebem como mais autoritárias, que quando os pais se percebem como mais equilibrados, as mães também se percebem como mais equilibradas e que quando os pais se percebem como mais permissivos, as mães também se percebem como mais permissivas, ou seja, estes resultados indicam que existe uma partilha dos mesmos estilos educativos pelo casal. Estes resultados vão, parcialmente, de encontro ao estudo português de Gomes (2010) que constatou que pais e mães equilibrados parecem procurar companheiros/as igualmente equilibrados/as, manifestando uma maior concordância inter-parental. Tendo-se verificado, igualmente, que pais permissivos têm também conjugues (mães) permissivas. Contrariamente, Gomes (2010) constatou que entre pais e mães autoritários, nem sempre existe uma correspondência entre os estilos dos pais e mães, depreendendo-se que a utilização de um estilo educativo autoritário por um dos pais não é tendencialmente partilhada pelo seu conjugue, o que não se verificou na presente investigação, pois existe concordância inter-parental em relação aos três estilos educativos.

Em relação à **4ª Q.I.** pretendia-se verificar se existe relação entre os estilos educativos que pais e mães percebem que utilizam e os estilos educativos que os seus filhos/filhas percebem eles/elas utilizam. Constatou-se que em relação aos pais existe relação entre a percepção do pai sobre o estilo autoritário e a percepção do filho sobre o estilo autoritário do pai, tal como se verificou que existe relação entre a percepção do pai sobre o estilo permissivo e a percepção do filho sobre o estilo permissivo do pai, ou seja, quando os filhos/filhas percebem os seus pais como autoritários e permissivos, estes também se percebem como autoritários e permissivos. No entanto, em relação às mães, não se verificou relação entre a

percepção das mães e a percepção dos filhos/filhas. O facto de não existir relação entre a percepção das mães sobre o estilo educativo utilizado e a percepção dos filhos/filhas sobre o estilo educativo da mãe, pode ser o resultado de uma falta de veracidade das mães ou de uma falta de veracidade dos filhos/filhas, no entanto, como se verificou relação entre a percepção dos pais e a percepção dos filhos/filhas sobre o estilo autoritário e permissivo, tendemos a considerar primeira opção como mais válida.

Na **5 Q.I.** pretendia-se verificar a relação de variáveis sócio-demográficas dos adultos/pais e variáveis sócio-demográficas das crianças/filhos nos estilos educativos percebidos:

Em relação ao contexto cultural, em que se pretendia verificar se filhos/filhas e seus respectivos pais e mães portugueses (da versão portuguesa da PEF) e filhos/filhas e seus respectivos pais e mães espanhóis (da versão original espanhola da PEF) têm a mesma percepção sobre os estilos educativos. Constatou-se que relativamente às crianças/filhos não existem diferenças entre a percepção das crianças portuguesas e a percepção das crianças espanholas, o que nos permite concluir, tendo em conta a nossa amostra, que as crianças portuguesas e as crianças espanholas percebem estilos educativos semelhantes em relação aos seus pais e às suas mães. No entanto, contrariamente à PEF-A, em que a comparação efectuada entre adultos/pais portugueses e adultos/pais espanhóis foi efectuada através das médias dos estilos (Estilo Autoritário, Estilo Equilibrado e Estilo Permissivo), na PEF-H, a comparação foi efectuada através da média global, porque as médias dos estilos da percepção das crianças não nos são indicadas pelos autores, neste sentido, não nos foi possível efectuar uma análise mais refinada sobre a percepção das crianças portuguesas e espanholas. Em relação aos pais e mães, constatou-se que os pais portugueses se percebem de forma bastante semelhante aos pais espanhóis. No entanto, na nossa amostra, as mães portuguesas percebem-se, comparativamente às mães espanholas, como menos autoritárias e menos permissivas. Não foram encontrados estudos que sustentem estas semelhanças entre pais portugueses e espanhóis e diferenças entre mães portuguesas e espanholas. No entanto, podemos colocar a hipótese de que a proximidade geográfica entre estes dois países pode justificar as altas semelhanças entre os pais portugueses e espanhóis. Relativamente à diferença entre as mães portuguesas e espanholas e tendo em conta

os resultados anteriormente analisados em relação às mães, podemos colocar a hipótese, das mães da nossa amostra terem fornecido mais respostas que vão ao encontro de um padrão tradicional desejável, pautado por baixos níveis de autoritarismo e permissividade e altos níveis de compreensão e ajuda, característicos do estilo equilibrado.

Na análise da relação do género das crianças/filhos e a percepção que os filhos/filhas e adultos/pais têm sobre os estilos educativos. Verificou-se que o género dos filhos não influencia a sua percepção sobre os estilos educativos dos pais e mães, o que não vai de encontro ao estudo português de Canavarro e Pereira (2007) que concluiu que as crianças do sexo feminino percebem significativamente mais suporte emocional da mãe comparativamente às crianças do sexo masculino. Também não vai ao encontro do estudo de Conrade e Ho (2001) que refere que os filhos percebem os pais como autoritários e as mães como permissivas, enquanto as filhas percebem as mães como mais equilibradas. Verificou-se, também, que o género dos filhos/filhas não influencia a percepção que os pais e mães têm sobre os estilos educativos que utilizam, concluindo-se que o género dos filhos não é uma variável forte na determinação do estilo educativo utilizado.

Em relação às habilitações académicas, constatou-se que os pais com habilitações ao nível do ensino secundário e do ensino superior possuem um estilo educativo mais equilibrado, comparativamente, aos pais do 2º ciclo. Nas mães verificou-se que as mães com habilitações ao nível do ensino superior se percebem como mais equilibradas do que as mães com habilitações ao nível do 2º e 3º ciclo e do ensino secundário e que as mães com habilitações ao nível do 2º e 3º ciclo se percebem como mais permissivas do que as mães com habilitações ao nível do ensino superior. Perante estes resultados, podemos concluir que as habilitações académicas dos pais e das mães influenciam a percepção do estilo educativo utilizado, verificando-se que o nível de escolaridade mais elevado dos pais e mães é assumido como um indicador forte de um estilo educativo equilibrado. Os nossos resultados vão ao encontro do estudo de Modecki e Wilson (2009) no qual se verificou que altos níveis de habilitações académicas estão associados com altos níveis de responsividade e baixos níveis de práticas coercitivas. Podemos colocar a hipótese de que os pais e mães com maiores habilitações académicas têm um maior

conhecimento sobre as práticas educativas mais correctas e, neste sentido, têm uma maior tendência a referir que as utilizam.

No que se refere à análise do estado civil na percepção dos pais e mães sobre os estilos educativos utilizados, verificou-se que as mães em união de facto se percebem como mais autoritárias. Não foram encontrados estudos que suportem este resultados, no entanto, num estudo efectuado por Grigorenko e Sternberg (2000) conclui-se exactamente o contrário, ou seja, de acordo com este estudo os pais que vivem em união de facto não são tão supervisores dos filhos como os pais casados e, por isso, são menos autoritários, apresentando um estilo mais permissivo e negligente.

Em relação ao ano de escolaridade dos filhos (pré-escolar ou 1º ano de escolaridade), não se verificaram diferenças entre a percepção dos pais e mães sobre os estilos educativos utilizados, no entanto, as crianças do pré-escolar percebem as suas mães como mais equilibradas do que as crianças do 1º ano de escolaridade. Não existem estudos que suportem este resultado e tendo em conta que esta percepção acontece apenas na perspectiva das crianças podem existir várias explicações, uma delas de que as crianças do 1º ano tenham uma diferente compreensão dos itens relativos ao estilo equilibrado.

No que se refere à existência ou não de irmãos (percepção das crianças/filhos) e à existência de filho único ou mais do que um filho (percepção dos adultos/pais), não foram encontradas diferenças entre a percepção das crianças consoante a existência ou não de irmãos e, também, não foram encontradas diferenças entre a percepção dos pais e mães consoante a existência de mais do que um filho. Concluindo-se, que o número de irmãos e de filhos não influencia a percepção do estilo educativo na perspectiva dos adultos/pais e das crianças/filhos.

Em relação à **6ª Q.I.** pretendia-se, primeiramente, verificar se existiam diferenças entre a percepção de filhos/filhas acompanhados pela Intervenção Precoce e a percepção de filhos/filhas não acompanhados pela Intervenção Precoce em relação às práticas educativas utilizadas pelas suas mães. Não se verificaram diferenças significativas na percepção das crianças/filhos. Em segundo lugar, pretendia-se verificar se existem diferenças entre a percepção de mães acompanhadas pela Intervenção Precoce e a percepção de mães não acompanhadas pela Intervenção

Precoce em relação às práticas educativas que utilizam. Verificou-se que as mães acompanhadas pela Intervenção Precoce se percebem como mais equilibradas do que as mães não acompanhadas pela Intervenção Precoce. Consideramos, que o facto de este resultado não ser partilhado pelos seus filhos/filhas reduz a sua consistência. No entanto, este resultado pode ser considerado como expectável, tendo em conta que as equipas de Intervenção Precoce têm como um dos seus focos de acção as competências parentais, logo espera-se que as mães refiram a utilização de práticas educativas mais equilibradas. No entanto, este resultado poderá ser uma consequência da não existência de critérios de selecção da amostra da Intervenção Precoce, tendo a escolha das famílias para integrar o estudo ficado ao critério das equipas, o que poderá ter feito com que as mesmas tenham seleccionado famílias mais receptivas a colaborar no nosso estudo, que simultaneamente poderão ser as que utilizam práticas educativas mais equilibradas.

A presente investigação encontrou respostas para todas as questões a que se propôs e lança as bases para futuras investigações sobre as *Escala de Identificação PEF*, tendo-se verificado a sua adaptabilidade na versão portuguesa.

III - CONCLUSÕES

Iniciámos esta investigação com a noção de que o estudo das práticas educativas parentais numa perspectiva bidireccional é o caminho mais válido e abrangente para o estudo das interacções pais-filhos, e terminamos esta investigação com a certeza de que o estudo bidireccional das práticas educativas, ainda que mais complexo, nos permite compreender de forma mais clara e exacta sobre como se processam as interacções pais-filhos, residindo na análise desta interacção as linhas de intervenção sobre as quais os técnicos que trabalham com famílias se devem fundamentar. Estamos assim numa perspectiva de avaliação que abandona um modelo focado exclusivamente sobre a criança ou sobre os pais e adopta uma perspectiva alargada de avaliação e intervenção.

Importa, assim, apontar como uma força da presente investigação, o facto de se terem estudado as percepções de pais/mães e dos seus respectivos filhos/filhas, espelhando uma imagem mais complexa e holística dos estilos parentais, em que se procurou observar e compreender se existe concordância entre a percepção dos pais e a percepção das mães e entre a percepção dos pais/mães e a percepção dos filhos/filhas. Tal como o terem sido estudadas diversas variáveis sócio-demográficas e o ter sido incluída uma amostra da Intervenção Precoce, com o objectivo de se estudar a influência de outros factores sobre as práticas educativas parentais.

A presente investigação possui, no entanto, algumas limitações, em primeiro lugar o tamanho das amostras. Em relação à amostra recolhida junto de jardins-de-infância e pré-escolares o facto de serem necessárias quatro Escalas PEF por família (2 PEF-A relativas aos adultos/pais e 2 PEF-H relativas às crianças/filhos) reduziu o número de participantes, pois a maior parte dos protocolos de adultos/pais solteiros e divorciados não foram devolvidos ou foram devolvidos sem o do outro progenitor, o que impossibilitou a sua inclusão na investigação e fez com que a amostra se tornasse homogénea (constituída por adultos/pais casados ou em união de facto) e pequena para um estudo com os nossos objectivos. Em relação à amostra recolhida junto de equipas de Intervenção Precoce foi bastante difícil consegui-la em consequência dos poucos casos concedidas por cada equipa e apenas foi possível incluir os protocolos das mães e dos filhos, pois os protocolos dos pais recolhidos não foram em número suficiente para que pudessem ser considerados significativos para a presente investigação. Podemos também analisar como limitação, o facto de as Escalas PEF-A e PEF-H serem muito extensas (90 itens na versão adultos/pais e 45 itens na versão

crianças/filhos) e de alguns dos seus itens (especialmente os relacionados com o estilo autoritário) terem um carácter muito extremista (por ex. item 18 “*Deve ter regras mínimas à mesa. Se fosse necessário não deixava que comesse até que soubesse fazê-lo correctamente*”).

Apesar das limitações, consideramos que as *Escalas PEF* se fundamentam sobre um modelo actual e poderão ser de grande utilidade para quem pretenda realizar estudos sobre a família e sobre as suas redes de interacção, assim como para os técnicos que necessitem de realizar diagnósticos de situações familiares concretas e, fundamentalmente, para a planificação e desenvolvimento de programas de intervenção familiar.

Como sugestões para futuros estudos propomos, tendo em conta que se verificou a adaptabilidade da versão portuguesa das *Escalas PEF*, a continuação de estudos sobre a qualidade psicométrica das escalas com amostras mais representativas e que incluam o terceiro nível de análise utilizado pelos autores. Consideramos que as *Escalas de Identificação PEF* são um instrumento que pode ser útil aos pais, mas especialmente útil aos técnicos de diversas áreas que trabalham na área da intervenção familiar. Estas escalas permitem ter acesso a exemplos de práticas educativas concretas, e podem ser um instrumento de auxílio para uma intervenção em que se vise prevenir, avaliar, orientar e habilitar a família com conhecimentos específicos e competências que lhes permitam potenciar o desenvolvimento dos seus filhos. Neste sentido, consideramos pertinente a continuação do seu estudo e adaptação ao nosso contexto.

Sugerimos, também, tendo em conta que se verificaram diferenças nos estilos educativos em função das habilitações académicas e da origem cultural, o desenvolvimento de investigações em contextos sócio-económicos e culturais diferentes, que poderão fazer emergir diferenças nos padrões educativos. Propomos, ainda, a continuação do estudo das práticas educativas no âmbito da Intervenção Precoce, mas tendo controlados os factores de risco de cada família (factores biológicos, familiares e ambientais), verificando a eventual influência de diferentes factores de risco sobre a parentalidade.

Em suma, tendo em conta o grande número de investigações que indicam a influência das práticas educativas parentais sobre o desenvolvimento infantil global, consideramos que o estudo científico das práticas educativas parentais poderá ter uma forte pertinência social e deve continuar a ser um tema em foco, podendo,

inclusivamente, constituir-se como o caminho mais fácil e curto para a prevenção de problemas e distúrbios comportamentais, psicológicos e cognitivos.

Referências bibliográficas:

- Aboim, S. (2006). *Conjugalidades em mudança. Percursos, orientações e dinâmicas da vida a dois*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Almeida, I. C. (2004). Intervenção precoce: Focada na criança ou centrada na família e na comunidade? *Análise Psicológica*, 1 (22), 65-72.
- Alonso, J. G. & Román, J. M. S. (2003). *Escalas de Identificación de «Prácticas Educativas Familiares»*. Madrid: Editorial Cepe.
- Alonso, J. G. & Román, J. M. S. (2005). Prácticas educativas familiares y autoestima. *Psicothema*, 17 (1), 76-82.
- Alonso, P. S. (2005). *Discrepancia entre padres e hijos en la percepción del funcionamiento familiar y desarrollo de la autonomía adolescente*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Valência, Espanha.
- Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. In H. J. Guilhardi (Org.), *Sobre comportamento e cognição*, (Vol. 8, pp. 54-60). Porto Alegre: ESETec Editores Associados.
- Alvarenga, P. & Piccinini, C. A. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (3), 449-460.
- Álvarez, M. M. G. (2010). Prácticas educativas parentales: autoridad familiar, incidencia en el comportamiento agresivo infantil. *Revista Virtual Universidad Católica del Norte*, 3, 253-273.
- Apolónio, A. M. & Franco, V. (2008). *Organização Diagnóstica em Intervenção Precoce* (versão portuguesa). Coleção de Textos Científicos e Didáticos, Universidade de Évora, Évora. (versão original publicada em 2004).

- Aunola, K., Stattin, H. & Nurmi, J.E. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence*, 23, 205-222.
- Bem, L. A. & Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível sócioeconômico. *Psicologia em Estudo*, 11 (1), 63-71.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Society for Research in Child Development*, 55, 83-96.
- Benetti, S. P. C. & Balbinotti, M. A. A. (2003). Elaboração e estudo de propriedades psicométricas do Inventário de Práticas Parentais. *Psico-USF*, 8 (2), 103-113.
- Bersabé, R., Jesús, M. J. F. & Motrico, E. (2001). Análisis psicométrico de dos escalas para evaluar estilos educativos parentales. *Psicothema*, 13 (4), 678-684.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2001). Crianças e Adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. In. Z. M. M. Biasoli-Alves e R. Fischmann (Org.), *Adolescentes: Construindo uma cultura de tolerância*, (pp. 79-93). São Paulo, EDUSP.
- Burchinal, M. R.; Peisner-Feinberg, E.; Pianta, R. y Howes, C. (2002) Development of academic skills from preschool through second grade: family and classroom predictors of developmental trajectories, *Journal of School Psychology*, 40, 415-436.
- Canavarro, M. C. & Pereira, A. I. (2007). A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *RIDEP*, n.º24. Vol.2, 193-210.
- Cecconello, A. M. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

- Chan, S. M., Bowes, J. & Wyver, S. (2009). Chinese parenting in Hong Kong: links among goals, beliefs and styles. *Early Child Development and Care*, 179 (7), 849-862.
- Chan, K. W. & Chan, S. M. (2009). Emotional autonomy and perceived parenting styles: relational analysis in the Hong Kong cultural context. *Asia Pacific Educational Review*, 10, 433-443.
- Chao, R. K. (1994). Beyond parental control and authoritarian parenting style: Understanding Chinese parenting through the cultural notion of training. *Child Development*, 65, 1111-1119.
- Chitas, V. C. (1998). *Práticas educativas parentais e comportamento social da criança*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.
- Cia, F., Pereira, C. S., Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais filho. *Psicologia em Estudo*, 11 (1), 73-81.
- Claes, M., Lacourse, E., Bouchard, C. & Perucchini, P. (2003). Parental practices in late adolescence, a comparison of three countries: Canada, France and Italy. *Journal of Adolescence*, 26, 387-399.
- Conrade, G. & Ho, R. (2001). Differential parenting styles for fathers and mothers: Differential treatment for sons and daughters. *Australian Journal of Psychology*, 53 (1), 29-35.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as a context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.
- Diário da República (2009). *Decreto-Lei n.º 281/2009*, Diário da República, 1.ª Série, N.º 193 – 6 de Outubro de 2009, pp. 7298 - 7302.

Diário da República (2011). *Decreto-Lei n.º 66/2011*, Diário da República, 2ª Série, N.º 78 – 20 de Abril de 2011, pp. 17931 – 17936.

Esteves, A. S. C. M. (2010). *Estilos Parentais e coparentalidade: um estudo exploratório de casais portugueses*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa.

Freitas, A. P. C. O. (2008). *Práticas educativas parentais em relação ao filho único e ao primogénito em famílias com dois filhos*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia, Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Gomes, M. I. M. (2010). *(Des)Complexificando os estilos parentais – com pais casados e pais divorciados/separados*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Gomes, I. C. & Paiva, M. L. S. C. (2003). Casamento e família no século XXI: Possibilidade de holding? *Psicologia em Estudo*, 8, 3-9.

Grigorenko, E. L. & Sternberg, R. J. (2000). Elucidating the etiology and nature of beliefs about parenting styles. *Developmental Science*, 3 (1), 93-112.

Gryczkowski, M. R. & Jordan, S. S. (2010). Differential relations between mother's and father's parenting practices and child externalizing behavior. *Journal Child Family Study*, 19, 539-546.

Hashima, P. Y. & Amato, P. R. (1994). Poverty, social support, and parental behavior. *Child Development*, 65, 394-403

Hein, C. & Lewko, J. H. (1994). Gender differences in factors related to parenting style: a study for high performing science students. *Journal of Adolescence Research*, 9 (2), 262-281.

Irma, G. C. (2006). Representaciones sociales, valores y prácticas parentales educativas: Perspectiva de madres de adolescentes embarazadas. *La Ventada*, 23, 166-212.

- Izzedin, R. B. & Pachajoa, A. L. (2009). Pautas, prácticas y creencias acerca de crianza... Ayer e Hoy. *Liberabit*, 15 (2), 109-115.
- Kaufmann, D. B.A., Gesten, E., Lucia, R. C. S. M. A., Salcedo, O. M. A., Redina-Gobioff, G. B. A., Gadd, R. M. A. (2000). The relationship between parentign style and children's adjustment: The parent's perspective. *Journal of Child and Family Studies*, 9 (2), 231-245.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L. D., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.
- Leaper, C. (2002). Parenting Girls and Boys. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting, Vol. 1: Children and Parenting* (pp.189-225). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Lewis, C. & Lamb, M. E. (2003). Fathers influences on children's development: The evidence form two-parent families. *European Journal of Psychology of Education*, 18 (2), 211-228.
- Linares, M. C. C. G., Pelegrina, S. & Lendínez, J. (2002). Los estilos educativos de los padres y la competencia psicossocial de los adolescentes. *Anuario de Psicología*, 33 (1), 79-95.
- Henao, G. C. L., Ramírez, C. P. & Ramírez, L. A. R. N. (2007). Las prácticas educativas familiares como facilitadoras del proceso de desarrollo en el niño y niña. *Medellin*, 7 (2), 199-385.
- López, E. F. (1998). La familia, nuevo contexto educativo entre el conflicto y la esperanza. *Revista Complutense de Educación*, 9(2), 79-100.
- Magalhães, I. & Fonte, C. (2007) Estudo do consumo de droga na adolescência e os estilos educativos parentais: implicações para prevenção. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 4 (6), 320-330.

- Marin, A. H. (2009). *Estabilidade e mudança nas práticas educativas maternas e paternas ao longo dos anos pré-escolares e a sua relação com a competência social infantil*. Dissertação de Doutorado apresentada à Universidade Federal do Rio grande do sul, Porto Alegre, Brasil.
- Martínez, I. S. (2005). *Estudio transcultural de los estilos de socialización parental*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Castilla-La Mancha, Cuenca.
- McKinney, C. & Renk, K. (2008). Differential Parenting Between Mothers and Fathers: Implications for Late Adolescents. *Journal of Family Issues*, 29 (6), 1-22.
- Modecki, K. L. & Wilson, M. N. (2009). Associations between individual and family level characteristics and parenting practices in incarcerated African American fathers. *Journal Child Family Study*, 18, 530-540.
- Montandon, C. (2005). As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. *Educação Social*, 26 (91), 485-507.
- Pacheco, J. T. B., Silveira, L. M. O. B. & Schneider, A. M. A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39 (1), 66-73.
- Piccinini, C. A., Alvarenga, P., Lopes, R. S., Tudge, J. (2007). Práticas educativas de pais e mães de crianças aos 18 meses de idade. *Psicologia; Teoria e Pesquisa*, 23 (4), 369-378.
- Piccinini, C. A., Castro, E. K., Alvarenga, P., Vargas, S. & Oliveira, V. Z. (2003). A doença crônica orgânica na infância e as práticas educativas maternas. *Estudos de Psicologia*, 8 (1), 75-83.
- Piovanotti, M. R. A. (2007). Crenças maternas sobre as práticas de cuidado parental e metas de socialização infantil. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

- Pellerin, L. A. (2005). Applying Baumrind's parenting typology to high schools: toward a middle-range theory of authoritative socialization. *Social Science Research, 34*, 283-303.
- Pereira, A. I. F. (2010). Crescer em Relação: Estilos Parentais Educativos, Apoio Social e Ajustamento. Estudo longitudinal com crianças em idade escolar. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pilz, E. M. L. & Schermann, L. B. (2007). Determinantes biológicos e ambientais em uma amostra de crianças de canoas. *Ciência e Saúde Colectiva, 12* (001), 181-190
- Relvas, A. P. & Alarcão, M. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.
- Rodríguez, M. D., Davis, M. R., Rodríguez, J., & Bates, S.C. (2006). Observed parenting practices of first-generation Latino families. *Journal of Community Psychology, 34*, 133-148.
- Sampaio, I. T. A. (2007). *A influência do género e ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Silveira, L. M. O. B., Pacheco, J., Cruz, T. & Schneider, A. A. (2005). Estratégias educativas desejáveis e indesejáveis: uma comparação entre a percepção de pais e mães de adolescentes. *Aletheia, 21*, 31-42.
- Spera, C. (2005). A review of the relationship among parenting practices, parenting styles, and adolescent school achievement. *Educational Psychology Review, 17* (2), 125-146.
- Steinberg, L. D., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., & Dornbusch, S. M. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development, 65*, 754-770.

- Tomás, C. A. (2001). A transformação da infância e da educação: algumas reflexões sócio-históricas. *Paidéia*, 11 (20), 69-72.
- Torío, S. L., Peña, J. V. C., & Inda, M. C. (2008). Estilos de educación familiar. *Psicothema*, 20 (1), 62-70.
- Torío, S. L., Peña, J. V. C., & Rodríguez, M. C. M. (2008). Estilos educativos parentales: Revisión bibliográfica y reformulación teórica. *Teoría educacional*, 20, 151-178.
- Wagner, A., Predebon, J., Falcke, D. (2006). Transgeracionalidade e educação: como se perpetua a família? In. A. Wagner (Org), *Como se perpetua a família?* (pp. 93-105). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Weber, L. N. D., Prado, P. M. M. Viezzer, A. P. & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 17 (3), 323-331.
- Weber, L. N. D., Viezzer, A. P. & Brandenburg, O. J. (2004). O uso de palmadas e surras como prática educativas. *Estudos de Psicologia*, 9 (2), 227-237.
- Winsler, A., Madigan, A. L. & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20 (1): 1-12.
- Xia, G. & Qian, M. (2001). The relationship of parenting style to self-reported mental health among two subcultures of Chinese. *Journal of Adolescence*, 24, 251-260.

Anexos

Anexo I – Informação e Questionário de Caracterização Pessoal - PEF-A



Por favor, leia com atenção antes de iniciar:

A escala apresentada é constituída por cinco grupos de Situações (*Situação n.º1 Quando se inicia algo novo; Situação n.º2 Ruptura de Rotinas; Situação n.º3 Quando vai dormir; Situação n.º4 Quando contam ou mostram algo; Situação n.º5 Quando brincam*), em cada uma delas existem 3 histórias onde encontra hipotéticas que possuem 6 opções de resposta, e pedimos-lhe que assinale todos os quadrados de acordo com o **nível de frequência** (*que varia entre 0 Nunca, 1 Raramente, 2 Algumas Vezes, 3 Muitas Vezes, 4 Quase Sempre e 5 Sempre*) que se comporta assim para com o seu filho/filha.

Solicitamos que imagine que são situações reais com o seu filho/filha e assinale as respostas de acordo com o que faz nessas situações. É fundamental que responda a todas as questões, caso contrário este documento será considerado inválido, e todo o esforço para o/a contactar e para colaborar connosco será infrutífero. Precisarás de cerca de 20 minutos para preencher o documento.

A **confidencialidade é totalmente garantida** não lhe sendo pedido o seu nome, números de telefone ou residência, existirá apenas um código no canto superior direito que permitirá o posterior agrupamento com a escala preenchida pelo seu filho/filha.

O objectivo é o de aferir e adaptar um instrumento de origem espanhola (*PEF: Práticas Educativas Familiares*) para a população portuguesa, no âmbito da realização de uma Tese de Mestrado em Psicologia da Educação, na Universidade de Évora.

Desde já, obrigada pela sua colaboração!

Dados socio-demográficos

Cód.

Assinale com um X

Grau de parentesco:

Mãe

Pai

Outro

Qual? _____

Idade _____

Número de filhos _____

Agregado Familiar _____

Estado Civil _____

Habilitações:

1º Ciclo (1º ao 4ºano)

2º Ciclo (5º e 6ºano)

3º Ciclo (7º ao 9ºano)

Ensino Secundário (10º ao 12ºano)

Ensino Superior

Anexo II – Escala PEF-A (versão portuguesa)

Práticas Educativas Familiares – Escala para Adultos

(Alonso, J. G & Róman, J. M. S. adaptado por Franco, V.; Melo, M.; Carapinha, M. & Fernandes, A)

Situação nº1

QUANDO INICIA ALGO NOVO

A – Conflito Externo

“O/A seu/sua filho/a sabe que nesta idade já deve aprender a vestir-se sozinho/a. Imagine que hoje estreia uma camisa nova e os botões têm uma forma diferente e são um pouco mais difíceis de abotoar. Ele/Ela queixa-se e pede ajuda.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
1. Penso que se o/a ajudasse ficava a depender excessivamente de mim. Deve fazê-lo sozinho/a.						
2. Já que os botões são mais difíceis e era a primeira vez, ensinava-o/a e enquanto existisse interesse da parte dele/a, incentivava-o/a e ajudava a terminar.						
3. Se o faz habitualmente e nesse dia diz que são mais difíceis, não teria dúvidas e abotoava-os eu.						
4. Não via necessidade de ajudá-lo/a porque se todos os dias o faz, deve ser uma birra e não se pode ceder aos seus caprichos.						
5. Se reclama é porque tem razão e são mais difíceis de abotoar, assim abotoava-os sem necessitar de perder tempo a discutir.						
6. Primeiro comprovava se tinha razão. Se assim fosse ensinava-o/a, para que pudesse ir fazendo sozinho/a pouco a pouco. Se fosse necessário ajudava-o/a.						

B – Conflito Interno

“Imagine que o seu filho/a pela primeira vez tem de ir passar a noite a casa de umas crianças que não conhece. É muito tímido/a e faltam apenas de 10 dias. Chora, zanga-se e começa a ter pesadelos.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
7. Quando se põe tão nervoso/a o melhor é não dar importância. Quando tudo tivesse passado certamente que via a situação de forma diferente.						
8. Obrigá-lo/a podia ser prejudicial. O melhor seria levá-lo/a connosco ou adiar. Esperava que fosse mais crescido.						
9. Pouco a pouco devemos dar-lhe a possibilidade de socializar. O melhor seria fazê-lo devagar e deixá-lo/a por alguns momentos ou até algumas tardes completas.						
10. Penso que deve fazer um esforço para relacionar-se com todas as pessoas. Para já não cedia às suas queixas, assim nunca aprende.						
11. É preciso ter em conta a sua timidez. Iria uns dias antes para que pudesse conhecê-los e assim sentia-se mais seguro.						
12. Não é necessário fazê-lo/a sofrer desta forma. À medida que for crescendo vai vencer a sua timidez. Não o deixava ficar em casa desses amigos!						

C – Transgressão/Incumprimento de Regras

“Imagine que pela primeira vez o/a seu/sua filho/a vai comer fora de casa algo que é difícil comer com os talheres. Como gosta muito decide fazê-lo com as mãos.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
13. Sendo a primeira vez não posso esperar que o faça de forma correcta. Ensinava-o/a mas cortava os alimentos para que comesse sozinho/a.						
14. Se realmente fosse difícil, ensinava-o/a como fazer e facilitava um pouco para que fosse aprendendo.						
15. Se nunca o fez seria normal essa atitude. O importante é que coma tudo e que tenhamos uma refeição tranquila. Deixava que comesse com as mãos.						
16. Há que ter em conta a sua idade. Penso que não havia inconveniente em dar-lhe de comer e evitar problemas à mesa.						
17. Desde início que deve aprender a fazê-lo bem. Explicava-lhe como se fazia e demonstrava-lhe. Caso contrário retirava-lhe o prato.						
18. Deve ter regras mínimas à mesa. Se fosse necessário não deixava que comesse até que soubesse fazê-lo correctamente.						

Situação nº2
QUEBRA NAS ROTINAS

A – Conflito Externo

“Imagine que aconteceu algo na sua família. O/A seu/sua filho/a acaba de chegar do/a jardim-de-infância/escola e em casa há um ambiente muito tenso. O telefone não pára de tocar e há pessoas a entrar e a sair de casa consecutivamente.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
19. O melhor seria levá-lo para fora de casa e esperar que tudo acalmasse. Mais tarde, novamente em casa, se me perguntasse explicava-lhe o que tinha acontecido.						
20. Deve participar nos acontecimentos familiares desde pequeno. Estava presente como mais um membro da família.						
21. Nesta idade o mais conveniente é evitar sofrimentos inúteis. Neste momento não penso que devia explicar-lhe o que aconteceu.						
22. Falava com ele com naturalidade. À medida que fosse vendo a sua reacção ia deixando que participasse e que se apercebesse de mais detalhes.						
23. Deve ser um de nós a dizer-lhe em vez de descobrir por outras pessoas ou dar asas à sua imaginação.						
24. Não se deve esconder-lhe coisas. Deve aprender a enfrentar as diferentes experiências ao longo da sua vida por mais duras que sejam.						

B – Conflito Interno

“Imagine que o/a seu/sua filho/a é muito nervoso/a e hoje celebra o seu aniversário. Por acaso coincide com a chegada de familiares que não vê há alguns meses. Leva tempo a preparar tudo e ele/a não pára de chatear e de andar de um lado para o outro.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
25. Há que ter em conta a importância que este dia tem para ele/a. Mantinha-o/a ocupado/a colaborando nos preparativos.						
26. Se lhe dissesse alguma coisa ficava ainda mais nervoso/a e portava-se pior. O melhor era deixá-lo ficar a ver um filme ou televisão.						
27. Conhecendo-o/a, o melhor era levá-lo/a ao parque ou procurar fazer actividades físicas para que ficasse mais calmo/a.						
28. Deve aprender a controlar-se. Teria que chamá-lo/a à atenção e se continuasse a protestar e a portar-se mal, castigava-o/a.						
29. Acontece sempre o mesmo quando há uma mudança na rotina. Para evitar que o repita ou para diminuir este comportamento, castigava-o/a sem festa de aniversário.						
30. É normal que esteja assim, não podia evitar o seu comportamento. Não há necessidade de ralhar ou castigar. O melhor era não dar importância.						

C – Transgressão/Incumprimento de Regras

“Imagine que está em viagem com outra família com crianças da mesma idade que o/a seu/sua filho/a. Está tudo a correr bem mas o seu comportamento não é o mesmo que em casa e precisa de chamá-lo/a à atenção constantemente.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
31. Devia ser um pouco mais benevolente. No entanto, há que definir regras claras e comuns a todos, mesmo que sejam regras mínimas.						
32. É normal que se comporte pior. Fingia que não via e procurava separá-los dos adultos para perturbarem menos.						
33. Não há razão para não cumprir regras por estarmos em viagem ou fora das rotinas. Assim, castigava-o/a e separava-o/a das restantes crianças.						
34. Deve aprender a adaptar-se a todas as situações, sem perder os seus hábitos de disciplina. Se continuasse ficava no carro ou no hotel.						
35. É uma satisfação vê-lo/a tão feliz. Quando vamos de viagem procuramos que seja para desfrutar e descansar. Evitava discussões e brigas.						
36. Não se pode pedir o mesmo que em casa. Também temos de ter em conta se as regras são iguais para todas as crianças.						

Situação nº3
QUANDO VÃO PARA DORMIR

A – Conflito Externo

“Imagine que acaba de chegar a casa uma visita que trouxe uma prenda para o/a seu/sua filho/a. Ele/a Começa a brincar exactamente na altura de ir para a cama. Pede que o/a deixem estar um pouco mais.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
37. Em ocasiões como esta não o/a mandava para a cama. Deixava-o/a ficar a brincar com o presente novo.						
38. Independentemente do motivo a hora de ir para a cama deve manter-se sempre fixa para criar hábito.						
39. O horário de ir dormir deve ser fixo. Se ceder nesta ocasião permito que a situação se repita mais vezes.						
40. A visita e a prenda deixaram-no/a muito contente, é uma pena obrigá-lo/a a deixar de brincar agora. Consentia que ficasse mais um pouco.						
41. Não seria um problema porque era um dia especial. Falava com ele/ela para que entendesse esse momento como algo excepcional.						
42. Definia um tempo limite racional para terminar de brincar e negociava com ele/ela que passado esse tempo tinha de se ir deitar.						

B – Conflito Interno

“Imagine que hoje o/a seu/sua filho/a está muito triste porque não o/a convidaram para uma festa de aniversário. Vai ser num sítio que gosta muito e há vários dias que esperava por isso. Por esse motivo custa-lhe ir para a cama.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
43. Procurava estar com ele/ela. Se fosse necessário deixava a porta aberta para que se sentisse um pouco melhor						
44. Nessa noite acompanhava-o/a e ficava um pouco com ele/ela no quarto até que ficasse mais calmo/a.						
45. A televisão podia fazer com que se esquecesse de tudo. Deixava que a visse o tempo que precisasse para depois ir dormir.						
46. Deixava que ficasse no sofá da sala até ter sono para ir dormir ou até adormecer no sofá.						
47. Dar importância era aumentar o problema. O melhor era agir da mesma forma que nos outros dias. A hora de dormir é fixa.						
48. Todos temos dias bons e maus e ele/ela tinha de aprender a aceitar isso. O seu horário não deve mudar por um dia mau.						

C – Transgressão/Incumprimento de Regras

“Imagine que o/a seu/sua filho/a está a ver televisão e que vai começar o seu programa favorito mesmo no momento em que deve ir para a cama. Grita muito zangado/a e atira com as coisas.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
49. A forma mais eficaz de acabar com as birras é dar-lhe uma palmada e castigá-lo/a sem ver mais televisão durante toda a semana.						
50. É normal que reaja assim se lhe pedir para ir dormir no momento mais inoportuno. A culpa não é dele/dela.						
51. Já que é o programa que ele/ela mais gosta, podia entender a sua reacção. Penso que não devia obrigá-lo/a a ir para a cama nessa situação.						
52. Não se pode ceder aos seus caprichos e birras. Ia para a cama imediatamente e no dia seguinte deitava-se mais cedo, como castigo.						
53. Se estava previsto ir nesse momento para a cama então devia fazê-lo. Quando estivesse mais calmo/a explicava-lhe a situação.						
54. Preocupava-me que reagisse com uma birra, mas entendo a frustração que em parte se justifica. Falava com ele ao deitar.						

Situação nº4
QUANDO CONTAM OU MOSTRAM ALGO

A – Conflito Externo

“Imagine que o/a seu/sua filho/a tem vontade de lhe contar o que se passou hoje no/na jardim-de-infância/escola: foi o primeiro/a a terminar o trabalho e a fazê-lo correctamente, por isso deram-lhe um prémio. Quando ele/ela chega a casa não pode dar-lhe atenção.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
55. Se realmente não pudesse dar-lhe atenção, pedia-lhe que me deixasse terminar o que estava a fazer.						
56. Dizia que se soubesse esperar podia estar com ele/ela depois. Explicava-lhe que tinha interesse em que me contasse tudo.						
57. Não ia gostar que me fizesse perder tempo, por isso ralhava-lhe e no caso de não me entender e me desobedecer, castigava-o/a.						
58. Explicava-lhe que nesse momento não podia dar-lhe atenção, mas que depois podia ouvi-lo/a com toda a atenção se me deixasse terminar.						
59. Nesse caso o melhor era colocá-lo/a a ver televisão e mantê-lo/a ocupado para evitar discussões.						
60. Deixava o que estava a fazer para lhe dar atenção imediatamente para que ele/a não se zangasse por não entender que eu estava ocupado/a.						

B – Conflito Interno

“Imagine que o/a seu/sua filho/a está muito inseguro/a e acaba de terminar um desenho que tem de entregar na escola e não lhe correu muito bem. Antes de guardá-lo quer saber a sua opinião.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
61. Tendo em conta a sua insegurança, animava-o/a e sentava-me com ele/a para explicar-lhe como corrigir os erros.						
62. Procuo sempre animá-lo/a e dizer-lhe que o faz muito bem e que deve continuar assim. Há que valorizar o seu esforço.						
63. Dizia-lhe que estava muito bem feito para que não desanimasse e se zangasse comigo ou com ele/a mesmo/a.						
64. Fazia com que visse todos os aspectos positivos e mostrava o que estava mal enquanto lhe ensinava como fazê-lo.						
65. Com a idade que tem pode fazer melhor. Assim, o melhor era apagá-lo para o fazer novamente com mais empenho.						
66. Dizia-lhe que não entregasse o desenho. Devia repeti-lo para aprender a fazê-lo melhor. Não devemos esconder quando erra.						

C – Transgressão/Incumprimento de Regras

“Imagine que hoje o/a seu/sua filho/a vem muito depressa para lhe contar alguma coisa: no/na jardim-de-infância/escola castigaram-no/a sem recreio, mas ele/ela diz que a culpa era de outro menino. Está triste e zangado/a com o seu educador/professor.

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
67. Se estava com um desgosto tão grande e tão zangado/a por algum motivo era. Compensava-o/a e ia falar com o/a jardim-de-infância/escola para que não cometessem mais injustiças.						
68. Ralhava-lhe porque acredito que o/a jardim-de-infância/escola sabe o que faz. E eu não devo interferir no trabalho do/da jardim-de-infância/escola.						
69. Se no/na jardim-de-infância/escola o/a castigaram é porque têm as suas razões e eu não devo duvidar disso por muito que ele/ela reclame.						
70. Se ele/ela diz que não tem a culpa é porque tem razão. Tranquilizava-o/a dizendo que devia perdoar pois alguém se enganou.						
71. Quando ele/ela estivesse mais calmo/a, arranjava tempo para estarmos os dois sozinhos e conversava com calma sobre o que tinha acontecido.						
72. O melhor era conhecer a sua versão e em caso de dúvida ia falar com o/a jardim-de-infância/escola para saber o que tinha acontecido realmente.						

Situação nº 5
QUANDO BRINCAM

A – Conflito Externo

“Imagine que o/a seu/sua filho/a quer brincar consigo mesmo na hora em que está a descansar. Aproxima-se com um jogo e pede de forma muito carinhosa para que brinque com ele/ela.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
73. Demonstrava alegria por estar com ele/ela e dizia que gostava muito de brincar mas só quando terminasse de descansar.						
74. Se ele/ela tem vontade de brincar comigo nesse momento e se pediu carinhosamente, sem dúvida que deixava de descansar e brincava com ele/a.						
75. Ralhava-lhe para que aprendesse a respeitar também as vontades e o descanso das outras pessoas e pedia que me deixasse.						
76. Não se pode fazer sempre o que quer. Retirava-lhe o jogo e dizia-lhe que me deixasse descansar sem incomodar.						
77. Explicava-lhe que se fosse capaz de esperar sem incomodar que podíamos brincar ao que quisesse depois de descansar.						
78. Ficava chateado/a mas cedia. Custa-me decepcioná-lo/a quando vem tão contente buscar-me para brincar.						

B – Conflito Interno

“Imagine que o/a seu/sua filho/a é muito ciumento/a e que está a brincar com o menino/a de quem tem ciúmes e que é mais novo. Zanga-se porque acredita que o/a outro/a obtém sempre o melhor e dão-lhe razão com mais frequência.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
79. Tentava convencê-lo/a que não tinha razão. Compensava-o/a de alguma forma e ralhava ao outro/a menino/a.						
80. Ralhava-lhe por não saber ver as coisas como são e castigava-o/a proibindo-o/a de brincar até que aprendesse e pedisse desculpa.						
81. Tem de aprender a não ser tão ciumento/a. Se não sabe brincar com outros meninos tinha de brincar sozinho/a.						
82. O pior nele são esses ciúmes sem sentido. Assim, procurava consolá-lo/a e fazia-o/a ver que o outro tinha razão.						
83. Evitava fazer comentários comparativos à frente deles e tentava explicar-lhe as vantagens e desvantagens de cada idade.						
84. Sentava-me com eles a brincar para que vissem que tudo se pode dividir de forma igual e não dava razão a nenhum dos dois.						

C – Transgressão/Incumprimento de Regras

“Imagine que o/a seus/sua filho/a está a brincar no parque com outros meninos da sua idade e estão a brigar-se por um brinquedo que é dele/dela. Pede a sua ajuda para conseguir o brinquedo.”

O que fazia?	Frequência					
	0	1	2	3	4	5
85. Não lhe dava razão. Tem de aprender a brincar com os outros. Castigava-o/a por não saber partilhar.						
86. Não suporto vê-lo/a passar mal quando tem razão. Separava-os e dava-lhe o brinquedo. Os outros também devem aprender a respeitar o que não lhes pertence.						
87. Ia retirar o brinquedo da briga. Se não aprende a brincar com os outros tinha de ir para casa.						
88. Procurava não intervir a não ser que fosse mesmo necessário e nesse caso tentava que negociassem entre eles.						
89. Se o brinquedo é dele/dela é normal que se zangue e brigue com os outros meninos. Iria ajudá-lo/a e consolá-lo/a.						
90. Tentava fazê-los pensar na solução que mais convinha a todos para que pudessem jogar todos juntos sem brigar.						

Anexo III - Informação e Questionário de Caracterização Pessoal - PEF-H



Lê com atenção antes de iniciares:

A escala apresentada é constituída por cinco grupos de Situações (*Situação n.º1 Quando se inicia algo novo; Situação n.º2 Ruptura de Rotinas; Situação n.º3 Quando vai dormir; Situação n.º4 Quando contam ou mostram algo; Situação n.º5 Quando brincam*), em cada uma delas existem 3 histórias onde encontras 3 possibilidades de resposta para cada uma delas. Pedimos-te que das três opções de resposta **escolhas uma em relação ao teu pai e à tua mãe.**

Queremos que imagines que essas situações são reais e que assinales a resposta em relação àquilo que pensas que a tua mãe e o teu pai fariam nessa situação. É importante que respondas a todas as questões, caso contrário este documento não será considerado. Precisas de cerca de 10 minutos para preencher o documento.

A **confidencialidade é totalmente garantida** não te será pedido o teu nome, números de telefone ou morada de residência, existirá apenas um código que permitirá agrupar a tua escala com a escala preenchida pelo teu pai e pela tua mãe.

O objectivo é o de aferir e adaptar um instrumento de origem espanhola (*PEF: Práticas Educativas Familiares*) para a população portuguesa, no âmbito da realização de uma Tese de Mestrado em Psicologia da Educação, na Universidade de Évora.

Desde já, obrigada pela tua colaboração!

Dados sócio-demográficos

Assinala com um X

Cód.

Sexo: Masculino Feminino

Data de Nascimento: _____

Número de Irmãos: _____

Com quem vives: _____

Ano de Escolaridade: _____

Anexo IV – Escala PEH-H (versão portuguesa)

Práticas Educativas Familiares – Escala para Crianças

(Alonso, J. G. & Román, J. M. S. adaptado por Franco, V.; Melo, M.; Carapinha, M. & Fernandes, A.)

Situação nº1

QUANDO INICIA ALGO NOVO

A – Conflito Externo

“Imagina que hoje estreias uma camisa nova e os botões são um pouco mais difíceis de abotoar. Queixas-te e pedes ajuda.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
1. Ralhava-te e dizia-te que abotoasses a camisa da mesma forma que nos outros dias.		
2. Aproximava-se para ver se tinhas razão e se fosse verdade ensinava-te a abotoar a camisa.		
3. Não duvidava que não conseguisses e abotoava-tos.		

B – Conflito Interno

“Imagina que és muito envergonhado/a e que tens de ir dormir a casa de uns meninos que não conheces. Assustas-te tanto que choras, zangas-te e até tens pesadelos.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
4. Ficava com pena e não te levava.		
5. Levava-te primeiro a conhecê-los.		
6. Dizia-te para ires de qualquer forma.		

C – Transgressão/Incumprimento de Regras

“Imagina que vais almoçar ou jantar fora de casa e pela primeira vez vais comer algo que é muito difícil de comer com os talheres. Decides comer com as mãos.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
7. Deixava que comesses como quisesses, ou dava-te a comida.		
8. Por ser a primeira vez, ensinava-te e ajudava-te.		
9. Dizia-te como tinhas que fazer e não te deixava comer de outra forma, senão com os talheres.		

Situação nº2

QUEBRA NAS ROTINAS

A – Conflito Externo

“Imagina que se passa alguma coisa na tua família. Não sabes o que é mas notas que ao chegar a casa todos andam muito nervosos e a falar entre eles.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
10. Vinha directamente ter contigo e contava-te pouco a pouco.		
11. Fosse o que fosse contava-te logo tudo.		
12. Não te contava nada. Só depois de passar algum tempo.		

B – Conflito Interno

“Imagina que és um/a menino/a muito nervoso/a e que hoje é o dia do teu aniversário. Estás muito contente mas não páras de incomodar e andar pela casa.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
13. Fazia com que estivesse entretido para que pudesses andar pela casa sem chatear.		
14. Ralhava-te e se não te portasses bem castigava-te sem festa de aniversário.		
15. Não te ralhava. Colocava-te a ver televisão para que não chateasses.		

C – Transgressão/Incumprimento de Regras

“Imagina que estás de viagem com uns amigos dos teus pais que têm filhos da tua idade. Está tudo a correr bem mas tu portas-te muito pior do que em casa.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
16. Não te ralhava nem te castigava.		
17. Dizia-te aquilo que podes e não podes fazer.		
18. Castigava-te não te deixando brincar com eles.		

Situação nº3 QUANDO VÃO PARA A CAMA

A – Conflito Externo

“Imagina que acaba de chegar uma visita que te traz uma prenda. Mesmo quando começas a brincar é hora de ir dormir. Pedes que te deixem ficar mais um pouco.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
19. Deixava que ficasses a brincar.		
20. Não deixava que ficasses a brincar.		
21. Deixava que ficasses mas só um pouco mais.		

B – Conflito Interno

“Imagina que estás muito triste porque não te convidaram para uma festa de aniversário. Estás tão triste que nessa noite tens dificuldade em ir dormir.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
22. Levava-te para a cama e falava contigo.		
23. Mandava-te ir para a cama como sempre.		
24. Deixava que ficasses a ver televisão.		

C – Transgressão/Incumprimento de Regras

“Imagina que estás a ver televisão e que mesmo quando começa o programa que mais gostas dizem-te para ires para a cama. Zangas-te, gritas e atiras com as coisas.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
25. Deixava que ficasses e não te ralhava.		
26. Mandava-te para a cama e castigava-te por te teres portado mal.		
27. Ralhava-te e mandava-te para a cama mas ia falar contigo.		

Situação nº4 QUANDO CONTAM OU MOSTRAM ALGO

A – Conflito Externo

“Imagina que tens vontade de contar algo muito importante que te aconteceu no/na jardim-de-infância/escola. Ao chegares a casa o/a pai/mãe está ocupado/a e não pode dar-te atenção.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
28. Ralhava-te por estares a chatear.		
29. Explicava-te que se o/a deixasses terminar poderia dar-te atenção depois.		
30. Deixava o que estava a fazer para dar-te atenção.		

B – Conflito Interno

“Imagina que acabas de terminar um desenho e que não o fizeste muito bem, ficou razoável. Vais mostrá-lo para saber a sua opinião.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
31. Primeiro dizia-te o que estava bem e depois ensinava-te a fazer melhor.		
32. Dizia-te para repetires tudo e fazeres melhor.		
33. Dizia-te que estava muito bom para não desanimares.		

C – Transgressão/Incumprimento de Regras

“Imagina que te castigaram no/na jardim-de-infância/escola e tu achas que não tinham razão. Queres contar em casa porque estás muito zangado/a.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
34. Dava razão ao/à jardim-de-infância/escola.		
35. Falava contigo para perceber melhor o que se tinha passado.		
36. Ia queixar-se ao/à jardim-de-infância/escola.		

**Situação nº 5
QUANDO BRINCAM**

A – Conflito Externo

“Imagina que queres brincar com o teu/tua pai/mãe quando ele/a está a descansar ou a fazer alguma coisa que lhe interessa.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
37. Ia brincar contigo.		
38. Zangava-se contigo.		
39. Pedia-te para esperares.		

B – Conflito Interno

“Imagina que estás a brincar com alguém com uma idade diferente da tua e zangas-te porque lhe dão sempre razão e é sempre ele que fica a ganhar. Vais queixar-te.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
40. Explicava-te o bom e o mau de cada idade e se pudesse brincava com vocês.		
41. Consolava-te e ralhava com o outro menino por ser sempre ele o culpado das tuas queixas.		
42. Castigava-te sem brincar para que aprendesses a brincar sem te queixares.		

C – Transgressão/Incumprimento de Regras

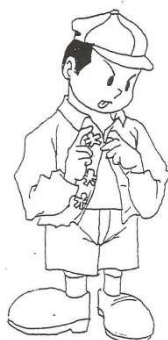
“Imagina que estás no parque a brincar com outros meninos e brigas-te com eles por causa de um brinquedo que é teu. Pedes ajuda.”

O que achas que fazia?	Pai	Mãe
43. Zangava-se e castigava-te não te deixando brincar para que aprendesses a partilhar.		
44. Não te dava razão mas fazia com que vissem que se brincassem juntos seria mais divertido.		
45. Ia ajudar-te a recuperar o brinquedo e consolava-te.		

Anexo V – Material Gráfico da Escala PEF-H (versão portuguesa)

Situação 1: Quando inicia algo novo

**1.A CONFLITO EXTERNO
QUANDO INICIA ALGO NOVO**



**1.B CONFLITO INTERNO
QUANDO INICIA ALGO NOVO**

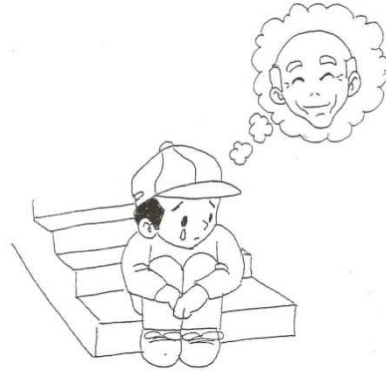


**1.C TRANSGRESSÃO DE REGRAS
QUANDO INICIA ALGO NOVO**



Situação 2: Quebra nas rotinas

**2.A CONFLITO EXTERNO
QUEBRA NAS ROTINAS**



**2.B CONFLITO INTERNO
QUEBRA NAS ROTINAS**



**2.C TRANSGRESSÃO DE REGRAS
QUEBRA NAS ROTINAS**



Situação 3: Quando vão dormir

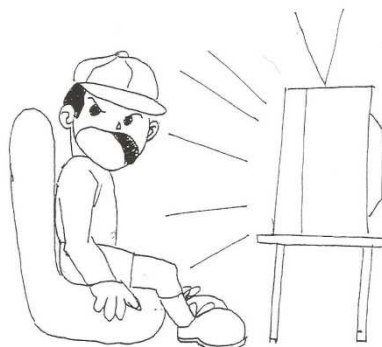
**3.A CONFLITO EXTERNO
QUANDO VÃO DORMIR**



**3.B CONFLITO EXTERNO
QUANDO VÃO DORMIR**



**3.C CONFLITO EXTERNO
QUANDO VÃO DORMIR**



Situação 4: Quando contam ou mostram algo

**4.A CONFLITO EXTERNO
QUANDO CONTAM OU MOSTRAM
ALGO**



**4.B CONFLITO INTERNO
QUANDO CONTAM OU MOSTRAM
ALGO**



**4.C TRANSGRESSÃO DE REGRAS
QUANDO CONTAM OU MOSTRAM
ALGO**



Situação 5: Quando brincam

**5.A CONFLITO EXTERNO
QUANDO BRINCAM**



**5.B CONFLITO INTERNO
QUANDO BRINCAM**



**5.C TRANSGRESSÃO DE REGRAS
QUANDO BRINCAM**



Situação 1: Quando inicia algo novo

**1.A CONFLITO EXTERNO
QUANDO INICIA ALGO NOVO**



**1.B CONFLITO INTERNO
QUANDO INICIA ALGO NOVO**

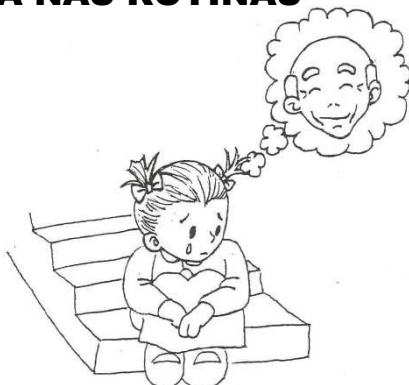


**1.C TRANSGRESSÃO DE REGRAS
QUANDO INICIA ALGO NOVO**



Situação 2: Quebra nas rotinas

**2.A CONFLITO EXTERNO
QUEBRA NAS ROTINAS**



**2.B CONFLITO INTERNO
QUEBRA NAS ROTINAS**



**2.C TRANSGRESSÃO DE REGRAS
QUEBRA NAS ROTINAS**



Situação 4: Quando contam ou mostram algo

**4.A CONFLITO EXTERNO
QUANDO CONTAM OU MOSTRAM
ALGO**



**4.B CONFLITO INTERNO
QUANDO CONTAM OU MOSTRAM
ALGO**



**4.C TRANSGRESSÃO DE REGRAS
QUANDO CONTAM OU MOSTRAM
ALGO**



Situação 5: Quando brincam

**5.A CONFLITO EXTERNO
QUANDO BRINCAM**



**5.B CONFLITO INTERNO
QUANO BRINCAM**



**5.C TRANSGRESSÃO DE REGRAS
QUANDO BRINCAM**



